NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: UM ENSAIO DE NELLY NOVAES COELHO

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 612 ANO 48.º UM ESCUDO

amanhã anda a roda

"TALUDA" 4 MIL CONTOS!

A U.R.S.S. preparada para usar a aviação contra os chineses

MOSCOVO, 20 — (F. P.) — No caso de um novo ataque chinês contra a ilha Damanski o Exército soviético já poderá utilizar a aviação e blindados pesados. É o que se depreende de uma reportagem do jornal «Komsomolskaya Pravda» acerca da vida da guarnição de Nijnemikhailovka o posto fronteiriço soviético situado em frente da Ilha Damanski.

O órgão das Juventudes comunistas declara com efeito «que após cada (alerta) provocada pelos tiros isolados, passou a ouvir-se o barulho dos motores ds tanques e o ruído dos aviões».

O jornal acrescenta, por outro lado, que as guarnições dos arredores da Ilha Damanski continuam de prevenção.

É a primeira vez que a Imprensa soviética se refere á presença de aviões e de tanques na região de Ussuri, onde decorreram os acontecimentos sangrentos de 2 e 15 de Março.

A presença destes blindados e da Aviação, permite supor que, não só os chineses concentraram, segundo certas fontes, os efectivos de uma divisão perto da ilha Damanski. Também, o Estado-Maior soviético tomou medidas semelhantes

RETALIAÇÃO NUCLEAR?

LONDRES, 20 — (F. P.) — A União Soviética teria ameaçado a China com represálias atómicas, se este país continuasse a provocar incidentes graves na fronteira, indica hoje o «Guardian» em artigo exclusivo do seu especialista de política dos países comunistas, Victor Zorza, publicado na primeira página.

(Continua na 14.ª página)

Antes da largada, pouco depois das 15 horas de hoje, o descendente de Pedro Alvares Cabral, Vasco António Cabral Câmara Pereira (Belmonte) iça um pavilhão semelhante aos que seguiram na armada do seu antepassado, que, em 1500 descobriu oficialmente o Brasil, (Ler na última página)

Apesar da disputa fronteiriça russo-chinesa, a vida política continua. Guardas soviéticos em Damansky (ou Chen Pao) — a ilha no rio Ussuri cuja soberania é contestada pela U. R. S. S. e pela China — lançam os seus votos na urna durante as recentes eleições legislativas

Acesso da Banca portuguesa às operações cambiais a prazo no mercado internacional

preconizado pelo dr. Miguel Quina na assembleia do Banco de Crédito

(Ler na página central)

O governador civil de Lisboa fez críticas à corrupção no acto da posse do presidente da Câmara Municipal de Oeiras

Tomou hoje posse do seu cargo, o presidente da Câmara Municipal de Oeiras, dr. Manuel Henriques Mena de Matos, nomeado por portaria exarada na folha oficial, 2.ª série, de 14 do corrente.

A posse foi conferida pelo governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, que começou por se referir aos «graves problemas que afectam o município, os quais são por demais conhecidos».

A FALTA DE ESCRÚPULOS

«Senhor Presidente:

A hora actual não se compadece com a tibieza, a cobardia, a falta de escrúpulos. Tem V. Ex.ª mão firme para administrar e esclarecida inteligência para actuar. Não lhe falta, também, a lhaneza de trato e a sensibilidade humana, que tanto ajudam a resolver os mais difíceis problemas.

Quando há pouco fui nomeado para o cargo, por força do qual me encontro aqui neste momento, afirmei que é obrigação de todos nós zelar pelos interesses da comunidade, servindo, nos nossos postos, com a máxima firmeza e determinação.

Para tanto, torna-se indispensável que imprimamos ao nosso trabalho um ritmo dinâmico, que é o único que se coaduna com a vida trepidante dos nossos dias, em que o tempo

(Continua na pág. seguinte)

DEPOIS DA TEMPESTADE O SOL DA PRIMAVERA

Depois de um inverno longo e castigado, aí está a Primavera, a chegar às 19 e 8, pontual como sempre à hora que lhe marcam os equinócios e solstícios. Com ela vem a esperança em melhores dias. Quem não espera sempre, ao entrar a Primavera, que o amor leve a palma ao ódio, assim como as flores virão substituir o rosto agreste que a invernia deixou por toda a parte? Quem não espera, mesmo que secretamente se não iluda com a esperança? Agora, é o tempo que se transforma. Que mais virá a transformar-se, com esta Primavera que começa?

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

ACTO DE POSSE DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

(Continuação da pág. anterior)

se escoa tão vertiginosamente que há-de ser aproveitado até às mínimas parcelas, se quisermos realizar algo de positivo.

Muitos problemas afligem este vasto Concelho e, para que todos sejam resolvidos a contento, há que trabalhar árduamente, há que exigir colaboração e lealdade, não só a todos os que estão ligados aos Serviços da Camara, mas aos próprios munícipes, que serão os primeiros a auferir das vantagens que provêm de um bom entendimento entre todos.

A carência de edifícios escolares é um grave problema, que afecta muitas famílias deste Concelho e não permite que se dê cumprimento às disposições legais sobre a obrigatoriedade escolar. Há, pois, que fomentar a construção de escolas primárias, condição «sine qua non» para que haja ensino; e esta obrigação cabe, indiscutivelmente, à Camara Municipal. O futuro da Nação muito depende da instrução recebida pelas camadas mais jovens que, sem essa instrução básica, nunca se poderão tornar elementos válidos para o País.

O PROBLEMA HABITACIONAL

Também o problema habitacional tem de ser encarado de frente e com a ponderação que a sua acuidade requer. Já é tempo de, neste Conselho, se acabar com o espectáculo deprimente e confrangedor, que representa ver seres humanos a viver em barracas desprovidas do mínimo conforto indispensável.

E também já é tempo — mais do que tempo — de a Camara intervir, comprando terrenos que, depois de urbanizados, possa vender a preços acessíveis, de forma a permitir a construção de casas para as classes económicamente débeis, facilitando a chamada construção social, evitando as especulações e obstando, desse modo, ao aparecimento de outras Brandoas.

Mas a verdade é que não se pode imputar, unica e exclusivamente, a uma falta de acção ou de intervenção referidas, o aparecimento das construções clandestinas, sobretudo das do tipo que constituem o «vistoso» núcleo da Brandoa; e nem mesmo à falta de realização de obras de urbanização, previstas há já cerca de 7 anos. Não, os grandes responsáveis são aqueles que, tendo, graças a Deus, boa vista, em certas paragens ficam completamente cegos... Ora essa cegueira, que a espaços se manifesta, tem de ser curada de uma vez para sempre...

UM GRÃO DE AREIA — PODE FAZER PARAR A MÁQUINA

Para que a sociedade seja íntegra, é imprescindível que todos os seus elementos o sejam. Um grão de areia, tanto pode fazer parar uma grande máquina, como desvalorizar o mais belo e puro cristal.

Portanto, há que afastar todos os grãos de areia.

Para atender aos legítimos anseios das populações, é condição essencial facilitar-lhes a vida. A situação dos povos que vivem afastados da sede do Conselho — lembro-me, por exemplo, da Amadora, com mais de 80 mil habitantes — tornar-se na verdade muito incómoda, pois têm de se deslocar à sede para tratar das coisas mais simples. Para obstar a este grande inconveniente, seria aconselhável — pelo menos para já e enquanto se não estudar uma solução mais perfeita — criar delegações da Camara nos centros mais populosos, onde se pudesse instalar o maior numero de serviços, ainda que não camararios, que, pela sua natureza, obrigam os munícipes a dirigirem-se-lhes frequentemente. De resto, esta necessidade já a tinha feito sentir ao seu antecessor.

Estes, alguns dos problemas mais importantes, que me ocorrem, pois muitos outros há, ainda.

Enfim, Senhor Presidente, trabalho não lhe vai faltar, mas estou certo de que boa-vontade e interesse, também não.

ESTES LUGARES NÃO SÃO VITALÍCIOS

Estes lugares são de nomeação, sim, mas não de nomeação vitalícia. A longa permanência, em certos postos, desgasta; e a rotina de muitos anos pode, até, tirar o entusiasmo e o vigor, o que virá facilitar que alguns, menos escrupulosos — que se servem, — sem servir — aproveitem das vantagens que a situação lhes proporciona, não tendo, portanto, outra preocupação que não seja a do próprio bem-estar, quantas vezes conseguido por meios mais ou menos inconfessáveis. Claro está que estes «servidores de si próprios» não são exclusivo nacional: existem em toda a parte. O que se torna indispensável é evitar que existam no nosso País, pois que a sua presença e as suas manobras, além de por si condenáveis, podem ensombrar o trabalho dos que têm a seu cargo a administração.

Os mandatos dos dirigentes não devem ser demasiado longos, embora tenham de vigorar o suficiente para permitir que se erga uma obra, o que, sem tempo, também se torna impossível.

Urge, pois, desmascarar e afastar todos os elementos perniciosos, se porventura os houver. Este, senhor Presidente, deve constituir um dos seus principais objectivos porque, se o não fizer, não conseguirá produzir obra util.

Para servir os povos, a máquina tem de estar em perfeitas condições de funcionamento. E porque tudo deve ser feito tendo em vista o interesse geral, é mister substituir as peças gastas ou de rendimento deficiente.»

O dr. Mena de Matos lendo o juramento, ao tomar posse do seu novo cargo, vendo-se à sua direita o governador civil de Lisboa

Terminou, falando muito entusiàsticamente do Presidente do Conselho, cujo rasgado elogio fez, aconselhando o novo presidente da Câmara a seguir o seu exemplo. Uma frase: «A voz do povo exalta Marcello Caetano, e a voz do povo é a voz de Deus!».

Respondendo, o empossado começou por agradecer a confiança que nele foi depositada, elogiando o dr. Afonso Marchueta, subordinando a primeira parte da sua exposição a um excerto do discurso de 27 de Novembro do chefe do Governo, que apela para uma mais larga expressão das opiniões. A propósito das novas funções que lhe incumbem, afirmou:

«O concelho não é só a sua sede»

«Não ignoro a complexidade dos problemas que se apresentam ao presidente da Camara de Oeiras. Alguns deles são do domínio publico.

Proponho-me estudá-los com serenidade e isenção, dentro das directrizes de V. Ex.ª, com o apoio dos outros órgãos administrativos e de todas as pessoas bem intencionadas do concelho, contando antecipadamente com a colaboração e a lealdade do funcionalismo municipal, sem jamais contemporizar com ambições injustificadas ou egoismos especulários».

Não considero possível definir desde já um pormenorizado programa de acção. É o contacto directo com as realidades e os problemas concretos dos munícipes que há-de tornar precisos os contornos das acções a empreender e a escala de prioridade que essas acções deverão respeitar.

Penso, no entanto, que não deverá esquecer-se que o concelho não é sòmente a sua sede, que será necessário eliminar essa espécie de abandono em que se encontram injustamente algumas localidades, carecidas de obras fundamentais à vida e ao bem-estar dos seus habitantes; que devemos contribuir, com todos os meios ao nosso alcance, para a união de todas as pessoas do concelho, com vista ao desejado interesse colectivo, local e nacional; que deverá cuidar-se dos problemas da informação e esclarecimento dos munícipes; que é preciso evitar, custe o que custar e doa a quem doer, a eclosão de problemas semelhantes ao de Brandoa, impedindo abusos, atropelos ou prepotências, mas sem nunca deixar de atender e facilitar a capacidade realizadora dos indivíduos de recta intenção, tudo de acordo com o consignado nos preceitos legais e, consequentemente, no âmbito de um espírito moralizante; que não poderemos permanecer estranhos ou indiferentes aos problemas de carácter social, assistenciais e de cultura existentes no concelho».

Terminou agradecendo a comparência de todos os presentes, que enchiam o salão nobre dos Paços do Conselho, encontrando-se mesmo muito publico a assistir à cerimónia fora daquele, em numero que podemos computar em mais duas centenas de pessoas.

O NEVOEIRO PREJUDICOU O TRÂNSITO NO AEROPORTO

A ultima manhã de Inverno «oficial» foi assinalada, em Lisboa, por um manto de nevoeiro que impediu, até pouco depois das 11 horas, a aterragem de cinco aviões vindos do outro lado do Atlântico, e dificultou a travessia do Tejo a milhares de pessoas

Daqueles cinco aviões, dois tiveram que divergir para Faro (o da K. L. M., vindo de Paramaribo, e o da Canadian Pacific, chegado de Montreal) e os três restantes, vindos de Nova York, escolheram Madrid para local de aterragem (voos da TWA, da Air France e da Alitália).

No Tejo, o tráfego fluvial foi feito, durante toda a manhã, pelos «cacilheiros» *Recordação*, *Rio Alva* e *Lisboa-Expresso*, os unicos que estão equipados com radar

Aspecto da visita do Sr. Presidente da República

VISITA DO CHEFE DO ESTADO À FÁBRICA DE TINTAS DE SACAVÉM
(TINTAS DYRUP)

Sua Excelência o Senhor Almirante Américo Thomaz, Chefe do Estado, procedeu no passado dia 13, pelas 15.30 horas, à inauguração oficial de um novo edifício onde passaram a funcionar as novas instalações dos Serviços Sociais e o complexo laboratorial da Fábrica de Tintas de Sacavém.

Ao acto estiveram também presentes os Senhores Ministro da Saúde, Secretário de Estado da Indústria, Embaixatriz da Dinamarca, Arcebispo de Cízico e outras altas individualidades ligadas ao Comércio, à Indústria e ao Trabalho e Corporações, além de inúmeros outros convidados.

A inauguração foi precedida por uma minuciosa visita às instalações fabris e administrativas. No edifício inaugurado o Senhor Presidente da República, depois de descerrar uma lápida comemorativa, percorreu as novas instalações dos laboratórios, o Central com as secções de «contrôle» e «análise» e o de Investigação e Pesquisa, interessando-se pelo funcionamento dos vários e modernos aparelhos de que os mesmos estão equipados e com os quais a Fábrica de Tintas de Sacavém mantém o prestígio e constância da alta qualidade dos produtos que fabrica com a marca «DYRUP».

A terminar, no amplo e moderno salão do refeitório, anexo a uma grande sala de fumo e convívio do pessoal, foi oferecido um beberete ao ilustre visitante e comitiva, no final do qual o presidente da assembleia geral da empresa, Senhor Prof. Belard da Fonseca, agradeceu a presença do Senhor Presidente da República e demais convidados.

Comunicado do S.I.P das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na provincia de Moçambique, o primeiro-cabo 14872558, Gabriel Jorge Silva.

Comunhão pascal dos cadetes da Academia Militar

Na capela da Academia Militar, realizou-se hoje de manhã, sob a presidência do sr. cardeal-patriarca de Lisboa, na qualidade de ordinário castrense e de capelão-mor das Forças Armadas Portuguesas, a comunhão pascal dos alunos da Academia Militar.

Pouco antes das 10 horas, chegou ao templo o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira que ali foi aguardado pelos srs. ministro do Exército, secretário de Estado da Aeronáutica e subsecretário de Estado do Exército, comandante e segundo comandante da Academia Militar e outras altas patentes das Forças Armadas.

O cardeal-patriarca celebrou missa, acolitado pelos revs. cónego Gregório Neves e beneficiado Vítor Franco, e, ao Evangelho, proferiu uma homilia alusiva ao acto.

No refeitório dos alunos foi servido, às 13 horas, um almoço às entidades superiores convidadas e alunos e suas famílias.

Pelas 15 horas, no Cinema Politeama, houve um espectáculo de bailado pelo Grupo Gulbenkian.

DOIS FERIDOS POR SE TER VOLTADO UMA FURGONETA

Devido ao nevoeiro, que provocou o choque com um monte de brita que se encontrava na berma da estrada, voltou-se, esta manhã, no sítio de Valejas, uma furgoneta conduzida por António Viana, comerciante, de 28 anos, residente na Rua Latino Coelho, 9-B, em Algés, e que também transportava o vendedor ambulante José Pedro, de 43 anos de idade, residente no Alto dos Barronhos em Linda-a-Velha.

Os dois homens que se dirigiam à feira da Malveira, foram conduzidos pelos Bombeiros de [illegible] ao Hospital de S. José, [illegible] do veículo, que [illegible] o José Pedro [illegible] depois de observado, por não apresentar lesões de gravidade.

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

Os americanos reforçam em Saigão a coesão entre militares e membros do Governo

Por JEAN-CLAUDE POMONTI

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

SAIGÃO (Março) — Aqueles que, pelo menos desde Outubro, anunciam a queda do regime actual, continuam a alimentar essa esperança à falta de melhor. Apesar da abertura de negociações em Paris, dos recentes ataques da F. N. L. e dos seus numerosos apelos, apoiados por outros movimentos, a favor da formação em Saigão dum «Governo de paz», o presidente Thieu, seguro por enquanto do apoio americano, continua bem firme. A oposição interna mais forte — a dos budistas do pagode de An-Quang — acaba mesmo de sofrer novo revés com a prisão e condenação de um dos seus dirigentes, o bonzo Thien Minh.

Por outro lado, sem se anunciar com isso o reforço dos poderes do Exército, a promoção do general Tran Than Khiem a ministro encarregado simultâneamente da Pacificação e do Interior, confirma a sua quase omnipotência. Por frágil que seja — pergunta-se o que ficaria se os Americanos procedessem a uma retirada precipitada das suas tropas — o poder actual não deixa de ter o mérito de existir.

Diz-se que os Estados Unidos se encontram perante a seguinte alternativa: a procura de um entendimento com a Frente ou a procura de objectivos militares que visem reduzir, senão destruir esta organização. Se, em Washington, Henry Kissinger esboça planos no sentido da primeira política, no campo de batalha os responsáveis americanos optariam, de preferência, pela segunda, ainda que, no limite, esta não constitua mais uma vez senão a procura duma vitória ilusória. Enquanto o presidente Nixon não tiver feito a sua escolha, ou pelo menos definido uma política coerente, estas duas atitudes contraditórias chocam-se. Em vez de padecer com este estado de coisas o regime de Saigão dá-se cada vez melhor.

Os Americanos nada fizeram para encorajar os grupos políticos ou religiosos, partidários dum cessar-fogo imediato, dum reconhecimento da F.N.L., ou ainda da formação dum Governo de coligação. Em contrapartida, o fornecimento a Saigão dum importante armamento moderno, a aprovação da mobilização geral, a aplicação dum programa extenso de «pacificação acelerada» — uma experiência que corre o risco de se tornar cada vez mais uma simples operação de Polícia — e a manutenção do corpo expedicionário, permitem ao regime do presidente Thieu beneficiar dos meios de coerção mais imponentes.

Nunca no passado o Exército governamental esteve tão bem equipado, e o apoio que lhe dão os seus aliados americanos, tailandeses, neozelandeses, australianos e sul-coreanos não diminuiu.

Mesmo que os seus adversários, por sua vez, tenham aproveitado os longos meses de reserva para reforçar consideràvelmente o seu potencial militar e definir tácticas de combate mais apropriadas, a sua tarefa é agora mais difícil. Os combates dos últimos dias provaram que estes conservam o privilégio da iniciativa, mas que a defesa com que deparam é nitidamente melhor. Retirando as lições deste equilíbrio de forças, pelo menos provisório, o regime de Saigão é severo para com os que, nas suas fileiras, se proclamam partidários duma paz rápida.

As razões oficiais para que o bonzo Thien Minh, chefe das juventudes budistas está detido, não convencem muito. O caso é que a sua detenção assim como a de muitos dirigentes estudantis do movimento obrigaram pelo menos o pagode An-Quang a adiar para mais tarde o Congresso das Juventudes, que devia efectuar-se no passado dia 10.

Desde o malogro da insurreição que dirigiu em Da-Nang e em Hué, em 1966, o movimento budista não teve tempo de substituir os dirigentes que perdeu na época. Que alguns deles se encontrem presos, e o seu programa de acção fica temporàriamente adiado. Foi o que acabou de suceder. Os budistas poderiam ser no entanto tentados à prova de força com o poder tendo probabilidades de ganhar. Parte do movimento — os jovens em especial — seria favorável a isso. Mas nada diz que sejam maioritários e que os elementos mais moderados que, com o bonzo Thien Hoa, dirigem actualmente a organização, não façam mais uma vez ver o que é demasiado cedo para uma acção de grande envergadura.

A oposição, em contrapartida, do general Tran Than Khiem para a frente do novo superministério da Pacificação e do Interior — ocupava já a segunda destas pastas — sem reforçar o domínio do Exército sobre o Governo, deve no entanto firmar a coesão deste. No espaço de poucos meses, outra classe de generais, mais próximos do presidente Thieu, sucedeu aos amigos do general Ky cuja atitude e palavras, desde que é «coordenador» da delegação sul-vietnamiana em Paris, irritaram muita gente em Saigão. Os generais são as mais das vezes sulistas, enquanto os partidários do general Ky eram originários do Norte. Alguns deles são antigos diemistas. Os mais conhecidos, além do próprio presidente Thieu e do seu ministro da Pacificação, são o general Do-Cao Tri, que comanda as onze províncias que rodeiam Saigão, o general Dang Van Quang, conselheiro particular do presidente e antigo comandante do Delta e o general Ngo Quang Truong, que comanda em Hué a 1.ª divisão de infantaria, a melhor unidade governamental.

Mais velhos que os seus antecessores, estes oficiais são também mais capazes, e dão ao Exército e ao Poder uma coesão que não tinham desde a queda do regime Diem.

É esta cartada que os Americanos jogam no presente momento. Se os budistas ou outros agrupamentos político-religiosos, mais ou menos pacifistas, experimentam dificuldades nas actuais circunstâncias em contestar este poder dificilmente se vê como a centena de grupúsculos civis que compõem a vida política saigonesa o poderiam fazer. Enquanto se tratar de lutar com o apoio dos Americanos contra a F. N. L. e contra as tropas norte-vietnamianas, o Exército continua a ser a única resposta possível.

Se um dia o problema for apresentado noutros termos, bem poderá ser que tudo mude depressa, e é talvez esta a razão por que o presidente Thieu, ao mesmo tempo que lança avisos a uma esquerda demasiado tentada por um compromisso com a F.N.L., encare mais sèriamente do que antes tomar por si a chefia dum partido do Governo, como foi sugerido numa conferência de Imprensa, pouco antes da festa do Têt. No caso em que esta eventualidade se realizasse, restaria saber a quem seria feito apelo e que audiência poderia esperar o presidente. Mas nada leva a crer que semelhante experiência levasse o regime a adoptar uma atitude mais flexível em relação aos seus adversários, quer se trate de movimentos político-religiosos mais ou menos importantes ou, em especial, da F.N.L. Os dirigentes de Saigão continuam de facto persuadidos que tudo isto não é mais que um todo, mais ou menos dirigido por Hanói; que a formação dum «gabinete de paz» em conformidade com os desejos da Frente, não passaria dum Governo de coligação, sempre considerado como um cavalo de Tróia do comunismo; e que vale mais bater-se do que discutir soluções deste tipo.

Presentemente a atitude americana não parece em nada contrabalançar este género de raciocínio, e, se existem divergências de opiniões, será de preferência entre os americanos de Washington e os de Saigão.

Nota do dia

A ESCADA DE SUBIR

QUANTOS PORTUGAIS HÁ EM PORTUGAL? Se em diferentes andares do mesmo prédio podem ser muito diferentes as condições de vida dos diferentes inquilinos, não é de admirar que a mesma variedade possa observar-se de região para região ou de sector para sector, na província ou na cidade, na Beira ou no Alentejo, no comércio ou na indústria. Mas vem a sublinhar-se, como aliás aqui também o fizemos, a manifesta diferença, para menos, que se regista no sector rural, onde a vida é mais árdua e mais desprovida de conforto ou de amparo.

Procura vir ao encontro dessa situação, ao menos em parte, a proposta de lei em discussão na Assembleia Nacional sobre o alargamento, às populações rurais, do sistema de previdência que actualmente cobre os que exercem a sua actividade no comércio e na indústria. Na discussão em curso, alguns deputados vieram dizer que a lavoura vai mal, que a lavoura não pode. Outros, pelo contrário, chamaram a atenção para o risco de vir a conceder-se «um subsídio mesquinho ou ridículo, sem significado real ou político». Cada um tem as suas razões, entre as quais haverá que encontrar a medida justa de sacrifício ou de compensação.

Do debate que vem a travar-se pode reposar-se uma observação do deputado Nunes Barata: «Tem-se repetido que no mundo rural, onde foram destruídas as classes médias agrárias, de onde desertaram os homens das profissões liberais ou, ainda, onde o Governo, por ingénuas razões de economia, suprimiu serviços públicos, não existem «elites» capazes de tomar a direcção das instituições». É um problema, de facto. É um problema geral de promoção, o problema da ausência das pessoas em relação a qualquer exercício geral de responsabilidade. Onde estão os dirigentes e onde encontrar executantes conscientes?

E em comentário àquela observação o mesmo deputado acrescenta: «Mau grado a verdade que existe nestas afirmações, penso que um processo de revelar os homens consiste em dar-lhes responsabilidades e facultar-lhes o acesso. O nosso pequeno mundo é, por vezes, estranhamente contraditório a este propósito. Mantemos, com sacrifício dos próprios, à frente das instituições, os mesmos homens, alegando que os outros se não revelam capazes. Mas, efectivamente, impedimos esses outros de darem provas da sua capacidade. Creio tratar-se de um círculo vicioso que não ajuda o próprio desenvolvimento da vida institucional».

É isso mesmo. As pessoas, ao nível das suas tarefas de trabalho e das suas próprias capacidades, têm de ser exercitadas na experiência e da responsabilidade, de que hão-de ganhar o hábito e o gosto: que façam e que prestem contas. Algumas vezes poderão até enganar-se, mas nessa mesma experiência hão-de corrigir-se que ela em cada dia haverá de ser ganha. Onde? Em toda a parte, em casa, no trabalho, nas pequenas instituições a que se devotarem. De grau em grau, haverá que lançar na experiência os que a si próprios se julguem ou os que pelos outros forem julgados capazes. É assim que os homens aprendem a ser cidadãos.

Saudade... e bacalhau com batatas

— Oh, homem você não faz ideia das saudades que eu tenho de uma bacalhauzada com batatas.

Um olhar vago, melancólico. Um rápido e guloso lamber de beiços:

— E com uns grelinhos e bom azeite, e o seu dente de alho...

E fica-se na recordação — marcado com o ferro da saudade um dos mais dolorosos locais desta intrincada máquina que é o corpo humano: as glândulas gustativas.

Quantas vezes — na Venezuela, na Alemanha, em França, em Inglaterra, sei lá — eu ouvi esta frase, vinda da boca de portugueses há longo tempo longe da Pátria. Para muitos mesmo, o falarem de bacalhau com batatas é o exemplo mais forte e vivo da tremenda nostalgia que lhes torna longos os dias e terrivelmente vazias e fechadas as noites.

Saudade e bacalhau com batatas, são sentimento e guloseima, que se confundem misturam — quase se tornam sinónimo, para lá da fronteira.

Daí, ter de se considerar o activo Jerónimo Gonçalves que andou por Lisboa a organizar combates de boxe no Parque Mayer e está agora radicado em Paris — um homem inteligente e um patriota: abriu um restaurante mesmo á beirinha do «Folies Bergére», onde serve, a todas as horas, quantidades industriais de bacalhau com batatas. Conclusão: inteligente porque faz negócio, e patriota porque encontrou no caminho sinuoso do estômago, o elo que prende o português às delícias gastronómicas da sua terra.

E, além do mais, também há fado — a lágrima que aparece, rebelde, depois de satisfeita a saudade dos sois e dos gostos da mesa.

E perante o exemplo não podemos, modestamente, deixar de preconizar a eleição do bacalhau com batatas como símbolo mais expressivo e acessível, desse estranho sentimento, que parece ser um bem só nosso: a «saudade».

AMADEU JOSÉ DE FREITAS

Crédito Universitário

Aumentou em 1 955 830 contos a circulação fiduciária em 1968

Está publicado o relatório do Banco de Portugal, juntamente com o parecer do Conselho Fiscal. Será o documento presente á assembleia geral daquele estabelecimento emissor, em 31 de Março próximo.

O relatório do Conselho de Administração apresenta-se nos seus diversos capítulos com a clareza habitual. Os dois grandes capítulos do relatório são as duas grandes actividades do banco: a função emissora e a função bancária e administrativa.

No que respeita á função emissora o relatório diz-nos que o aumento de circulação fiduciária em 1968 foi de 1 955 830 contos. Com efeito as notas em circulação em 31 de Dezembro de 1967 era de 26 497 250 contos, tendo subido essa circulação de notas, em 31 de Dezembro de 1968 para 28 453 080 contos.

No que respeita á função bancária e administrativa, o banco apresentou em 1968 receitas de 442 808 contos, sendo os lucros líquidos de 71 277 contos.

No documento, ao relatório anual, se segue a habitual análise económica e financeira, feita com largueza e com a objectividade que são habituais ao estabelecimento.

PARA AS VÍTIMAS DO SISMO

Com destino ás vítimas do sismo residentes em Fontes dos Louseiros (Alcantarilha-Algarve), zona que, como noticiámos, foi particularmente afectada, tendo ficado sem casa 16 famílias, entregaram no nosso jornal os donativos que a cada um se indicam os leitores, srs. João P. Alves Henriques, 50 escudos; D. Helena Alves Rodrigues, idem; José Alves, cem escudos; Nazaré Rodrigues Alves, Aguinaldo José Gonçalves e Joaquim Manuel Gomes Guia, 50 escudos cada um; dois anónimos, 20 escudos cada um.

Nove raposas mortas em batidas nas terras de Gavião

GAVIÃO, 20. — Nas propriedades da Casa Pequito Rebelo, desta vila, houve três batidas ás raposas, consideradas das maiores dos últimos anos e nas quais tomaram parte cerca de trinta caçadores e cêrca de batedores.

Se não fosse o mau tempo a caçada teria sido coroada de melhor êxito. Apesar disso, não se pode dizer que houvesse sido má pois foram abatidas nove raposas.

De salientar a organização das batidas, a cujos componentes e convidados, foi servido um almoço volante. À noite, na Herdade da Margalha foi-lhes oferecido um lauto jantar.

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

Sob a presidência do sr. desembargador António de Almeida Moura e sendo o Ministério Público representado pelo juiz sr. Costa Saraiva, ajudante do procurador da República, começou hoje, no Plenário Criminal da Boa Hora, o julgamento dos srs. Francisco Canais Rocha, de 38 anos, solteiro, sem profissão, natural da freguesia do Salvador, concelho de Torres Novas; D. Maria Rosalina Pólvora Garcia Labaredas, de 28 anos, da freguesia do Couço, concelho de Coruche; Nuno Luís da Silva, de 31 anos, solteiro, operário da construção civil, do lugar de Alcofra, concelho de Vouzela; D. Margarida da Conceição Dionísio Gonçalves, de 28 anos, solteira, empregada de escritório na Manutenção Militar, de Lisboa; e D. Mariana Palmira Calado Bota, de 27 anos, solteira, empregada no comércio, natural de Avis, todos incriminados por terem feito parte, como «membros» e «funcionários», do Partido Comunista Português.

O primeiro foi restituído á liberdade em 24 de Novembro de 1953, depois de ter sido condenado por actividades contra a segurança do Estado. Segundo o despacho de pronúncia, logo no ano seguinte reatou relações com o partido, fazendo ligações em Torres Novas, aliciando os seus conterrâneos para fins políticos «ilícitos». Passou á ilegalidade em 1961. A sua acção teve preponderância em Tortosendo, Covilhã e ainda em Castelo Branco, junto dos sectores industriais. Desenvolveu também grande actividade na área de Lisboa, onde tinha controle e direcção dos sectores partidários denominados «economistas», «intelectuais», «estudantil», «empregados bancários» e ainda o «aparelho técnico da Imprensa».

O processo afirma também que lhe foram apreendidos documentos comprovativos da actividade comunista, uma pistola semiautomática, de calibre 7,65 mm, marca «Savage» e as respectivas munições, o que não estava registado.

Quanto á segunda incriminada, abandonou, em Dezembro de 1960, o curso de enfermagem psiquiátrica no respectivo Instituto de Assistência e passou a viver na ilegalidade. Colaborou no partido, recebeu e guardou «imprensa clandestina», nomeadamente os panfletos intitulados «Mulheres», «3 Páginas» e «Voz dos Camaradas», apreendidos na sua casa ilegal, quando foi detida.

O terceiro acusado, Nuno Luís, segundo o processo, a partir de 1961, passou a funcionar de «ponto de apoio» da residência de vários «funcionários» em diversas localidades, designadamente na Baixa da Banheira, no Porto e em Vila Franca de Xira. A quarta e a quinta acusadas tomaram parte em várias reuniões partidárias e noutros actos conspirativos.

Na discussão deste pleito figuram cinco declarantes, seis testemunhas de acusação e 23 de defesa. São patronos dos réus os srs. drs. José Augusto Rocha, Lopes de Almeida, Alberto Diogo, Jorge Sampaio e Jorge Humberto Fagundes.

É provável que a decisão seja conhecida ainda hoje.

ora diga-nos...

Usa o serviço telefónico de despertar?

Há muitas maneiras de acordar. Para o lado esquerdo, ou para o direito. Suave ou bruscamente. Com um safanão, com um toque suave, ou com o clássico retinir do velho despertador. Com música ou com o telefone. Pois, pois, o telefone...

● *Respondeu em primeiro lugar á nossa pergunta de hoje a sr.ª D. Maria da Ascensão Gaudêncio que nos disse:*

— Não, nunca precisei do telefone nem sequer do despertador. Acordo á hora que quero. Se é preciso ás cinco, acordo ás cinco. Se tem que ser ás seis, estou a pé ás seis. Há 40 anos que estou em Lisboa e sempre fui assim. Hábitos da província...

● *O segundo entrevistado foi a menina Francisca da Conceição Lopes Fantesia, que afirmou:*

— Não, nunca usei tal serviço. Nem sei, sequer, se é pontual. Umas vezes acordo sózinha, outras, chamam-me. E pronto.

● *Por último, disse-nos o menino Eugénio Pedroso:*

— Não, nunca pedi ás meninas para me acordarem. Só tenho aulas á tarde... levanto-me todos os dias pelas 10 e 30. Normalmente acordo sózinho. Outras vezes, chamam-me. Não, não senhor. Lá em casa também não usam o telefone para despertar. O despertador é que toca...

Os deputados votam a reorganização das Casas do Povo

Na sessão de hoje, á tarde, da Assembleia Nacional prosseguiu a discussão, na especialidade, do texto do parecer sobre a reorganização das Casas do Povo e a Previdência Rural, discussão que ontem teve começo.

A Base I (Caracterização das Casas do Povo) não mereceu quaisquer alterações, pelo que foi votada e aprovada.

A Base II (Criação das Casas do Povo) foi alvo de uma substituição ao n.º 2 do texto apresentado pela Câmara Corporativa. Explicada e justificada, foi votada e aprovada. A alteração restringe a acção ministerial, na criação de Casas do Povo, em zonas onde ainda não as haja.

A Base III (Área) sofreu, também, uma pequena substituição formal. Explicada, foi votada e aprovada.

A Base IV (Atribuições) mereceu uma proposta conducente á introdução da *medicina no trabalho* na ordem das competências das Casas do Povo. Houve quem afirmasse que a medida não é exequível por parte das Casas do Povo... Foi explicado que se trata de um primeiro passo para a realização daquela finalidade.

Já no fim da sessão, foi pedida uma legislação especial para as cooperativas.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

● Agora que o tempo é pouco, o ritmo de trabalho da Câmara já pesa mesmo aos deputados mais animosos. Mas há ainda muitos que se propõem falar

● *O sr. dr. Veiga de Macedo, na introdução ao discurso que proferiu a encerrar o debate na generalidade, disse: «Legislar, com sabedoria e com coragem, é lançar a boa semente á terra promissora da vida da grei. Semeemos bem e acompanhemos, depois, solícita e amorosamente, a seara até á colheita (...) Levemos (...), não espinhas, mas trigo e uvas aos menos favorecidos da fortuna, para que não lhes falte o pão de cada dia nem a alegria de viver».*

● «A criação de novos distritos» será na opinião do eng.º Duarte do Amaral, a única porta de saída para as dificuldades do actual sistema de divisão administrativa. Os direitos e interesses de Viana do Castelo foram novamente defendidos pelo sr. almirante Jerónimo Henriques Jorge: um porto na foz do Lima é uma «pedra fundamental para o desenvolvimento económico do Alto Minho». Na voz do sr. dr. Julio Dias das Neves, foram postos á consideração da Câmara problemas do ensino do distrito de Santarém. A situação de professores primários aposentados foi exposta pelo sr. José Alberto de Carvalho. Etc.

● *Um tema que originou muitas intervenções: o cooperativismo é incompatível com o sistema corporativo, tal como se pratica? A discussão tem já doze longos anos... Um minucioso estudo, feito na altura, ficou condensado em grosso volume. O sr. conselheiro Armando Cândido é de opinião que uns esqueceram o mencionado estudo, outros ignoram-no pura e simplesmente...*

Vedada ao trânsito a ponte de S. Gonçalo em Amarante

Por um período provável de 15 dias, foi interrompido o trânsito de veículos na Ponte de S. Gonçalo (Amarante), devido á abertura de valas para assentamento do colector de saneamento e de cabos telefónicos subterrâneos. Durante a interrupção o trânsito far-se-á através da variante áquela entrada e da nova ponte ali construída.

CONFRATERNIZAÇÃO DE TRABALHADORES EM SAMORA CORREIA

SAMORA CORREIA, 20. — A sociedade de embalagens de madeira «Cabo», com sede em Porto Alto, Samora Correia, festejou ontem com um almoço os seus 13 anos de vida reunindo os seus trabalhadores.

Usaram da palavra o sócio-gerente da parte fabril, o pároco local e o presidente da Câmara, que salientaram a importância da fábrica — que dá trabalho a cerca de 200 pessoas. Um dos operários, em poucas palavras, felicitou o engenheiro responsável pelo progresso técnico — eng.º José Fernandes Martins — que pelo seu exemplo de amizade e de camaradagem soube fazer uma unidade em toda a classe.

No final, proprietários e oradores abraçaram o eng.º Martins. A festa continuou até á noite com baile á ribatejana, fados e guitarradas.

ACADEMIA PORTUGUESA DE EX-LIBRIS

Foram eleitos os novos corpos gerentes, para o próximo triénio, da Academia Portuguesa de Ex-Libris. Presidem ao plenário, á junta directiva e á comissão de contas, respectivamente, os srs. drs. Eduardo Augusto da Silva Neves, Carlos Lobo de Oliveira e Bento Coelho da Rocha.

Você pode elevar o Q. I. do seu filho

Ao completar quatro anos, a criança já desenvolveu metade da inteligência que terá na maturidade. Por que não aproveitar esse imenso potencial? SELECÇÕES de Março, já á venda, fala dos últimos conquistas da psicopedagogia infantil e mostra como é fácil elevar-se o quociente de inteligência das crianças intensificando nas actividades simples do dia a dia. SELECÇÕES é uma distribuição exclusiva de Livraria Bertrand.

TRAJO CANADIANO PARA O DESFILE DE ÉVORA

Para fazer progredir as incipientes relações canadiano-eborenses, foi entregue, na Embaixada do Canadá, ao presidente da Câmara Municipal de Évora, um trajo regional, usado nos princípios do século passado, pelos pioneiros da região do Ontário.

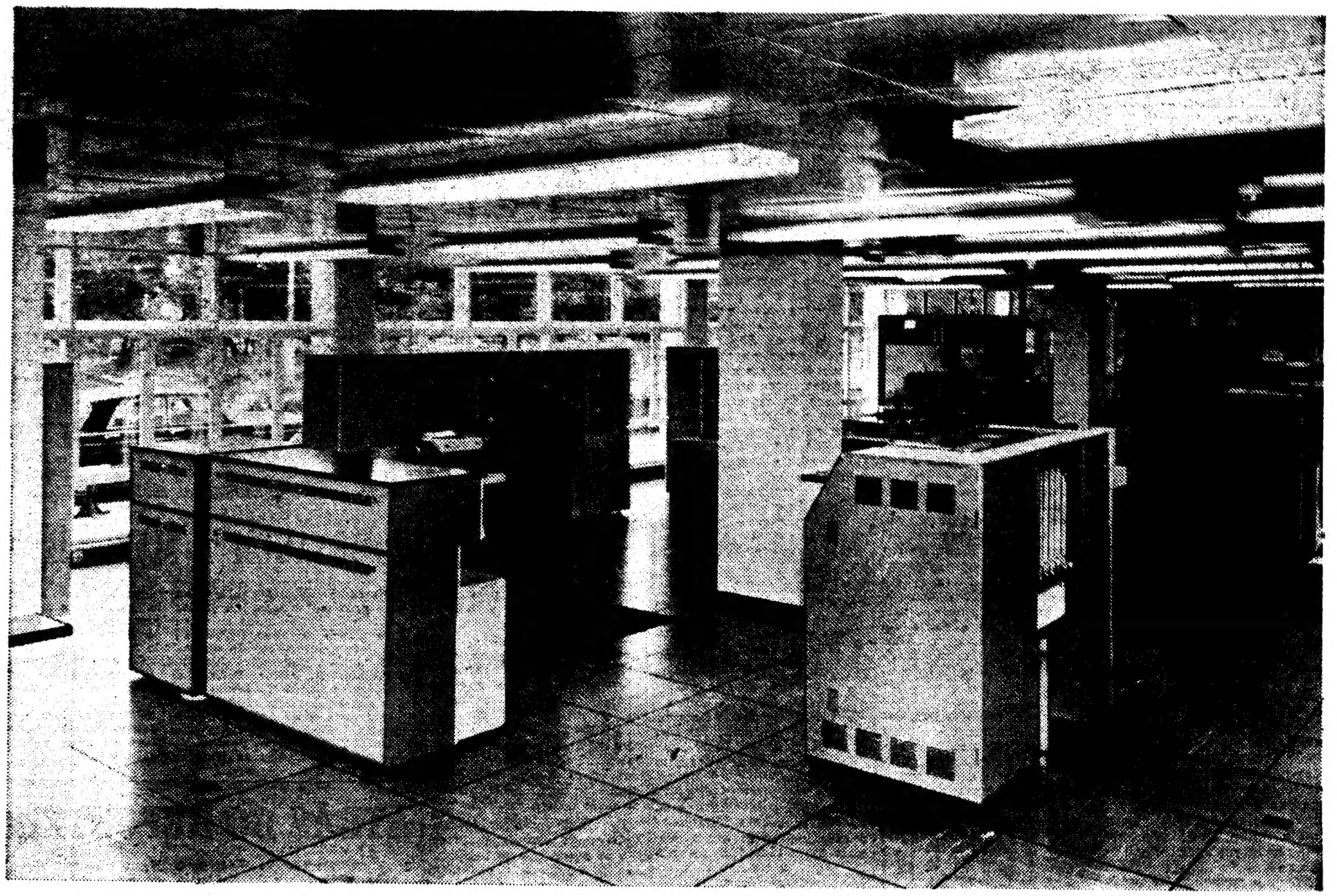
Há já cerca de um ano, o chefe do Município eborense, sr. Serafim de Jesus Silveira Junior, viera a Lisboa pedir ao embaixador do Canadá, sr. Jean Morin, que fizesse colaborar o seu país no Cortejo Anual do Trajo de Évora, que terá este ano, a 6 de Julho, a sua terceira edição.

O certame inclui trajos regionais, e contou, o ano passado, com a participação de 23 países. Este ano haverá, pelo menos, trajos de 40 países.

Só agora, no entanto, foi possível á representação canadiana satisfazer aquele pedido, hoje, de manhã, materializada pela entrega «oficial».

O trajo, muito comprido, cheio de folhos e fitinhas, á boa maneira vitoriana, foi envergado, na pequena recepção que teve como pretexto a entrega, por uma jovem secretária da Embaixada, Mademoiselle Danièlle Penas, que arfou de calor durante largos minutos debaixo de (certamente) alguns quilos de vestido, enquanto o embaixador e o chefe do Município procediam aos tradicionais brindes.

MAIS UM COMPUTADOR NCR ELLIOTT 4100



para os modernos centros portugueses de cálculo científico automático

Os principais Centros de Cálculo Científico Automático nacionais estão equipados com computadores NCR-ELLIOTT 4100. Depois da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e do LNEC — Laboratório Nacional de Engenharia Civil, nova configuração NCR-ELLIOTT 4100 estará dentro em breve em actividade.

Adquiriu-a a Fundação Calouste Gulbenkian. E com ela o Centro de Cálculo Científico Automático Gulbenkian ficará a ser o mais potente no nosso país.

Completando toda esta ampla difusão de ultra modernos conjuntos de computadores, a NCR põe à sua disposição os serviços de um NCR-ELLIOTT 4100 através do seu centro de cálculo científico.

NCR

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY OF PORTUGAL · Rua dos Anjos, 79 — Lisboa — Apartado 1396 — Tel. 539911 (10 linhas)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO POLITEAMA

TITULO — «Missão na União Soviética».
REALIZADOR — Harald Philipp.
INTERPRETES — Thomas Hunter (Heller), Marie Versini (Ludmilla), Rolf Boysen Karpuchin), Marfa (Biggi Freyer).

Um espião americano, uma russa comunista militante ligados por irresistível amor à primeira vista e a fuga de ambos através das geladas montanhas da Sibéria e teremos a síntese da película, pretensiosamente dita de espionagem, que ontem à noite se estreou no Politeama.

Sem mais delongas diremos que é uma má narrativa de uma história ainda pior, cheia de ilogismos e de situações convencionais. O argumento carece de fundo para prender o espectador que se terá sentido atraído pela publicidade do filme que lhe acenava com o mistério do Oriente, com outro tipo de civilização e que nem sequer se sentiu compensado com o «happy end» habitual em tal tipo de histórias. Para não ferir susceptibilidades, os soviéticos captaram a compatriota no último instante e o espião alcançou a fronteira a caminho do seu país. E para que ninguém ficasse a perder, o microfilme (o espião fora à Rússia fotografar não se sabe bem o quê) testemunho da «missão cumprida» desapareceu na corrente, deixado cair por Ludmilla num momento de maior intensidade emocional.

E nem sequer resta a hipótese de uma busca ideológica ou temática porque ela não existe, nem terá existido certamente na mente do realizador, que apenas terá pretendido fazer um filme (mau) comercial. Possivelmente integrado numa cifra a que obriga a produção em série.

Seria contudo injusto não salientar o esforço dos intérpretes para salvar a película. E convenhamos que Marie Versini chega a atingir por vezes razoável nível interpretativo através de um jogo histriónico de boa expressão que alguns grandes planos ajudam a pôr em relevo. Mas já Thomas Hunter mantém ao longo da fita uma dureza de dicção a par de uma fisionomia excessivamente parada que rouba ímpeto emocional a cenas que poderiam, apesar de tudo, valorizar um pouco a película. Os restantes comparsas foram isso mesmo. Comparsas.

Complementos curiosos e interessantes.

E. V.

• NO IMPÉRIO

Título: «GUERRA E PAZ» (1.º episódio: Austerlitz)
Realização: Sergei Bondarchuk
Intérpretes: Ludmila Savalyava, Seigei Bondarchuck, Vyacheslav Tihonov

A exibição do filme em três sessões coloca a crítica perante uma alternativa: ou esperar pelo termo da obra, fazendo entretanto uma muito breve referência a cada episódio; ou começar desde já a formular uma opinião. Creio que a segunda hipótese é que é a aconselhável, o que me permite dizer imediatamente o mal que penso da fita, e a minha confiança reduzida numa possível melhoria.

Com efeito, é difícil resistir ao desconforto que esta versão russa da «Guerra e Paz» nos deixa. Embora um ou outro pormenor suscite a nossa generosidade e até admiração, na verdade, o filme representa aquele tipo de cinema que nada pode hoje significar para nós e de modo algum nos interessa. Sabemos que existe um bom cinema polaco, um bom cinema checo, um bom cinema húngaro. Mais é de lastimar que apenas cheguem até nós superproduções tão inúteis e desastradas.

Tudo se vê na sua devida minúcia: bailes, partos e batalhas. Nada nos é poupado. O mais penoso é ainda o fidalguismo aguado dos momentos de reflexão introspectiva. Mas tudo o mais demostra bem até que ponto se trata de uma reconstituição gratuita, onde predomina o espectáculo, a pirueta técnica e o mau-gosto decorativo. E tudo alongado com a clara intenção de nos esmagar pelo cansaço e o tédio. E em vão que o realizador se esforça por tornar as coisas vivas e inteligentes. E em vão que se procura impôr pela grandiosidade. Há o lodo fútil de todo um projecto. Há o peso desgracioso e provinciano de uma estética exangue. Há ainda o colorido no género do que Polanski usa para os fantasmas. Há ainda a Natacha mais enjoativa que me foi dado conhecer. E há mais. Austerlitz é bem uma derrota russa.

«Guerra e Paz» é, creio eu, o produto típico da coexistência pacífica, esse princípio que leva a competir no terreno do outro e, para isso, a aceitar as suas normas, os seus modelos e os seus critérios de valor. São muitos os jornais americanos que elogiam o filme, pasmados e confundidos, como outra coisa já não era de esperar. Chegam mesmo a fazer o cálculo em dólares da despesa que isto foi. Não ganhará o filme o Óscar para a melhor obra do ano? Os resultados são deploráveis: a coexistência acaba por produzir estas monstruosidades vulgares — para americano ver.

Mas o cinema, esse, que culpa tem?

EDUARDO PRADO COELHO

• NO AVIZ

Título: «Ouro de Londres» («L'Oro di Londra»)
Realização: Billy Moore
Intérpretes: John Karlsen, Jean Valmont, Stewart May, Aldo Silvan, John Francis Lane e Mary di Pietro.

Com certa literatura policial de «pastiche» feita sobre temas, ambientes e personagens anglo-saxónicos por autores que, a coberto de pseudónimos também anglo-saxónicos, escrevem, nas regiões muito diversificadas donde são oriundos, acerca de uma sociedade em que não viveram, aparece-nos agora uma filmografia de pechisbeque, obra de refugo do cinema italiano sobre temas policiários e cowboyescos. «L'Oro di Londra» é um pretenso filme policial que narra o roubo de 150 barras de ouro da Casa da Moeda de Londres, planeado por um «cérebro» meticuloso, frio, duro e muito culto. Sob as suas ordens, a quadrilha por ele arregimentada acaba por fundir o ouro no molde da âncora de um navio, pinta-a de negro e é com ela na amura de estibordo que o barco misto desce o Tamisa e foge rumo a Gibraltar.

Se, descontados certos exageros latinos, o ambiente e algumas vistas de Londres não estão mal dados, o filme desce de nível a partir da fundição da âncora e torna-se um chorrilho de inexactidões e de erros que constituem verdadeiros atentados aos mais elementares conhecimentos de ordem geral.

O navio (a tripulação é a quadrilha e tudo faz crer que a maioria dela era constituída por marinheiros devidamente registados e com prática) é apanhado por um ciclone. O comandante (que não era o «cérebro») decide lançar a âncora ao mar (para quê?) e, seguidamente, abandonar o navio. Fazem-no numa baleeira e pelo lado de barlavento. Com um ciclone daqueles, o mínimo que na realidade lhes poderia suceder era ficarem desde logo esborrachados, com a baleeira, ao primeiro golpe de mar. As ondas eram de tal ordem que varriam o navio e o galgavam por cima da ponte. Ora a baleeira apanha duas antes de ser arriada.

Salvam-se todos, a despeito disso, e são recolhidos alguns nas costas do golfo da Gasconha (será?), vindo então a saber que estavam a salvo devido a terem lançado a âncora ao mar (espantoso, não é!?). Chegam dois mergulhadores e o «cérebro» pergunta se a âncora será recuperável e crê que o fundo onde ela desapareceu tem 8 a 9 metros, quando os mergulhadores lhe dizem que tem 8 a 9... mil metros.

E a gente pasma com tudo isto, pois não há profundidade daquelas na rota indicada e, com franqueza, uns 1000 metros bastavam para o efeito desejado de punir através da justiça imanente aqueles refinados gatunos. Acontece ainda que o tal poderoso «cérebro» não sabia essa verdade elementar, que o comandante do navio, com cartas marítimas que indicam as profundidades também o não sabia e são os mergulhadores (E porquê homens-rãs? Seria por terem já ido verificar tal fundura?) que o dizem. Para além de tudo o mais, num roubo que se quer fazer acreditar ter obedecido a um plano minuciosamente preparado por uma inteligência fora do vulgar, dotada também de cultura prodigiosa, não havia necessidade de pôr em serviço, num barco, a âncora de ouro. Desconhecia-a o «cérebro» (bem como o comandante e tripulantes) que um barco está sempre equipado com diversas âncoras sobressalentes? E acima de tudo isso, para quê lançar ferro num fundo de 9000 metros, no meio de um ciclone?

Para tudo estar errado, nesta segunda metade do filme, até as trucagens do temporal são primárias e não iludem ninguém. Por outro lado, embora o inglês da dobragem seja perfeito, nem sempre as palavras se adaptam ao movimento dos lábios dos actores.

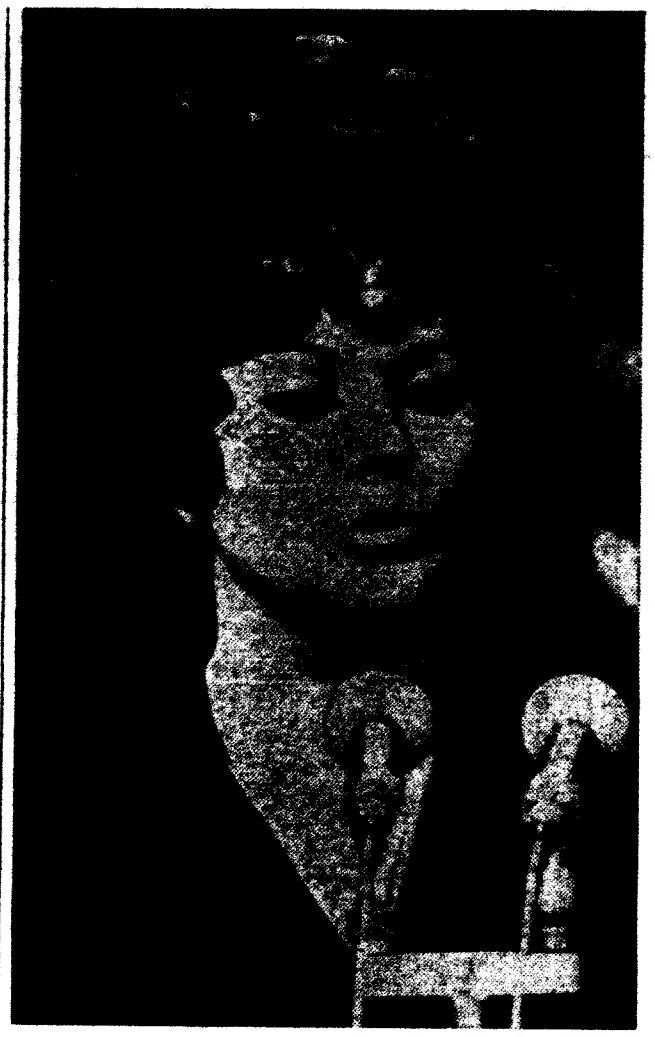
R. B.

• NO MUNDIAL

Título em português: «Sinfonia para um inimigo»
Produção: Americana
Realização: Ralph Nelson
Intérpretes: Charles Heston, Maximilian Schel, Kathryn Hays e Leslie Nielsen

O filme ontem estreado no Mundial é mais um da muito longa série dos chamados «filmes de guerra», isto é, um filme (ainda) sobre a 2.ª guerra mundial e a libertação que ela espalhou por esse mundo de Cristo. Ingleses, americanos, franceses e mesmo russos continuam a procurar pôr «entre aspas» as nossas preocupações quotidianas e prementes e a dizer-nos que também já libertaram, já se chamaram libertadores e o foram...

Dentro da sua série o filme não é melhor nem pior que as outras produções congéneres emade in U. S. A.». A adaptação da obra de Alan Silltoe atinge um ritmo de acção cinematográfica que prende a atenção do espectador, a banda musical — eis a sinfonia — é de uma grande beleza, e a realização de Ralph Nelson é a de um profissional competente. Um filme que será certamente um êxito comercial — e está tudo dito.



HOMENAGEM A MARIA DA FÉ

Discos «Estúdio» organizam, na Adega Mesquita, na noite de próximo sábado, um jantar de homenagem à fadista Maria da Fé, pela sua excelente presença e interpretação no último «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa». A jovem intérprete do «pop»-fado acaba de gravar um 45 r. p. m. que inclui «Vento de Norte» (Braga Santos-Nicholson), «Flor Bailarina» (António Leitão-Maria Guiomar Garcia), «Tenho Amor para Amar» (Fernando Alvim-João Maria Tudela) e «Buscando um Horizonte» (Marques Dinis-António Leitão). Nos planos para a corrente temporada figuram uma deslocação aos Estados Unidos, Canadá e Venezuela, além de nova presença ante as plateias brasileiras

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *A companhia do Teatro Maria Vitória continua a ensaiar, no Porto a nova revista que, no entanto, só deve ser estreada em Lisboa, depois da Páscoa.*
- *Será Aida Baptista quem substituirá a sua colega Florbela Queirós na revista para depois da aprevista pra depois da apresentação de «Ri-te... ri-te».*
- Neste teatro deve ser apresentada a peça «Cartas na mesa».
- É muito provável que o Teatro A B C funcione durante todo o ano.
- A estreia da comédia «O mundo-gato» deve verificar-se no «Laura Alves» e não no «Variedades», como estava inicialmente previsto.

COLISEU
HOJE, às 21 e 15
(Maiores de 12 anos)
ESTREIA
do programa duplo de cinema
«A CONQUISTA DE BAGDAD»
e
«OBJECTIVO... PARIS»

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
2 ESPECTÁCULOS DE VASCO MORGADO
CONTINUAM NO CARTAZ

TEATRO T. 555133
MONUMENTAL
8.ª HOJE, às 21.45 h. (Maiores 17 anos)
2.º MÊS
A farsa de CLAUDE MAGNIER
tradução de Mariana de Morais
Semana
QUANDO ELA SE DESPIU...
com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Alda Pinto, Alice Carla
Encenação de SANTOS CARVALHO
SÁBADO: 2 sessões, 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde às 16 h.

TEATRO LAURA ALVES
— T. 864756 —
(ADULTOS)
143.ª REPRESENTAÇÃO
AMANHÃ, às 21.45 h.
O JOVEM MENTIROSO
com BRUNILDE JUDICE, RUI DE CARVALHO, Manuela Maria, Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo, Benjamim Falcão e o par-revelação Guida Maria e Vasco Morgado Jor.
Encenação de JACINTO RAMOS
SÁBADO, matinée às 16 h. Para todo o público ESTUDANTES 10$00
E À NOITE, 2 sessões, 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde, às 16 h.

ai chico chico

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã sexta-feira 21, sábado 22, e domingo 23, a nossa «SALA» «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO», se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.
DOMINGO DE PÁSCOA
ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTA ESPECIAL
Lembramos aos nossos Ex.mos Clientes a conveniência de reservarem mesa.
A DIRECÇÃO

C. M. L.
ESTUFA FRIA
DIA 22 AS 21.30 HORAS
Espectáculo Gratuito
«O Gebo e a Sombra», de Raul Brandão — com Adelina Campos, Beatriz de Almeida, Irene de Moura, Alberto Ghira, António Machado e Augusto de Figueiredo
Pela Companhia de Teatro Popular
Dirigida pelo Actor Augusto de Figueiredo
Distribuição de Bilhetes:
Restauradores, das 18 ás 20 horas
Estufa Fria, ás 21 horas. (M/17 anos)

UMA NOVA FÓRMULA PARA ACABAR DE VEZ COM A TRISTEZA!

É DIVERTIDO! É PIRATA! É INVISÍVEL! ...

UM FILME NÃO SÓ PARA SI COMO PARA TODA A FAMÍLIA

UM PIRATA INVISÍVEL

(BLACKBEARD'S GHOST)

TECHNICOLOR®

UM EXCLUSIVO SIC

COM PETER USTINOV DEAN JONES SUZANNE PLESHETTE MAIORES DE 12 ANOS

E Elsa LANCHESTER · Joby BAKER · Elliott REID ARGUMENTO DE BILL WALSH e DON DaGRADI BASEADO NO LIVRO DE BEN STAHL · CO PRODUTOR BILL WALSH · REALIZAÇÃO DE ROBERT STEVENSON

AMANHÃ • ESTREIA NO EDEN

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK Apresenta em

3.ª SEMANA

Steve McQueen
Faye Dunaway

NUM CONFLITO APAIXONANTE ENTRE AMBIÇÃO E SEXO!

ADULTOS

O GRANDE MESTRE do CRIME

UMA REALIZAÇÃO NOTÁVEL DE

Norman Jewison

O ÊXITO CONTINUA NO TEATRO MARIA VITÓRIA

ÀS 21.45 H.

Com o sensacional ESPECTÁCULO de gargalhada

Badaró (M/ 12 ANOS)

O MUNDO ALEGRE DE BADARÓ

SÓ ATÉ DOMINGO

2 HORAS SÓZINHO EM CENA, UM BADARÓ INTEIRAMENTE NOVO, NUM ESPECTÁCULO COMPLETAMENTE NOVO!

ACOMPANHAMENTO MUSICAL POR THILO'S COMBO

ABC

TEL 36 67 45 (ADULTOS)

ÀS 20.45 • 23 HORAS • aos SÁBADOS • DOMINGOS às 16 horas

Tony de Matos

Elas é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natália José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, ás 21.45 (17 anos) o T.N.P., subs. pelo Fundo do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes

SÁBADO, TARDE às 16 h. ULTIMO DIA

VASCO MORGADO apresenta

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

ADULTOS

4.º MÊS

Últimas representações

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

A PREGUIÇA

com RAUL SOLNADO

FERNANDA BORSATTI ★ ALINA VAZ
MÁRIO JACQUES ★ ANTÓNIO MONTEZ
DAVID SILVA

TEATRO CAPITÓLIO

Tel. 320379

HOJE, ás 21.45 h.

ÚLTIMAS E DEFINITIVAS REPRESENTAÇÕES

O grandioso êxito de Slawomir Mrozek

«TANGO»

SÁBADO e DOMINGO: Tarde ás 16 horas

(M/ 17 anos)

FILMES CASTELLO LOPES 10 apresenta

O FILME QUE DEU SIGNIFICADO À PALAVRA «SUSPENSE»!

As diabólicas

(Les Diaboliques)

com SIMONE SIGNORET / PAUL MEURISSE
VERA CLOUZOT / CHARLES VANEL

A obra-prima de mestre H. G. CLOUZOT

Adultos

HOJE

APRESENTAÇÃO

estúdio 444

SEMANA DO CINEMA SUECO

Ao mesmo tempo que aparecia nas livrarias um caderno das Publicações Dom Quixote dedicado ao cinema sueco, esta casa editora e vários cineclubes de Lisboa prosseguem na sua organização de uma semana dedicada a esse mesmo cinema. A terceira sessão ontem realizada trouxe-nos uma nova obra de Alf Sjöberg, *A Estrada que conduz ao céu*, filme de 1942, já bastante ultrapassado, que uma versão legendada em inglês não tornou aliciante para os nossos espectadores.

O programa incluía um texto do crítico francês Marcel Martin, que diz, designadamente:

«Lamento ter de dizê-lo: *A estrada que conduz ao céu* tornou-se francamente penoso. Realizado em 1942, o filme de Alf Sjöberg apareceu em França logo a seguir á guerra e causou uma certa sensação porque representava, apesar de tudo, o reaparecimento do cinema sueco nos nossos «écrans» depois de uma ausência de muitos lustros.

Uma cena do filme que hoje será exibido no Alvalade

«(...) *A estrada que conduz ao céu* aparece hoje tão antiquado tão absurdo, tão inútil como essas histórias de santos, em quadradinhos, recentemente lançadas no estilo imprensa sentimental. Os próprios ateus são tocados e solicitados pelas meditações místicas de um Bergman ou de um Fellini, porque elas são postas em termos de reflexão adulta e moderna. O misticismo piegas, o estilo conto de fadas celestial, um ar de falsa bondade, tornaram-se intoleráveis.»

MARCEL MARTIN
(in «Cinéma 00», n.º 42)

C.

★

Hoje, ás 18 e 45, como habitualmente, no Cinema Alvalade, realiza-se a quarta sessão, que inclui dois filmes. O primeiro é *O Tesouro de Arne* (Herr Arnes Pengar), obra de Mauritz Stiller, segundo uma história de Selma Lagerlof. A sua data é de 1919. O outro filme é o clássico *A carroça fantasma (Körkalen)*, de Victor Sjöström. É também segundo um romance de Selma Lagerlof, e foi realizado em 1920-21. Entre os intérpretes, temos o próprio Victor Sjöström e Hilda Borgström.

TEATRO
GIL VICENTE
CASCAIS
Telefone 280919
Com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
HOJE E TODAS AS NOITES
às 21.45 horas
MARIA STUART
de SCHILLER
Tradução de Manuel Bandeira
pela
Companhia de Teatro Experimental de Cascais
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian
— M/ 12 —

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

VIDA MUSICAL

Um concerto de músicas portuguesas em Viena

Em Viena de Áustria vai realizar-se em Abril, um concerto de música portuguesa, clássica e contemporânea, organizado pela Pro-Arte, tendo como solista a pianista Olga Prats.

Estão, também, em organização exposições e concertos de música portuguesa em Paris e Londres, em colaboração com as Casas de Portugal, que nestas cidades vêm desempenhando uma função do maior interesse para o País.

Continua, pois, a Pro-Arte ao serviço da cultura portuguesa ao divulgar a nossa música no País e no estrangeiro, com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Instituto de Alta Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian e entidades locais onde funcionam as delegações.

Cursos de Férias da Costa do Sol

Acaba de ser anunciada nos centros musicais do País e do estrangeiro a realização dos VIII Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol, uma das manifestações do género com maior projecção mundial.

Em 1968, estiveram presentes artistas do Japão, Nova Zelândia Áustria, França, Portugal, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Roménia, Alemanha, Espanha, Brasil, Argentina, Colômbia, Filipinas, China, Guiana Inglesa, Suíça, Grécia, Chile, Austrália, Hungria, Noruega, Polónia, Suécia e Canadá.

Os cursos são realizados pela Junta de Turismo da Costa do Sol, em Cascais, devendo as aulas decorrer no Museu Condes de Castro Guimarães. São aceites inscrições para as classes de Música de Câmara, Análise Musical, Piano, Canto, Violino e Violoncelo. Como complemento realizar-se-ão concertos e conferências.

O corpo docente compreende os seguintes mestres de renome internacional: R. Baumgartner, de Lucerne; Maurice Eisenberg, de Nova York; K. Engel, de Hannover; Ivonne Lefebure, Paris; P. Schilhawsky (Salzburgo); Sandor Végh (Zurich) e Liselotte Egger (Salzburg). As aulas decorrem de 1 a 22 de Setembro, excepto as de Maurice Eisenberg, que serão dadas de 12 de Agosto a 9 de Setembro.

A direcção dos cursos conta já com numerosas inscrições. Estas podem efectuar-se na Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril); no International Cello Centre — 42, Ladbroke Grove, London, W. 11 — England, e nos Estados Unidos («miss» M. B. Strainfield, 226, Millburn Avenue, apt. 50 C, Millburn N J 07041 — U S A.)

Concerto na Academia de Santa Cecília

Hoje, ás 18 e 45, realiza-se mais um concerto na Academia de Música de Santa Cecília, com a participação da pianista Sharon la Rocca Miranda, professora da Academia, e da declamadora Manuela Machado. Serão executadas obras de Ravel, Scarlatti e Carlos Seixas e declamados poemas de Fernando Pessoa, Miguel Torga, Florbela Espanca e outros. A entrada é livre.

Concerto na Reitoria da Universidade de Lisboa

A Orquestra de Câmara Gulbenkian dá hoje, ás 21 e 30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, um concerto, sob a direcção do maestro Maurice Suman, no qual serão interpretadas obras de Corelli, Mozart, Rossini e Bela Bartok.

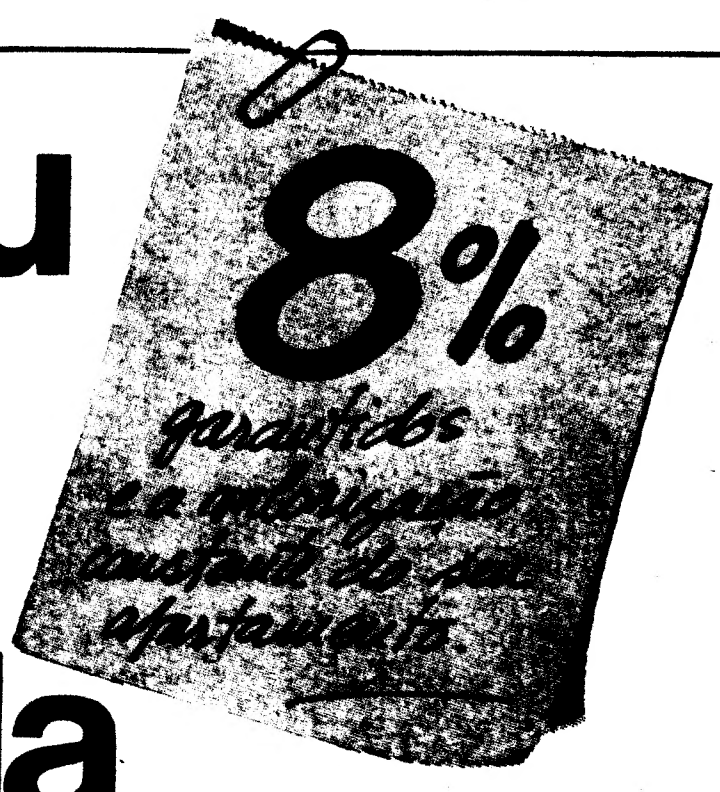
Encerramento do III Curso de Música na Fundação Gulbenkian

A encerrar o III Curso de Iniciação á Música Contemporânea, promovido pela Fundação Gulbenkian no seu Auditório, o compositor Luís Filipe Pires profere hoje, ás 18 e 30, uma lição sobre «Técnicas musicais do após-guerra — novos aspectos de forma». Esta lição será ilustrada com a audição de trechos de Filipe Pires, Kazuo Fukushima, Renato de Grandis e Isang Yun, interpretados pelo próprio conferencista, em piano, e pelo flautista Carlos Franco. Entrada livre.

Cinema amador na Casa do Algarve

Amanhã, ás 21 e 30, decorre na sede da Casa do Algarve, em Lisboa, Rua Capelo, 5, 2.º, dt.º, mais uma sessão de cinema amador na qual colaboram os cineastas srs. dr. Vasco Branco, arq.º Nuno Vieira da Fonseca, Frederico Marques, José Barbosa e Joaquim e Jorge Carreira. A entrada é livre.

o seu capital pode ser ainda mais rentável



Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.
Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA
Informações:
Lisboa–Av. Duque de Loulé, 66-A, Telefs. 51748 e 54479
Algarve–Hotel Golfinho
Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor
Telefs. 1324 e 428 de Portimão

Inquérito ao trânsito no Porto

Estamos a caminho de resolver o problema da circulação e do estacionamento de veículos?

Os srs. Herberto Guerra, dr. Pinto da Costa e Matos de Carvalho que responderam ao nosso inquérito sobre problemas do trânsito no Porto

PORTO, 20 — O Porto é uma cidade de perfil irregular, estrangulado, tortuoso. Tal não permite que os técnicos municipais possam, de ânimo leve, planear devidamente o seu trânsito, indo buscar ao figurino estrangeiro soluções que só ali provam ser as melhores. Mas isto não quer dizer que as mesmas, uma vez transplantadas, possam vir a mostrar-se as mais eficazes na regularização do «fluxo sanguíneo» de cada caso em particular. Porém, nem sempre os enxertos dão vida ao doente crónico e o «doente crónico», neste caso, é o trânsito na cidade.

«A maneira como se processa o trânsito no centro da cidade justificou a elaboração de um estudo de conjunto que estabeleça melhores condições de circulação e lhe dê o arranjo que a situação do problema impõe». Estas foram as palavras de abertura da proposta às alterações à postura de trânsito, anunciadas e aprovadas na última sessão da Câmara Municipal do Porto.

Prioridade ao trânsito na Baixa

A propósito, recolhemos agora opiniões sobre o assunto e o primeiro entrevistado, sr. Herberto Guerra, motorista de táxi, respondeu:

— *Acho que estas alterações, dados os constantes engarrafamentos de trânsito, mesmo na parte alta da cidade, devem dar resultado. Mas, em meu entender, devia ser visto em primeiro lugar o «problema» da Baixa, como o da Praça Almeida Garrett. Por aqui é que se deveria começar...*

— Concorda com o sentido único circulatório?

— *Em parte, sim, pois poderiam existir em muitas ruas os dois sentidos. Estou mesmo em crer que o sentido único venha resolver certos problemas, uma vez que dará mais liberdade à circulação de veículos. Claro que, de princípio, isso vai dar um sarilho dos grandes. Mas será tudo uma questão de habituação...*

Prosseguindo, o sr. Guerra, disse-nos:

— *Contudo, em meu entender, creio que em certos pontos nevrálgicos, o sentido único só é viável se se voltar à direita e nunca à esquerda. É que uma viragem para a esquerda, trás sempre complicações.*

Entre duas «corridas», o sr. Guerra assenta ideias e responde-nos à nossa pergunta sobre a proibição de estacionamento.

— *Concordo, absolutamente com a proibição de estacionamento, pois aí reside o principal «cancro» da cidade, que traz problemas sem conta. E então na Baixa é de deitar as mãos à cabeça.*

A necessidade de melhores transportes públicos

Abordámos, em seguida, entre uma «bica» apressada e uma radiografia de urgência, o sr. dr. Pinto da Costa. Disse-nos:

— *Pela leitura que fiz nos jornais das alterações à postura municipal de trânsito depreendi que havia a louvável intenção por parte da Câmara de tornar melhor mau e problema da circulação motorizada. E considero essa atitude louvável, porquanto ela traduz a aceitação tácita da luta inglória até aqui travada. As dificuldades reais são maiores do que aquilo que o leitor desprevenido pode julgar. Na verdade, além dos aspectos que vieram a lume, devo salientar que existem outras causas de perturbação do trânsito que não deviam existir... Refiro-me, por exemplo, ao horário (talvez do conhecimento da Câmara) dos camiões do lixo, os quais obstruem inexplicàvelmente a Rua de Cedofeita entre as 7 e 30 e as 9 horas, precisamente quando esta estreita artéria deveria estar desimpedida. Como este, podia citar outros exemplos.*

Noutras passagens da nota — continuou o dr. Pinto da Costa — *salienta-se a forma indisciplinada como se comportam os utentes da via pública, o que acelerou o agravamento do problema. A meu ver, este ponto carece de alguma reflexão, dada a forma vaga e imprecisa, como está redigido. Coloquem-se na nossa velha cidade os semáforos que quiserem (e por que não se as outras cidades também os têm?) apesar da sua bem provada inutilidade, dado que, nas horas em que mais necessários se tornam, são os sinaleiros que orientam o trânsito, que o resultado será sempre o mesmo: enquanto não houver entendimento para conduzir o trânsito este tornar-se-á cada vez pior.*

Continuando, afirmou:

— *Outro aspecto a salientar é a desproporção entre o tamanho dos autocarros e «trolleys» e as vias por onde circulam. Aguardemos confiadamente que a Câmara dote a cidade de meios de transporte decentes e eficientes, de modo a que o automobilista possa prescindir, na urbe, do seu carro e deixe de ser diàriamente obrigado a fazer percursos de autêntica gincana.*

Solução parcial e experimental

Por fim, ouvimos o sr. Matos de Carvalho, técnico de trânsito, que nos disse:

— *É uma solução parcial para uma área da cidade que não é a mais afectada por complexos problemas de circulação e estacionamento, ainda que seja, imediatamente, periférica à Baixa. Dado que pretende ser uma solução parcial e experimental não se poderá, por consequência, esperar que venha a resolver todas as dificuldades do processamento do tráfego na cidade. Mas uma vez enquadrada esta solução no ordenamento total do trânsito da cidade, poderá, até certo ponto, contribuir para resolver o problema da circulação e do estacionamento.*

— Concorda com a obrigatoriedade do sentido único?

— *Em boa verdade, o sentido único com obrigação de rotação por quarteirões, é, sem dúvida, a única forma viável de conseguir o escoamento rápido, tanto quanto possível, dos veículos nas ruas da Baixa. Mas para além dos sentidos únicos, duas outras medidas são necessárias e urgentes: selecção do tráfego consentido e estabelecimento de parques de estacionamento. Acentue-se que, no Porto, existe o hábito de o indivíduo ser tão egoísta que não é capaz de se convencer que o automóvel deve ser utilizado apenas para viagens que não as de ir ao café, ao cinema ou para o emprego.*

ANTÓNIO MACHADO

Interesses da classe dos sapateiros

Foram recebidos em audiência pelo presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto Sá Viana Rebelo, os dirigentes da Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários Sapateiros e Ofícios Correlativos que lhe apresentaram cumprimentos e solicitaram a intervenção daquela corporação no tratamento dos problemas afectos aos profissionais que representam.

O dr. Augusto Sá Viana Rebelo assegurou-lhes que ia promover as diligências necessárias para o efeito.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Jornal do Fundão», e «Jornal de Cambra», de Estarreja.

A sua conta está onde lhe fizer mais conta

Sim! Os nossos cheques podem ser imediatamente pagos duma ponta a outra do país, em qualquer das nossas Filiais ou Agências.

O processo de microfilmagem de assinaturas que adoptamos, permite o pagamento de cheques a todos os nossos Clientes, sem demoras, onde quer que sejam apresentados

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Iva Zannichi e Isabelle Aubret vêm cantar a Portugal

Num esforço digno de nota, a Emissora Nacional está a realizar espectáculos de «music-hall» com a presença de vedetas dos palcos internacionais: depois de Orietta Berti, Hervé Villard, os Trovadores de Dubrovnik, Stone, Franco Gall, Nico Fidenco e Kathy Kirby, vai chegar a vez de Iva Zannichi (representante de Itália no Eurofestival) e Isabelle Aubret (a francesinha que, em 1962, interpretando «Un premier amour», ganhou, no Luxemburgo, esse mesmo certame de melodias).

Na base deste movimento está o maestro Eduardo Loureiro, chefe da secção de música ligeira da E. N., que tem consigo uma longa e excelente carreira artística: curso superior do Conservatório de Música (vinte valores no exame final), passagem pela Orquestra Sinfónica Nacional (como solista de violino), recitais de música de câmara, espectáculos de ópera e, já no campo ligeiro, a realização dos Festivais da Canção Portuguesa, da Figueira da Foz, da Curia, de Braga, de Orense e de Aranda do Douro.

Eduardo Loureiro, que participou, recentemente, no júri do «Prémio Itália», concluiu uma viagem de estudo que se estendeu por Espanha, França, Itália, Inglaterra e Alemanha.

— *A E. N. está a preparar uma série de realizações que vão possibilitar, a artistas portugueses, a actuação em palcos estrangeiros. Primeiros casos concretos: Simone de Oliveira e Teresa Tarouca, que se deslocaram à Bélgica em representação de Portugal.*

Eduardo Loureiro é o autor de composições que intérpretes populares gravaram com sucesso: «Lousã», «Santo Antoninho das Neves» e muitas outras melodias divulgadas por Maria Clara, Francisco José, Maria José Valério, Luísa Maria e Maria Fernanda Soares. Actualmente, Eduardo Loureiro é considerado um «expert» na organização de festivais de canções: daí que a sua colaboração tenha já sido requerida para um grande certame musical que, ainda este ano, vai realizar-se em Portugal.

O maestro Eduardo Loureiro

A situação dos ferroviários reformados das linhas do Estado

PINHAL NOVO, 20 — Um numeroso grupo de ferroviários reformados das linhas do Estado residentes no distrito esteve em Setúbal, onde foi agradecer ao deputado pelo círculo, sr. dr. Rogério Peres Claro, a sua vigorosa intervenção na Assembleia Nacional, para que seja reparada a injustiça na situação desses trabalhadores.

Aquele deputado recebeu-os no seu gabinete de director da Escola Técnica, e o sr. António Gonçalves da Assunção falou em nome de todos. O sr. dr. Rogério Peres Claro, ao agradecer, acentuou que se limitara a pedir a reparação de uma grande injustiça.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Policlínica do Intendente

Av. Alm. Reis, 27, 2
Tel. 45587

Dr. Abel Alves — Ouv., nariz e garganta 14 h.
Dr. Artur Fernandes — Doenç. olhos — 2.ª 4.ª e 6.ª às 14.30; 3.ª e 5.ª às 17 horas.
Dr. Armando Valle — Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias, 17 h.
Dr. Benard Guedes — Raios X, 16 h.
Dr. B. de Miranda Rodrigues — Doenças nerv. mentais (2.ª 4.ª e 6.ª), 18 h.
Dr. Formigal Luzes — Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castor Amaro — Medicina geral, 14 h.
Dr. Junqueira Junior — Boca e dentes, 17 h.
Dr. Maia Mendonça — D. das crianças (2.ª, 4.ª e 6.ª), 15 h.
Dr. Pedro da Cunha — Partos e doenças das senhoras (3.ª 5.ª e sáb.), 15 h.
Dr. Rui Branco — Clínica médica. Doenças do Coração. Electrocardiogramas, 15 h.
Dr. Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Tito de Noronha — Doenças da pele e afins (2.ª, 4.ª e 6.ª), às 12.30.

Ford à frente em qualidade!
Ford 12M produto da constante evolução técnica da Ford!

Temo-lo à frente, firme, categórico nas suas linhas precisas, perfeitas! Potente e económico (motor V-4 de 1 500 cc., 75 HP, e consumo de 8 lts./100 km.), tracção à frente, direcção de cremalheira leve mas segura, magnífica suspensão McPherson, travões de dois circuitos independentes, coluna de direcção com dispositivo amortecedor de segurança, os últimos requisitos para uma existência mais defendida!
O Ford 12M 1 500 é bem um exemplo do óptimo resultado da constante investigação e do rigoroso contrôle de qualidade dos serviços técnicos da Ford! 12M — 2 e 4 portas e Station. E para requinte absoluto — 15M XL — 2 e 4 portas.

Ford 12M

Ford

Para onde quer que vá, o serviço Ford e as peças FabiaCo-genuínas estão no seu caminho.

CIESA-NCE 4-11

Membros do Governo visitaram o Museu Militar

Sessenta mil pessoas visitaram já, este ano, o Museu Militar, segundo afirmou o seu director, coronel Julio Martins Mourão, no início da visita que hoje ali fez, ao princípio da tarde o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, acompanhado do brigadeiro Betencourt Rodrigues, titular da pasta do Exército, e coronel João Pinheiro, subsecretário de Estado da mesma pasta. Acompanhavam aqueles membros do Governo os chefes e subchefes do Estado-Maior do Exército. A recebê-los estava também o tenente-coronel Baluba Cid, subdirector do Museu Militar.

O coronel Martins Mourão agradeceu a visita e saudou o titular da pasta do Ultramar a quem ofereceu, assinalando, a visita uma carabina de 1870.

Seguiu-se, então, demorada visita ás diferentes salas do Museu Militar, sendo observadas e admiradas as peças e obras ali expostas.

Um aspecto da visita ministerial, vendo-se, em primeiro plano, da esquerda para a direita, os ministros do Ultramar e do Exército a escutar as explicações do chefe do Estado Maior do Exército

Sinalização luminosa para a Praça Marquês de Pombal e artérias convergentes

Na reunião de hoje da Câmara Municipal de Lisboa foi aprovada uma proposta de adjudicação definitiva da sinalização luminosa de trânsito de vários pontos importantes da cidade.

Uma das zonas que mais beneficiará é a Praça Marquês de Pombal, com os arruamentos que nela convergem.

Entre os itinerários que vão ter sinais luminosos de trânsito contam-se os seguintes: Avenida Fontes Pereira de Melo, até á Avenida da República; Avenidas Joaquim António de Aguiar e Duarte Pacheco; Praça Marquês de Pombal, Rua Braamcamp, Largos do Rato e da Estrela e Avenida Infante Santo, até á Rua de Santana á Lapa; Praça Marquês de Pombal, até á Praça José Fontana, pela Avenida Duque de Loulé; Avenida António Augusto de Aguiar, até á Praça de Espanha; Largo do Rato e Ruas Alexandre Herculano, Conde de Redondo e Joaquim Bonifácio, até ao Largo de Santa Bárbara.

Vão, também, ser sinalizadas com semáforos as Ruas Ferreira Borges e Marquês de Fronteira.

Foi este, sem dúvida, o problema urbano que mais interesse despertou na reunião. Aliás, ela começou sensivelmente atrasada em relação ao horário previsto (11 e 15, em vez de 10 e 30), sob a presidência do general França Borges, e com dez dos doze vereadores no hemiciclo.

Depois de o presidente ter registado o agrado do Município pela recente nomeação de um vereador, brigadeiro médico dr. Ricardo Horta, para orientar os destinos da Cruz Vermelha Portuguesa, e informar, ainda, que partirá no dia 23, com o vice-presidente Aníbal David, para uma visita oficial a Sevilha, passou-se ao *dossier* conjunto do sismo e das inundações.

Bombeiros: elogio e problemas

O general França Borges leu, a propósito, um breve relatório do que foi a acção do B. S. B. e da Polícia Municipal no rescaldo do tremor de terra de 28 de Fevereiro e nos três dias de inundações graves (12, 13 e 14) deste mês. E rematou:

— *Esta Câmara pode confiadamente esperar dos seus bombeiros a continuação de uma atitude que é a sua melhor tradição.*

Os seus elogios foram, também, para as corporações de Voluntários e para o corpo municipal de Polícia.

Usando da palavra, o vereador Manuel Casimiro de Almeida sublinhou que o simples acto de elogiar não resolve todos os problemas.

— *O que é necessário, de uma vez para sempre* — disse —, *é que se tome em consideração que eles, Bombeiros, têm muito a dizer antes das emergências.*

O general França Borges respondeu sucintamente; lembrando o cuidado constante da Câmara em *prevenir* o que de outro modo será inevitável.

O presidente propôs, ainda — com voto unânime da vereação —, que se desse o nome do falecido presidente do Município do Porto, dr. Nuno Pinheiro Torres, a uma rua de Lisboa.

Proposta idêntica, retida para futura aprovação, foi apresentada em relação ao também falecido eng.º Luís Quartin Graça.

A terminar, e dentro do capítulo do trânsito, o vereador dr. Pereira Bernardes focou a necessidade de ser iniciada a construção do viaduto ferroviário na Avenida 5 de Outubro.

A próxima sessão publica está marcada para 17 de Abril.

ALCANENA À PROCURA DA MELHOR ESTRATÉGIA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

ALCANENA, 20 — Sob a presidência do secretário de Estado da Indústria, inaugurou-se, esta manhã, o Colóquio sobre «Estratégia do Lançamento do Desenvolvimento Económico-Social», iniciativa de uma comissão local com o patrocínio do Governo Civil e da Junta Distrital de Santarém e o apoio de diversos organismos oficiais.

A realização do colóquio tem por objectivo definir a estratégia a adoptar de forma a mobilizar para a acção de desenvolvimento na região os recursos materiais e humanos existentes.

A preceder a abertura do Colóquio, com comunicações dos srs eng.º J. Ferreira do Amaral e dr. L. Ferreira de Morais, foi inaugurada por aquele membro do Governo uma exposição sobre actividades do concelho. Assistiram, entre outras entidades oficiais, o governador civil de Santarém, o presidente do Município local, o director-geral dos Serviços Industriais, o secretário-geral da Corporação da Indústria e uma numerosa representação do Fundo do Desenvolvimento da Mão de Obra.

«Redobrados têm que ser os nossos esforços para nos afastarmos dos últimos lugares» — disse o secretário de Estado da Indústria

Num breve discurso que proferiu, na abertura do colóquio, o secretário de Estado incitou os organizadores a prosseguirem nos seus propósitos, porque «*assim o exigem, e impõem, o desarmamento aduaneiro previsto na convenção de Estocolmo e a preparação para actuar nos vastos mercados que nos estão abertos, contando já hoje mais de cem milhões de pessoas e podendo alargar-se progressivamente no futuro*».

Afirmou aquele membro do Governo o seu desejo de que o êxito do colóquio «*possa revestir-se dum sentido amplo e generalizado ao país inteiro, sendo certo que a grande maioria das nossas empresas se situa nos níveis da pequena e média dimensão, aqui dominantes, e muitas, mas muitas delas, precisam modernizar e revitalizar os seus métodos de gestão de recursos humanos e financeiros e de organização comercial e de produção*» e afirmou:

«*Temos a esperança de que a reorganização empresarial voluntàriamente empreendida pelos industriais de curtumes da região de Alcanena sirva de exemplo, não só a todos os restantes do próprio sector, mas também aos outros ramos industriais, que nele proveitosamente se podem e devem inspirar.*

«*Nós não podemos assistir, passivamente, ao amplo movimento que se desenha por esse mundo fora, no sentido de se aumentar o potencial empresarial pelas frequentes fusões e reorganizações operadas nos mais diversos ramos da actividade económica.*

«*O facto de dominar no nosso parque industrial a empresa de proporções limitadas leva-nos a apelar para uma dinâmica mais viva e mais actuante a que apenas se poderá ascender com o recurso a novos meios que encontram na fusão ou concentração industrial, determinada e voluntàriamente deliberada, um dos melhores esteios de progresso*»

E logo:

«*Nesse sentido, compete ao Governo estudar as formas de possível apoio e incentivo ao processo de robustecimento empresarial, mas aos industriais cabe adquirir a consciência das vantagens resultantes, até para si próprios, de promoverem o seu fortalecimento mútuo, somando a «fraqueza» das suas empresas em ordem a atingir a «fortaleza» do seu conjunto.*

«*Não bastará decerto a boa vontade do Governo e dos empresários: será preciso também capacidade de iniciativa, descompromisso em relação a posições instaladas e, acima de tudo, o propósito firme de se passar da passividade para a gestão dinâmica e, tamos a dizer, conscientemente audaciosa.*

«*O baixo ritmo das nossas fusões industriais só poderá ser acelerado se todos os interessados se compenetrarem das vantagens do método e, em geral, das vias mais rápidas para um intenso desenvolvimento económico.*»

Depois de ter aludido á «vocação marítima que herdámos dos séculos», o secretário de Estado da Indústria afirmou que também «dispomos de imensas riquezas minerais no subsolo, enquanto o «*litoral oferece condições naturais apropriadas para construir os portos capazes de receber os maiores gigantes dos mares, os quais, no futuro, serão indispensáveis para valorizar devidamente aquelas riquezas.*»

E concluiu:

«*Partindo de uma situação de sensível atraso, que se pode explicar, ao menos em parte, pelos efeitos da generosa sangria que durante séculos alienou muitos dos nossos melhores valores, em proveito da humanidade inteira — talvez em termos excessivos para as nossas possibilidades — redobrados têm de ser os nossos esforços para nos afastarmos dos últimos lugares da escala económica europeia.*»

Depois do almoço, a partir das 15 horas, pronunciaram, também, conferências a sr.ª dr.ª D. Maria Manuela Silva e o sr. dr. Murta Rebelo.

O colóquio, para cuja realização deram também o seu contributo o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, a Junta de Colonização Interna, a Direcção-Geral dos Serviços Industriais, o Serviço de Promoção Social Comunitária e o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, prossegue amanhã, em Alcanena, e no sábado, em Santarém.

DEIXARAM LISBOA OS ALTOS COMANDOS DA N. A. T. O.

Os almirantes H. Rivero, da Armada dos E. U. A., e L. Sotgiu, da Armada italiana, respectivamente, comandante-chefe das Forças Aliadas do Sul da Europa e comandante das Forças Navais da mesma zona, regressaram ao fim da manhã, de avião, aos seus quarteis-generais, em Nápoles e em Malta, depois de terem visitado as instalações da N. A. T. O. na área de Lisboa, onde se deslocaram oficialmente. Além

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS
PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefs.: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

Henriqueta Conceição de Brito

FALECEU

Sua família cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã dia 21, pelas 11 horas, da Igreja de São João de Deus (—capela-A—), para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

Henriqueta Conceição de Brito

FALECEU

OS EMPREGADOS DA TABACARIA BRITO, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus fornecedores, clientes e amigos, o falecimento da sua muito extremosa patroa e que o funeral se realiza amanhã — dia 21 — pelas 11 horas, da Igreja de São João de Deus (—capela-A—), para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

Aeroporto de Lisboa

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO DE EXPLORAÇÃO DE ESPLANADA PARA CERVEJARIA E «SNACK-BAR» NO CORPO SUL DA AEROGARE DE LISBOA

1. Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 24 de Abril de 1969, no Aeroporto de Lisboa e perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para a concessão da exploração acima referida.

2. Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de esc. 5000$00 (cinco mil escudos) na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência ou nas suas filiais, á ordem do Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa, até ás 16 horas da véspera do dia do Concurso, mediante guia passada pela Secretaria do Aeroporto de Lisboa.

3. O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor do Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa, devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, através da Direcção-Geral da Fazenda Pública.

4. O depósito definitivo será de esc. 30 000$00 (trinta mil escudos).

5. O Programa de Concurso e Caderno de Encargos, poderão ser consultados ou adquiridos, durante o prazo do concurso, e dentro das horas de expediente, na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou na Secretaria do Aeroporto de Lisboa.

Aeroporto de Lisboa, em 20 de Março de 1969

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

DIÁRIO DE LISBOA 20 MARÇO 1969

ECOS

RICHARD S. Randall, professor de Ciências Políticas na Universidade do Nebraska, nos Estados Unidos, escreveu um curioso e valioso artigo — Censorship of the Movies — no University of Wisconsin Press, constatando que o cinema americano beneficia actualmente de uma liberdade que os outros meios de comunicação de massas ainda não atingem e que há dez anos seria absolutamente impensável.

*

NUM artigo do Izvestia, Moscovo anuncia a sua intenção de abrir com o Governo dos Estados Unidos negociações tendentes à efectiva limitação e redução das armas nucleares, tanto ofensivas como defensivas. Aguarda-se, ao mesmo tempo, a decisão de Nixon no que respeita à construção dos antifoguetões «Sentinela». Nos Estados Unidos, algumas personalidades tidas como «conservadoras» pela nova linha, hostilizam abertamente esse projecto «Sentinela», cujo custo deve ascender a nada menos de 400 biliões de dólares. Entre os opositores de maior peso figuram John Stennis, presidente da comissão das forças armadas do Senado, e o senador democrático do Missuri M. Symington. Nixon considera o projecto como «elemento global da defesa dos Estados Unidos, além de protecção antichinesa».

*

COMO deve interpretar-se a sugestão dos países do Pacto de Varsóvia no sentido de uma coexistência que assentasse na dissolução da Nato e da aliança militar das democracias populares? Haverá quem nela veja uma ânsia real de desanuviamento na Europa. Haverá quem possa aproximá-la da tensão sino-soviética. Porém, para além das ideias de competição económica o que está em causa, e importa não esquecer, é acima de tudo a paz no mundo.

O subsecretário da Juventude e Desportos visitou os serviços médico-sociais da Universidade

Os Serviços Medico-Sociais da Universidade de Lisboa, agora instalados num moderno edifício da Avenida Júlio Dinis, a cuja inauguração se deve proceder no próximo mês de Outubro, foram hoje visitados pelo subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, que ali era aguardado pelo reitor da Universidade Clássica e pelo vice-reitor da Universidade Técnica, respectivamente, profs. drs. José Sarmento e António Maria Godinho, director do Instituto Nacional de Sangue, dr. Abel Canceila de Abreu, director do I. A. N. T., dr. Eduardo Vilarinho, dr. Vasco Bruto da Costa, director dos Serviços, etc.

A visita iniciou-se na cave, onde funcionam os rastreios da tuberculose pulmonar e das doenças cardiovasculares, efectuados segundo a mais moderna metodologia, inteiramente nova em Portugal.

Há dias em que passam por ali mais de 700 estudantes universitários de ambos os sexos e no actual ano lectivo (os rastreios iniciaram-se no dia 6 de Janeiro ultimo) foram observados, até à data, cerca de 14 000 jovens, tendo-se efectuado 10 753 provas tuberculinas.

Entretanto, foram vacinados contra a tuberculose, e em regime de voluntariado, 686 estudantes e foram prospectados, também, na actual campanha, 189 portadores de lesões suspeitas de tuberculose. Os rastreios, acentue-se, são feitos com a colaboração do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

O sr. dr. Elmano Alves observou, também, com especial interesse, os Serviços de Sangue (que funcionam com a colaboração do I. N. S.), onde 463 universitários já deram 115,700 litros de sangue, e percorreu sucessivamente as consultas de Estomatologia, Cardiologia, Clínica Cirúrgica, Clínica Médica, Higiene Mental e Pneumotisiologia.

Deve-se notar que o III Plano de Fomento veio conceder ainda maiores facilidades aos Serviços Médico-Sociais da Universidade, dependentes directamente do Ministério da Educação Nacional, enquanto os estudantes, através dos seus órgãos próprios, e sem tais facilidades, intentam prosseguir, também, uma meritória actividade neste sector.

Durante o «cocktail» oferecido ontem. Da esquerda para a direita, D. Gina de Freitas da revista «Modas e Bordados», o sr. Minnemann, administrador-geral da Bayer em Portugal, a mãe da princesa, Elahe Azodi e o director do «Diário de Lisboa», dr. António Pedro Ruella Ramos

ELAHE AZODI (que hoje partiu para Madrid) FOI HOMENAGEADA PELA BAYER

O penúltimo dia da estada de Elahe Azodi em Portugal foi assinalado por um «cocktail» oferecido em sua honra pela Bayer.

Acompanhada de sua mãe, a jovem «teen-ager» elevada à categoria de princesa (bem diferente, em todo o caso, das princesas verdadeiras que na sua terra ainda existem) passou a sua tarde em visita ao sol de Lisboa, que ontem, pela primeira vez desde há bastante tempo, coloriu de luz amarela e quente as ruas da cidade, os telhados, o Tejo, que ganha outro aspecto quando é céu azul e luminoso.

— Minha filha — *declarou a mãe da princesa* — comprou algumas lembranças portuguesas: bonecos com trajos regionais. Eu adquiri alguns brinquedos para o meu filho mais pequeno: automóveis de corda e outros.

Recebida no hotel de Lisboa onde se realizou o «cocktail» em sua honra, pelos srs. Minneman, Jaime Mourão Ferreira, director e chefe das relações publicas da Bayer, a jovem «teen-ager» teve oportunidade de encontrar-se, uma vez mais, com a sua colega portuguesa no concurso: Rita Matos Chaves. Não deixou de ser interessante vê-las sentadas lado a lado, ante os olhares dos presentes, onde se adivinhavam comparações.

Elahe Azodi conviveu também com o nossso director, dr. António Pedro Ruella Ramos, jornalistas e outras individualidades, exibindo para todos um sorriso doce e simpático, que evocava o seu longínquo e lendário país.

Durante a reunião, Jaime Mourão Ferreira proferiu breves palavras para saudar a jovem iraniana e fazer votos para que o resto da digressão pelos países da Europa continuasse a ser muito feliz. Desejava — disse ainda — que este ano a nossa candidata fosse eleita princesa das «teen-agers».

A partida para Madrid

Esta manhã, num avião da TAP (por gentileza da T.W.A., cujo avião da carreira para Madrid não aterrou em Lisboa, devido ao nevoeiro) a jovem Elahe seguiu, acompanhada de sua mãe, para a capital espanhola, nova etapa na sua viagem pela Europa.

ALMOÇO MENSAL DO VET CLUBE

O Vet Clube Português, organização de convívio dos veterinários portugueses, teve hoje uma das suas reuniões mensais. Ao encontro, sob a forma de almoço, no Hotel Florida, presidiu o sr. prof. Silva Leitão. A palestra regulamentar esteve a cargo do sr. dr. José Ribeiro dos Santos, director do Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian e nosso colaborador, que falou sobre «O papel da ciência na sociedade moderna e o lugar do veterinário na vida portuguesa».

MIGUEL QUINA NA ASSEMBLEIA DO BANCO DE CRÉDITO:

Ainda não se esbateram por completo os sinais de abrandamento na actividade produtiva da Metrópole

A actividade da banca comercial, que tanto tem contribuído para o desenvolvimento económico e social do País, nomeadamente no apoio diversificado do ponto de vista sectorial e na perspectiva regional, assume especial importancia no que se refere ao Ultramar, não só pelo que representa de confiança no futuro daquelas parcelas do território nacional, como pelas circunstancias em que a acção exercida decorre, pois estão ainda por resolver alguns problemas fundamentais para a normalização do mercado financeiro ultramarino.

Na assembleia geral ordinária do Banco de Crédito Comercial e Industrial, que está a decorrer ainda, o dr. Miguel Quina, abordou detalhadamente a problemática que caracteriza o mercado financeiro em Angola e Moçambique, quer quanto às incidências directas no campo de acção da banca privada, quer quanto aos reflexos nas transferências interterritoriais e no fomento económico e social das duas grandes provincias.

Depois de uma documentada análise da conjuntura internacional, que pôs em relevo a instabilidade das principais moedas que condicionam as transacções e os fluxos monetários à escala mundial, o presidente do conselho de administração do B. C. C. I. referiu-se à evolução recente da economia portuguesa, destacando que não se esbateram por completo os sinais de abrandamento da actividade produtiva da Metrópole. Detendo-se no comportamento da economia angolana acentuou que se regista a influência de factores especificos de crescimento relacionados, em larga medida, com o lançamento de novos empreendimentos que se traduziu em apreciável aumento da produção das industrias transformadoras e, em grau menos elevado, das industrias extractivas, abrindo-se para estas perspectivas de desenvolvimento — sobretudo no sector do petróleo —, que modificarão substancialmente a estrutura dos pagamentos externos de Angola.

A evolução da economia de Moçambique mereceu também oportunas considerações ao dr. Miguel Quina salientando que a concretização dos empreendimentos previstos nos sectores de transportes e comunicações, da energia e do fomento mineiro, no quadro do III Plano de Fomento, constituirá poderoso e indispensável factor de estímulo do crescimento económico moçambicano. Não deixou, contudo, de observar ser desejável que, a par desse valioso impulso programado, se aperfeiçoe e complete o esquema de estímulos à aplicação de capitais privados no Ultramar.

A actividade do Banco de Crédito Comercial e Industrial, em menos de quatro anos de existência, constitui eloquente testemunho de determinação e dinamismo, de resultados bem expressos no incremento do volume de depósitos, no prudente crescimento dos valores de activo e no critério selectivo aplicado na realização de operações, com vista a encaminhar parte substancial dos recursos disponíveis para as actividades de maior repercussão no desenvolvimento económico das provincias. Estamos, portanto, perante um exemplo da função eminentemente social que incumbe a um estabelecimento bancário privado, sobretudo quando essa função contribui para transformações de estrutura económica que precedem e acompanham o arranque industrial.

O dr. Miguel Quina acentuou ainda, a necessidade de se organizar o sistema de concessão de crédito a médio e a longo prazo, ao nivel das três grandes parcelas do espaço português, com nítidas vantagens para o afluxo de capitais às duas provincias, especialmente na modalidade de investimentos directos, e consequente factor de saneamento de desequilíbrios financeiros externos.

• A recuperação é incerta no ritmo e desigual na amplitude

• A procura interna do investimento mostra-se falha de dinamismo

«Constante propósito de cooperar na grande obra da política ultramarina portuguesa»

Pelo nível que reveste a comunicação do dr. Miguel Quina, na linha das apresentadas em anos anteriores, transcrevemos seguidamente o texto que leu à assembleia geral:

«Antes de analisar perante V. Ex.as alguns aspectos da conjuntura económica e financeira, e os seus reflexos nas economias ultramarinas, não quero deixar de exprimir, em nome do Conselho de Administração a que tenho a honra de presidir, a profunda tristeza que nos causou a doença que atingiu o Presidente Doutor Oliveira Salazar, o qual ficará para sempre credor do nosso maior respeito e gratidão.

Que as primeiras palavras sejam para, respeitosamente, saudar o venerando Chefe de Estado e expressar a nossa confiança ao Presidente do Conselho, Professor Marcello Caetano, a quem reafirmamos o nosso constante propósito de cooperar na grande obra da politica ultramarina portuguesa.

A forma de cobrir os riscos assumidos pela acumulação de divisas instáveis

1. O ano de 1968 foi caracterizado, no plano das economias industriais do mundo ocidental, pela retomada das cadências de expansão que haviam sofrido sensível retardamento por motivo da situação recessiva gerada em 1966.

A aceleração do ritmo de crescimento concentrou-se, sobretudo, nos Estados Unidos e na Alemanha Ocidental — países cuja situação conjuntural influencia profundamente a progressão da actividade económica e do comércio externo à escala do Globo.

Mas, não obstante os resultados favoráveis alcançados no que se reporta à superação da anterior fase de abrandamento da actividade industrial, o ano de 1968 foi, também, assinalado pela persistência da grave situação da instabilidade do sistema monetário internacional. A desvalorização do esterlino, no último trimestre de 1967, sucedeu uma onda crescente de especulação, estimulada pela publicidade conferida ao desequilíbrio da balança de pagamentos dos Estados Unidos e concretização na aquisição maciça de ouro nos mercados internacionais. A suspensão da intervenção estabilizadora dos bancos centrais componentes do «gold pool», em Março de 1968, desligou o preço do ouro no mercado livre da cotação fixa de 35 dólares por onça, a qual continua a ser garantida para transacções oficias pelas autoridades monetárias norte-americanas.

Nos meses subsequentes, diversos factores vieram contribuir para dissipar, pelo menos momentâneamente, os receios de uma queda do dólar: em Maio, o Conselho de Governadores do Fundo Monetário Internacional aprovou as alterações ao estatuto deste organismo, que incorporam as regras relativas ao novo sistema de criação de liquidez consubstanciado nos direitos de saque especiais; em Junho, o Congresso dos Estados Unidos deu o seu beneplácito, há muito esperado, à adopção de uma orientação restritiva em matéria de politica orçamental; recentemente, foi revelado que as transacções externas dos Estados Unidos levaram à formação, em 1968, de pequeno excedente global, com a consequente melhoria da posição de liquidez externa daquele país.

Novas perturbações afectaram, porém, a posição da libra esterlina e do franco francês, a partir do final do primeiro semestre de 1968. Decorridos largos meses sobre a desvalorização de Novembro de 1967, sem que a balança comercial britânica principiasse a reflectir os aguardados efeitos benéficos da alteração cambial produzida, as vendas de esterlino por parte de detentores oficiais atingiram tais proporções que o Governo inglês se viu forçado a conceder uma garantia cambial em termos de dólares aos saldos em libras conservados pelas autoridades monetárias dos países da zona esterlina. Por seu turno, em França, as implicações dos acontecimentos de Maio e Junho levaram a saídas maciças de capitais, num movimento de especulação que os rumores de próxima revalorização do marco vieram adensar.

A conservação da paridade das moedas dos dois principais países do Mercado Comum não pôs termo, porém, aos receios de um colapso do sistema monetário internacional. Já no presente mês, em ligação com novas manifestações de fraqueza da libra e do franco, o preço do ouro em Londres superou pela primeira vez desde a suspensão das operações do «gold pool» a marca dos 43 dólares; por outro lado, a deterioração da balança

(Continua na 16.ª página)

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO—LISBOA
CARPETES

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Torre de Babel

por João Medina

A LEBRE E A TARTARUGA

Apesar da multidão de protestos e do caudal de objurgatórias, o ministro francês dos Correios, Monsieur Guéna, atravessou o Rubicão, procedendo assim à temida reforma do tráfego postal, doravante submetido à dicotomia do circuito «lento» a trinta cêntimos e do rápido a quarenta cêntimos. Mas não nos deixamos aliciar pelo significado tradicional dos vocábulos «lentidão» e «rapidez», já que o segundo, em termos postais, designa o correio expedido por vias normais e o primeiro aquilo que seria afinal mais correcto apelidar de super-vagaroso. Seja como for, ou às costas da lebre ou na sacola da tartaruga, a verdade é que a França continua com a lanterna vermelha das telecomunicações europeias, uma vez que se encontra no 14.º lugar da lista, o que não se coaduna aliás com a ideia que este país tem de si mesmo.

Posta em prática a reforma dos PTT (como aqui se diz), logo os escarniçadores cobriram o sr. Guéna de mofas, raciocinando nestes termos cartesianos: se um comboio atravessa em quatro horas os quinhentos quilómetros que separam Paris de Strasbourg, como conseguir que uma carta endereçada pelo correio dito «lento» leve três ou quatro dias a percorrer a mesma distância? Com efeito, parece coisa difícil e mesmo aspérrima obrigar o correio a seguir o ritmo da tartaruga numa era de cibernética e foguetões telecomandados; quase tão difícil como, por exemplo, exigir que os jornais diários saíssem com iluminuras feitas à mão.

Daqui a terrível e embaraçosa pergunta: se o correio eufemisticamente chamado «rápido» não passa do velho correio normal, expedido por avião e encaminhado por uma tecnologia vertiginosa, como travar a rapidez postal e obrigar as cartas a não sucumbirem à tentação da velocidade, esquivando-se às propostas pouco honestas dos comboios tão céleres e dos aeroplanos supersónicos? That's the question.

Respondem os espíritos escarninhos que é pràticamente impossível deter o progresso e a aceleração dos ritmos da vida moderna, mesmo no tocante ao tráfego postal. E que é preciso gastar prodígio de imaginação para conseguir que uma carta «lenta» leve três dias a ir de Strasbourg a Paris ou de Marselha para Saint-Malo. Murmuram mesmo esses zombeteiros que a realização dum correio «não urgente» obrigaria os C. T. T. a lançarem mão de processos engenhosos mas perversos como, por exemplo, forçar uma carta expedida de Strasbourg para a capital a fazer um desvio por Nice, cumprindo o chamado «chemin des écoliers», ou seja, o percurso ziguezagueante que os universitários de outrora seguiam antes de chegarem à terra onde iam estudar.

Outro expediente considerado: desviar todo o correio de 30 cêntimos em direcção à Córsega, reexpedindo-o depois para os respectivos destinos. Assim, uma carta que eu escrever para um amigo que mora em Montmartre partirá primeiro para Ajaccio, em avião supersónico; seguidamente, os carteiros corsos pegam nas sacolas do correio alsaciano e levam-no para casa, de modo a «demorá-lo»; por fim, passado dois dias de «dolce farniente» nas praias soalhentas da ilha, a minha carta é metida noutro facto e aterra em Paris pouco tempo depois. Assim se consegue, dum modo um tanto prolixo mas eficaz, criar a categoria do «correio lento». Outras variantes: mandar todo o correio fazer uma volta ao mundo, pelo Alasca ou pelo Japão, regressando depois na devida altura, de maneira a deixar passar o tempo necessário para transformar uma missiva em objecto dum circuito demorado.

De tudo isto parece contudo resultar um paradoxo que podíamos condensar na fórmula seguinte: o difícil no nosso mundo tecnológico não é já o acelerar ainda mais o ritmo de vida e as conquistas do progresso, mas detê-lo, ou seja, tentar introduzir a lentidão num mecanismo devorado pela trepidação e pelo frenesim. O difícil não está em fazer chegar ao Extremo-Oriente uma carta enviada poucas horas antes de Taormina ou Copenhague, mas conseguir que a lebre da nossa civilização volte a dar o lugar à velha tartaruga, à mala-posta e ao artesanato dum mundo agrário que desapareceu de vez há cerca de duzentos anos. Conseguirá o sr. Guéna inverter a marcha do processo histórico e levar os franceses a substituirem a esferográfica pela pena de pato ou o livro de bolso pelo pergaminho medieval?

Estrasburgo, Março de 1969.

O Presidente da República deslocou-se hoje à S. N. S. que comemora o 50.º aniversário

O Presidente da República visitou, ao fim da tarde a Sociedade Nacional de Sabões, associando-se, deste modo, às comemorações do cinquentenário daquela importante organização industrial, que ocupa hoje um lugar de relevo no panorama da economia do sector.

O sr. almirante Américo Thomaz e esposa são recebidos pelos gerentes da empresa, sr.a D. Maria Helena de Sousa Beirão da Veiga, João Llach Rocha dos Santos, Manuel Llach Rocha dos Santos, Carlos Manuel Beirão da Veiga, D. Vasco Nuno Falcão Trigoso da Cunha, Luís de Almeida e Vasconcellos e Manuel de Sousa Rodo, numa tribuna erguida especialmente parao efeito, à entrada do sector fabril. Estará, também, presente o secretário de Estado da Indústria, eng.º Amaro da Costa, e outras altas entidades oficiais.

O Presidente da República percorrerá, depois, as diversas fábricas e secções da S. N. S., mencionadamente para o efeito, à encão, rações, ácidos gordos, sabão, sabonetes, glicerina e outros departamentos que integram o vasto complexo fabril do Beato.

Em seguida, o sr. almirante Américo Thomaz assistirá à exibição do documentário «A Revelação», especialmente produzido por Francisco de Castro na data do cinquentenário, e que foca a actividade da S. N. S. e de algumas empresas associadas.

Na presença das viúvas dos fundadores, sr.as D. Andrea Augusta de Figueiredo Marques de Sousa e D. Laura Llach Rocha dos Santos, e dos gerentes da S. N. S., administradores das empresas associadas, directores e restante pessoal, o Chefe do Estado descerrará o monumento à memória de António Marques de Sousa Júnior e João Rocha dos Santos. O sr. Carlos Manuel Beirão da Veiga, gerente da S. N. S., pronunciará um discurso de saudação ao Presidente da República, agradecendo a visita do mais alto magistrado da Nação.

Seguir-se-á uma missa por alma dos fundadores e funcionários falecidos, celebrada pelo padre Carreira das Neves, coadjuvado pelo prior da freguesia do Beato.

Durante o dia as instalações daquela empresa foram visitadas pelo pessoal da S. N. S. e das empresas associadas e seus familiares, no total de alguns milhares de pessoas. A todos os visitantes foram oferecidos produtos fabricados pela S. N. S.

Almoço de confraternização

Amanhã, as instalações da fábrica estarão encerradas, para que todo o pessoal possa deslocar-se em visita à cidade de Évora.

Mais de 40 autocarros sairão de Lisboa, de manhã, transportando os 1200 funcionários da Sociedade Nacional de Sabões e das empresas associadas.

No recinto das piscinas daquela cidade realizar-se-á um almoço de confraternização, seguindo-se uma visita aos principais pontos turísticos da região.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

Actualidade internacional

O general de Gaulle falará pela TV antes do referendo

PARIS, 20 - (A.N.I.) — O presidente de Gaulle conta com o seu prestigio pessoal para o bom êxito do referendo nacional a efectuar no próximo mês — declarou o secretário de Estado da Informação, Joel Le Theule.

Segundo as informações de Le Theule, de Gaulle falará na Televisão francesa, por volta do dia 10 de Abril, a fim de pedir o apoio do país para os seus planos de reforma da administração regional e de reforma do Senado

«De Gaulle anunciará publicamente o que o preocupa no referendo e explicará a importancia particular do problema da confiança» - afirmou Le Theule.

O secretario de Estado falando aos jornalistas no fim da reunião semanal do Gabinete, não explicou exactamente o que o presidente tem em mente.

Todavia as suas palavras foram interpretadas como indicação de que de Gaulle procurará conseguir o apoio do país para o referendo, sob a ameaça de resignar

O presidente já anunciou anteriormente que o país deve escolher entre «o progresso e o retrocesso» De acordo com esta ideia, só haverá «progresso» com de Gaulle e haveria «retrocesso» se ele se afastasse

Quase todos os partidos da oposição — os da direita como os da esquerda — já anunciaram a sua oposição ao referendo.

As primeiras previsões são de uma vitória gaullista por estreita margem

O príncipe Carlos de Inglaterra, que receberá próximamente o título de príncipe de Gales, é caricaturado como se vê pelos nacionalistas galeses, num cartaz recentemente divulgado no País de Gales

PRIMEIRA VIAGEM DE UM PAPA AO CONTINENTE AFRICANO

CIDADE DO VATICANO, 2 — (A. N. I.) — Como cardeal Giovanni Battista Montini foi um dos príncipes da igreja que mais viajou.

Agora, como Papa, Paulo VI vai ser o primeiro Sumo Pontífice a visitar a África.

Se a viagem tiver o êxito da que o cardeal Montini fez á África no Verão de 1962, Paulo VI sentir-se-á recompensado.

A visita de 1962 durou quase um mês, durante a qual mons Montini, então arcebispo de Milão, atravessou o continente africano de Norte a Sul e de Leste a Oeste, desde a África do Sul á Nigéria e ao Ghana, cuja independência era então recente

NOVAS VIAGENS?

LONDRES, 20 — (A. N. I.) — Citando círculos do Vaticano, o jornal londrino «Daily Mirror» diz que estão a ser planeadas viagens do Sumo Pontífice ao Japão e á Polónia, a efectuar este ano

O diário não adianta pormenores

OS ISRAELITAS REFORÇAM AS SUAS POSIÇÕES NA ZONA DO CANAL

— SEGUNDO «AL AHRAM»

CAIRO, 20 — (R.) — Forças israelitas que se encontram na margem oriental do Canal de Suez estão a fortificar as suas posições, a seguir á batalha que travaram na terça-feira passada com forças egípcias, na margem ocidental, segundo anuncia hoje o autorizado «Al Ahram».

Numa reportagem do Suez, o jornal diz que os israelitas estavam a reforçar as suas linhas da rectaguarda com foguetões, artilharia e unidades blindadas.

«Al Ahram» afirma que a tensão prevalecia na área do Canal e que os israelitas estavam a reforçar as suas posições durante a noite, tentando assim encobrir os seus movimentos.

O REI HUSSEIN IRA AOS E. U. A.

WASHINGTON, 20 — (A. N. I.) — O rei Hussein da Jordania vem a Washington conferenciar com o presidente Nixon, provávelmente em Abril — anuncia-se nesta capital.

Hussein, que esta semana conferenciou, no Cairo, com o presidente Nasser, e em Jidá, com o rei Faiçal, conferenciará também com o secretário de Estado norte-americano, William Roger.

A noticia oficial da visita deve ser hoje divulgada simultaneamente em Amã em Washington.

TIROTEIO NA FRONTEIRA

TEL AVIV, 20 — (R.) — Um informador militar israelita anunciou que, ás primeiras horas de hoje, foram disparados tiros de «bazooka» de território jordano, contra uma patrulha da Polícia israelita em serviço na fronteira.

Os israelitas ripostaram, e em consequência da luta travada ficaram feridos dois policias. O informador disse que foram disparados dois tiros de «bazooka» seguidos de tiros de armas de pequeno calibre contra a patrulha que se deslocava no vale de Beit Shean, a sudoeste do colonato de Tirat Zvi.

Apresados pelo Peru dois barcos norte-americanos

WASHINGTON, 20 — (F P)—Dois barcos norte-americanos de pesca de atum foram apreendidos pelas autoridades peruanas, quando pescavam a 37 quilómetros da costa do Peru — anunciou o representante republicano do Estado de Washington, Thomas Pelly.

Este recordou que, a partir de 1961, mais de 80 apresamentos ilegais de pesqueiros norte-americanos foram registados ao largo das costas de vários países da América do Sul

Chapa de matrícula para cidadãos

BONN, 20 — (F. P.) — Todos os cidadãos alemães terão dentro de alguns anos uma chapa de matrícula, iniciativa tornada inevitável na era dos ordenadores — anuncia-se no Ministério Federal do Interior.

O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO

ACUSAÇÕES RECÍPROCAS

(Continuação da 1.ª página)

Esta ameaça — precisa o jornal londrino — teria sido formulada numa emissão da rádio soviética em lingua chinesa, comparando as forças aéreas terrestres e marítimas da U. R. S. S., equipadas com armas nucleares, e as forças chinesas que dispõem de material obsoleto.

«As advertências soviéticas á China» — escreve o «Guardian» — mostram até que ponto o Kremlin toma a sério o perigo da escalada — mas poderiam igualmente contribuir para provocar essa escalada».

A ACUSAÇÃO A «PRAVDA»

HONG-KONG, 20 — (F. P.) — A «Pravda», órgão do Partido Comunista soviético, «é um jornal que propala falsas notícias» e só publicou «informações mentirosas» sobre os incidentes de fronteira sino-soviéticos — afirmava ontem á noite Rádio Pequim, numa emissão captada, nesta cidade.

COMICIOS NA U. R. S. S.

MOSCOVO, 20 — (F.P.) — A Tass anuncia que prosseguiram ontem os «comícios de protesto contra a provocação chinesa no rio Ussuri».

Novo incidente

MOSCOVO, 20 — (F. P.) — O jornal «Estrela Vermelha» anuncia que se registou ontem nova troca de tiros na ilha de Damanski.

«O fogo foi aberto pelos chineses. Via-se perfeitamente a explosão dos obuses e das minas no gelo do Ussuri», escreve o jornal, numa reportagem do seu correspondente em Nijnimikhailovka.

«O Estrela Vermelha» indica ainda que o tiroteio terminou da mesma forma como havia começado — repentinamente.

«As nossas fronteiras são sagradas e inatingíveis». «Vergonha para a clique de Mao Tse Tung» são dois dos muitos «slogans» ouvidos em reuniões celebradas em Moscovo, Vladivostok, Irkutski, Astrakan e Tcheliabinsk. Os oradores condenaram todos «a política aventureira dos dirigentes de Pequim» e «asseguraram á direcção central do Partido que contribuirão para o reforço do poderio da pátria, aumentando os seus esforços no trabalho»

É agora claro que os dirigentes chineses abandonaram a luta contra o imperialismo e se voltaram contra a U.R.S.S. e os outros países socialistas Mas o povo soviético repelirá todos os manejos provocadores» — afirmou um dos oradores num comício celebrado em Moscovo.

Vaga de críticas na O. N. U. à invasão de Anguilla

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 20 — (R.) — A Grã-Bretanha enfrentava hoje uma vaga de ataques na O. N. U. por causa da invasão de Anguilla. Havia, porém, poucas dúvidas de que ela não iria além de uma torrente de palavras iradas.

Esperava-se que críticos militantes comparassem a intervenção militar na minuscula ilha das Caraíbas com o malogro da Grã-Bretanha em tomar medidas semelhantes para sufocar a rebelião rodesiana.

Contudo, os críticos da Rodésia pareciam estar em contradição consigo próprios se censurassem um acto de força, enquanto pediam outro, na altura em que a comissão especial sobre colonialismo da Assembleia Geral recomeça o seu debate sobre Anguilla.

Um dos resultados do debate podia ser um pedido para a Grã-Bretanha autorizar uma missão da O. N. U. a visitar a ilha.

A delegação britanica abandonou ontem a sala quando a questão foi apresentada como um assunto de urgência, declarando que a comissão não era competente para tratar do caso de Anguilla.

Jeremiah Gumbs, o distribuidor americano de combustivel, natural de Anguilla, que vive agora em Nova Jersey, foi ouvido pela terceira vez pela comissão como representante de Ronald Webster, que se intitula a si próprio presidente da ilha.

Gumbs apelou para auxílio das Nações Unidas e respondeu a algumas perguntas acerca da situação na ilha. Contudo, a comissão suspendeu uma decisão enquanto aguarda novo debate.

ADMINISTRAÇÃO BRITÂNICA

THE VALLEY (Anguilla), 20 — (R.) — Funcionários britanicos preparavam-se hoje para administrar esta minuscula ilha das Caraíbas, apoiados por pára-quedistas, fuzileiros navais e polícias de Londres, que 24 horas antes acabaram, sem disparar um tiro, com a secessão de Anguilla, que durava há 21 meses.

Anthony Lee, de 45 anos, um alto funcionário civil britanico, foi instalado na ilha como comissário residente, tendo com ele o comissário adjunto da Scotland Yard, Andrew Way, como comandante da nova força policial de Anguilla.

Auschwitz

1.º vol

por

BERND NAUMANN

Um dos julgamentos mais retumbantes da História, relatados passo a passo por um jornalista de renome que nos coloca diante dos terríveis crimes cometidos pela loucura política.

Broc. 50$00
Enc. 70$00

2.ª Série de

OS GRANDES PROCESSOS DA HISTÓRIA

TERRA INSÓLITA-2

por

CLIFFORD D. SIMAK

da primeira à última página, este livro é uma fonte de surpresas e de situações jamais enfrentadas.

Col Argonauta n.º 142

15$00

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DE

LIVROS DO BRASIL

R. Castanos, 22 — Lisboa

A venda em todas as livrarias ou pelo Reembolso Postal.

DESASTRE EM ASSUÃO

DESPENHOU-SE UM «ILYUSHIN» TENDO MORRIDO 87 PESSOAS

CAIRO 20, — (R.) — As primeiras horas de hoje, despenhou-se e explodiu em chamas no aeroporto de Assuão um «Ilyushin 18» tendo morrido 87 das 101 pessoas que seguiam a bordo, entre as quais se contavam 16 peregrinos que vinham de Meca.

O ministro da Saude, Abdou Sallam, anunciou, ao partir do aeroporto do Cairo para o local do sinistro, que havia 14 pessoas feridas, das quais três gravemente.

É o pior desastre de aviação com um aparelho de passageiros egípcio de que há memória.

O ministro acrescentou que entre os mortos se encontravam sete membros da tripulação.

O avião caiu no aeroporto, situado no alto de uma colina, a alguns quilómetros da barragem gigante, quando pretendia aterrar na escuridão, ás 2 horas da manhã (meia-noite T. M. G.).

Noticias do local informam que a ponta de uma asa bateu no solo antes do avião explodir e incendiar-se. Os destroços e os corpos carbonizados dos passageiros e tripulantes ficaram espalhados numa área de 300 metros.

O avião, um quadrimotor a jacto ao serviço da United Arab Airlines apenas há duas semanas, transportava ao todo 94 passageiros e sete tripulantes.

Os passageiros, peregrinos que vinham de Meca, vestidos alguns com simples togas, tinham entrado em Jeddah, na Arábia Saudita, depois de terem visitado os lugares santos de Meca e Medina durante o Id Ul Adha.

O avião transportava os peregrinos para Assuão, onde deveriam passar três dias de quarentena antes de regressarem para o Cairo.

Os regulamentos de quarentena são severos entre os peregrinos por motivos de saude.

Os 14 sobreviventes do desastre foram hospitalizados.

O «Ilyushin» é o segundo avião de construção soviética perdido pela United Arab Airlines no espaço de um ano. Em Agosto passado despenhou-se também no Mediterraneo, ao sul de Chipre, um «Antonov 24» de passageiros, tendo morrido as 40 pessoas que seguiam a bordo.

EM ESTADO DE ALERTA A CIDADE DE DA NANG APÓS UM NOVO ATAQUE

SAIGÃO, 20 — (R.) — A grande cidade militar de Da Nang, no norte do país, encontrava-se hoje em estado de alerta, após foguetões do Vietcong a terem atingido pelo segundo dia consecutivo.

As primeiras noticias diziam que foi morto um civil e mais cinco ficaram feridos quando, pelo menos, 20 foguetões caíram na cidade e nos suburbios.

Doze foguetões caíram perto de um campo de prisioneiros de guerra norte-vietnamianos e «vietcongs», a sueste de Da Nang. Um informador sul-vietnamita disse que vários milhares de prisioneiros se encontravam no campo, mas não se soube imediatamente qualquer informação acerca de vitimas ou estragos.

A televisão avisou os chefes de familia de Da Nang que comunicassem á Policia se vissem qualquer pessoa suspeita transportando um objecto que pudesse ser uma bomba.

Foguetões do Vietcong, que atingiram ontem Da Nang, mataram 10 pessoas, feriram mais 23 e destruiram 11 casas.

Antes do ultimo bombardeamento, tropas sul-vietnamianas comunicaram ter morto 39 guerrilheiros a alguns quilómetros ao sul da cidade.

Em Saigão, nove pessoas — cinco norte-americanas e quatro sul-vietnamianas — ficaram feridas quando um vietcong arremessou a noite passada uma bomba contra uma patrulha, num local não longe do centro da capital.

Durante a noite, foram desencadeados, em todo o país, 25 ataques com morteiros e foguetões contra cidades e instalações militares norte-americanas e sul-vietnamianas.

Entretanto, soldados «yankees» encontraram nove toneladas e meia de armas e munições escondidas a cerca de 24 quilómetros a oeste de Saigão. O arsenal incluia 134 000 balas de metralhadora, de fabrico chinês, e 400 granadas de mão.

SITUAÇÃO «INCONTROLÁVEL» EM DACCA

KARACHI, 20 — (A. N. I.) — O Governo central ordenou aos governadores das províncias do Paquistão Ocidental e do Paquistão Oriental que tomem medidas eficazes para porem termo á violência que abala o país.

A ordem governamental foi anunciada pelo ministro do Interior, A. R. Khan, no fim de uma longa reunião do Governo, durante a qual foram estudados as crises politica e industrial que se arrastam há cinco meses.

Khan declarou que o Governo decidiu «não tolerar a violência», pelo que deu instruções aos governadores de provincia para tomarem medidas «de prevenção e de punição».

Pouco antes de ser dada esta ordem, o correspondente da U. P. I. em Dacca, M R Akhtar, informou que a Polícia daquela cidade não consegue já dominar a situação na capital do Paquistão Oriental.

Akhtar anunciou que as tropas estão a proteger os principais edifícios, como o secretariado do Paquistão Oriental, mas, em geral, a situação é «incontrolável».

FURIOSOS DA BOLA À SOLTA EM LONDRES

LONDRES, 20 — (R.) — Centenas de furiosos da bola, aos berros, provocaram a noite passada um motim numa estação dos caminhos-de-ferro desta capital, após o seu clube, o Millwall, do Sueste de Londres, ter perdido um desafio.

Foi chamada a Polícia, com o auxilio de cães, para restabelecer a ordem, quando os desordeiros fizeram parar um comboio, ao partirem os vidros das janelas das carruagens e ao arrancarem os assentos. Depois, percorreram as ruas próximas, partindo montras de estabelecimentos.

Quatrocentos mortos

— balanço não oficial das vítimas das inundações no Nordeste do Brasil

MACEIO (Brasil), 20 — (R.) — As inundações no Nordeste do Brasil rebentaram com duas represas e causaram um total não oficial de 400 mortos, registando-se ainda em algumas áreas surtos de tifo.

Milhares de pessoas encontravam-se hoje sem lar no Estado de Alagoas e, ao continuarem as grandes chuvadas, as águas dos rios, engrossadas pela chuva, ameaçavam os Estados vizinhos de Pernambuco e Baia.

A área mais severamente atingida era a cidade de São José de Lage, a cerca de 130 quilómetros do litoral, onde foram identificados 189 cadáveres.

As autoridades começaram a evacuar famílias que viviam perto do lago Mundeo e, a noite passada, foi emitido um aviso segundo o qual pelo menos 10 000 pessoas teriam de se mudar se o nível das águas continuasse a subir.

No Estado da Baia, o total de pessoas sem lar elevava-se já a 6000, após o rio Paraguai inundar as suas margens e isolar quatro cidades.

As duas represas que rebentaram parte de um sistema contra a estiagem, inundaram áreas vizinhas, após chover consecutivamente durante 72 horas.

O Papa Paulo VI enviou uma mensagem de condolências e uma contribuição para os sinistrados.

Entretanto, a Força Aérea estava a transportar para as áreas assoladas soro contra mordeduras de cobras e vacinas contra o tétano e o tifo.

O passado, o presente e o futuro...

COIMBRA

Tendo assumido um papel de relevo em várias etapas da história de Portugal, Coimbra é simultâneamente a depositária de uma importante tradição cultural e um dos principais centros universitários do país.
Com a inauguração de uma Agência em Coimbra, instalada provisòriamente na Rua da Louça, 91-A, o Banco de Angola continua a alargar a sua presença no espaço nacional, apoiando os principais centros de actividade económica.

uma presença que se alarga um caminho que se percorre!

36ª DEPENDÊNCIA

BANCO DE ANGOLA

Sede: Rua da Prata, 10 — Lisboa
Filial do Porto: Praça D. João I, 28
Direcção-Geral e Filial de Luanda: Av. Paulo Dias de Novais

PARA BEM SERVIR

FAVORÁVEL A EVOLUÇÃO RECENTE DO PRODUTO GLOBAL EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

ONDE SE REGISTA A INFLUÊNCIA BENÉFICA DE FACTORES ESPECÍFICOS DE CRESCIMENTO QUE CONTRARIAM OS REFLEXOS CONJUNTURAIS DA SITUAÇÃO NA METRÓPOLE

— afirmou o dr. Miguel Quina na assembleia do Banco do Crédito

(Continuação da pág. central)

comercial dos Estados Unidos suscita apreensões quanto ao futuro do dólar.

A própria ansiedade com que se buscam novas soluções é reveladora da crise permanente em que se debate o sistema monetário internacional. No âmbito da banca privada portuguesa, as incertezas que pairam sobre as taxas de câmbio de algumas das moedas mais largamente utilizadas em transacções com o exterior põem de novo em evidência a necessidade de se facultar aos estabelecimentos bancários nacionais o acesso ao sector das operações cambiais a praso no mercado internacional, como forma de cobertura dos riscos assumidos pela acumulação de divisas de valor instável

Reflexos da conjuntura económica metropolitana em Angola e Moçambique

2. No plano da economia portuguesa ainda não se esbateram por completo os sinais de abrandamento da actividade produtiva da Metrópole: a recuperação que presentemente se processa mostra-se ainda incerta no seu ritmo e desigual na sua amplitude; manifesta-se, sobretudo, acentuada carência de dinamismo no domínio da procura interna de investimento, circunstância que, dado o papel estratégico da formação de capital fixo na expansão do produto global, é merecedora de atenta ponderação.

O comportamento recente das actividades produtoras na Metrópole teve, sem dúvida, incidências na vida económica de Angola e Moçambique, dadas as estreitas relações comerciais e financeiras que se verificam entre as três principais parcelas do espaço português.

A carência, que continua a fazer-se sentir, de indicadores estatísticos actualizados relativos à conjuntura no Ultramar não permite, por agora, uma apreciação exacta do possível alcance daqueles efeitos.

Cresceu mais de 20 % a produção das indústrias transformadoras angolanas nos três primeiros trimestres

3. No entanto, é consolador verificar que se regista, quer em Angola quer em Moçambique (mais intensamente na província do Atlântico do que na do Índico) a influência de factores específicos de crescimento — relacionados em larga medida com o lançamento, em grande escala, de novos empreendimentos —, capazes de contrariar, pelo impulso que deles dimana, os reflexos conjunturais da situação ainda não inteiramente superada na Metrópole.

Em Angola, com base nos dados disponíveis, relativos aos três primeiros trimestres de 1968, estima-se em mais de 20 % o crescimento da produção das indústrias transformadoras no ano que findou, relativamente aos valores obtidos em 1967; na entrada em laboração da nova indústria de pneumáticos e câmaras-de-ar, concentrada na Mabor Angolana, residirá, porventura, a maior quota do acréscimo.

No plano das indústrias extractivas, a variação em 1968, igualmente positiva, traduzir-se-á, no entanto, em cifras menos expressivas, na medida em que o sensível aumento verificado na extracção de ferro terá sido, em parte, compensado por certa retracção, aliás, transitória, na produção diamantífera. É este o sector, porém, que mais rasgadas perspectivas oferece, a curto e médio prazo, às actividades produtivas e exportadoras angolanas: bastará referir, além da exploração do minério de Cassinga, as imensas possibilidades reveladas no plano de pesquisa e exploração de recursos petrolíferos, as quais, de resto, se materializarão já sensivelmente em 1969.

Com base nos dados disponíveis, relativos aos três primeiros trimestres, prevê-se que a balança comercial de Angola apresente, no final de 1968, características análogas às verificadas no ano anterior, cumulando-se o défice em relação ao espaço português com uma posição também negativa em relação ao estrangeiro. No entanto, a ascensão do minério de ferro, em 1968, à terceira posição entre os produtos exportados por Angola, e a iminência do início da produção maciça de petróleo deixam antever importantes mutações a breve prazo na estrutura dos pagamentos externos da província, com efeitos benéficos no plano das transferências interterritoriais

Em Moçambique, embora não se tenham evidenciado, durante o ano que findou, factores de dinamismo análogos aos da entrada em exploração dos novos empreendimentos angolanos, os dados de que já se dispõe relativamente ao comportamento da actividade industrial e das exportações revelam a presença de tendências favoráveis.

Os índices mensais da produção industrial, publicados pelos serviços de estatística da província, denotam, em relação ao abrandamento verificado a partir do final de 1967, nítida tendência de recuperação no segundo semestre de 1968.

Por outro lado, as estatísticas da balança comercial, correspondentes aos 11 primeiros meses do ano findo, deixam prever, para o conjunto do ano, razoável diminuição do saldo negativo, devido, sobretudo, ao incremento das exportações.

A concretização dos empreendimentos previstos nos sectores dos transportes e comunicações, da energia e do fomento mineiro, no quadro do III Plano de Fomento, constituirá poderoso e indispensável factor de estímulo do crescimento económico moçambicano. Ponto é que, a par do valioso impulso programado no domínio das infraestruturas e das indústrias extractivas, se aperfeiçoe e complete o esquema de estímulos à aplicação de capitais privados no Ultramar

Terceiro ano consecutivo de tendência ascensional no produto global de Angola e Moçambique

4. Os dados mais recentes relativos ao produto global, em Angola e Moçambique, confirmam a tendência ascensional que, com base nos elementos então disponíveis, já houve ensejo de evidenciar dois anos atrás. Medido em termos reais (a preços constantes de 1960), o produto interno bruto a preços de mercado atingiu, em 1967, em Angola, 19,3 milhões de contos (contra apenas 14 milhões em 1963), elevando-se, também, em 1967, em Moçambique, a 23 milhões de contos (contra 17,3 milhões em 1963).

Mais importante, porém, do que a expressão dos valores absolutos do produto, é a medida da respectiva capitação. Calculado, também, a preços constantes, o produto interno bruto por habitante alcançou em 1967 os níveis de 3500 e 3160 escudos, em Angola e Moçambique, respectivamente. Se, por estimativa, aos valores assim obtidos com base ùnicamente nos circuitos monetários se agregarem os que se consubstanciam em fluxos não monetários (conhecida como é a importância relativa destes últimos em economias ainda insuficientemente monetarizadas como as de Angola e Moçambique), obter-se-ão para 1967 níveis de capitação não distantes dos 5.500 escudos em Angola, e dos 5.300 escudos em Moçambique — os quais situando-se já próximo dos 200 dólares, à taxa de câmbio corrente, podem favoràvelmente comparar-se com os obtidos na grande maioria dos novos países africanos da África tropical e subtropical. A imagem relativamente auspiciosa que acaba de apresentar-se não pode, porém, fazer esquecer nem os baixos níveis absolutos, nem as distorções na repartição do produto, nem as deficiências estruturais das economias em causa, de que o dualismo do sector moderno e do sector tradicional constitui, porventura, a expressão mais significativa.

A banca comercial, principal fonte privada de fornecimento a curto prazo

5. A progressão das actividades do Banco de Crédito Comercial e Industrial, quer sob o ponto de vista do alargamento do volume das operações, quer na perspectiva da expansão territorial, tem obedecido precisamente à preocupação de concretizar, em toda a possível extensão, as potencialidades da banca como elemento indutor de transformações estruturais conducentes ao desenvolvimento económico.

Configurando-se como a principal fonte privada de financiamento a curto prazo dos sectores enquadrados nas zonas de economia moderna, a banca comercial não só assegura a transformação das poupanças líquidas em aplicações indispensáveis ao progresso económico, como contribui para a adequada expansão da massa monetária através da criação de instrumentos escriturais de pagamento. Ora, para além das necessidades em meios de pagamento que se suscitam em razão do processo de crescimento do produto, qualquer que seja o estádio de evolução alcançado, deparam-se nos territórios em vias de desenvolvimento exigências adicionais de expansão dos instrumentos monetários, decorrentes da progressiva monetarização das zonas de economia de subsistência

O Banco de Crédito Comercial e Industrial consciente da sua função social

6. O incremento do volume de depósitos do Banco de Crédito — acompanhado, aliás, pela prudente acumulação dos valores de activo adequados —; a expansão territorial que tem empreendido; o critério selectivo aplicado na realização de operações activas, com vista a encaminhar parte substancial dos recursos de que dispõe para as actividades de maior repercussão no dedas províncias: todos estes factores traduzem a consciência da função eminentemente social que incumbe a um estabelecimento bancário privado, não só na ordem geral, como, por maioria de razão, em relação a territórios nos quais a banca é chamada a desempenhar uma das principais missões nas transformações de estrutura económica que precedem e acompanham o arranque industrial.

Como devem orientar a sua acção as instalações bancárias privadas no Ultramar

7. Por outro lado, a inexistência da larga diversidade de instituições financeiras que caracteriza as economias mais evoluídas, implica novas responsabilidades para a banca privada no Ultramar.

Com mais amplas responsabilidades ainda do que as suas congéneres integradas em estruturas financeiras mais aperfeiçoadas, as instituições bancárias privadas que operam em Angola e Moçambique devem orientar a sua acção por forma a, para além da consecução do lucro, que constitui a remuneração normal das actividades comerciais, empreenderam uma política bancária em conformidade com a definição dos objectivos de política económica geral.

Problema urgente para as três grandes parcelas do espaço económico português

8. Faz-se sentir no Ultramar a carência de institucionalização do mercado financeiro — para não falar já da falta de adequada organização do mercado monetário, e da regulação que neste é operada por acção de instrumentos apropriados de política monetária. No cumprimento da missão que lhes incumbe como instituições que operam no âmbito de uma estrutura financeira insuficientemente diversificada, têm os bancos comerciais no Ultramar exercido uma acção relevante no plano do financiamento de iniciativas directamente orientadas para o desenvolvimento económico, a despeito de, por agora, não lhes estar directamente facultada uma actividade de carácter misto. Aliás, papel semelhante tem sido conferido em escala diferente, à banca comercial da Metrópole. Urge, porém — e uma vez mais o problema se põe ao nível das três grandes parcelas do espaço português — que se organize o sistema de concessão de crédito a médio e longo prazos, conferindo-se-lhe designadamente mais amplas possibilidades de acção aos estabelecimentos bancários privados nas novas soluções a criar.

Empreendimentos transformadores e extractivos de grande futuro económico

9. Dentro da rigorosa observância das normas de ortodoxia bancária que sempre tem adoptado, na linha da tradição do seu fundador e associado, Banco Borges & Irmão, o Banco de Crédito Comercial e Industrial propõe-se cooperar, através de financiamentos e outras formas de aplicação, dentro dos limites que as boas regras de prudência aconselham, no esforço de investimento que se processa em Angola e Moçambique. Saliente-se, pela sua importância para o futuro económico do Ultramar, o grande empreendimento industrial da Mabor Angolana, no plano das indústrias transformadoras; e também a colaboração no sector da exploração petrolífera, através da associação com a Sacor no âmbito da Angol, Sociedade Portuguesa de Exploração de Petróleos, no sector das actividades extractivas.

Crescente canalização de capitais externos para a África Portuguesa

10. Também sob o ângulo da canalização de capitais externos para empreendimentos em Angola e Moçambique tem assumido crescente intensidade a acção do Banco de Crédito. A promulgação do regime legal das operações a médio praso da banca privada deverá proporcionar neste sector mais largas possibilidades. E afigura-se importante salientar as bem visíveis vantagens do afluxo de capitais às duas grandes províncias ultramarinas, especialmente na modalidade dos investimentos directos, quer como factor de saneamento de desequilíbrios financeiros externos — cujo agravamento se reflecte na acumulação de atrasados no plano dos pagamentos interterritoriais — quer como elemento de impulsão directa do desenvolvimento dos recursos locais.

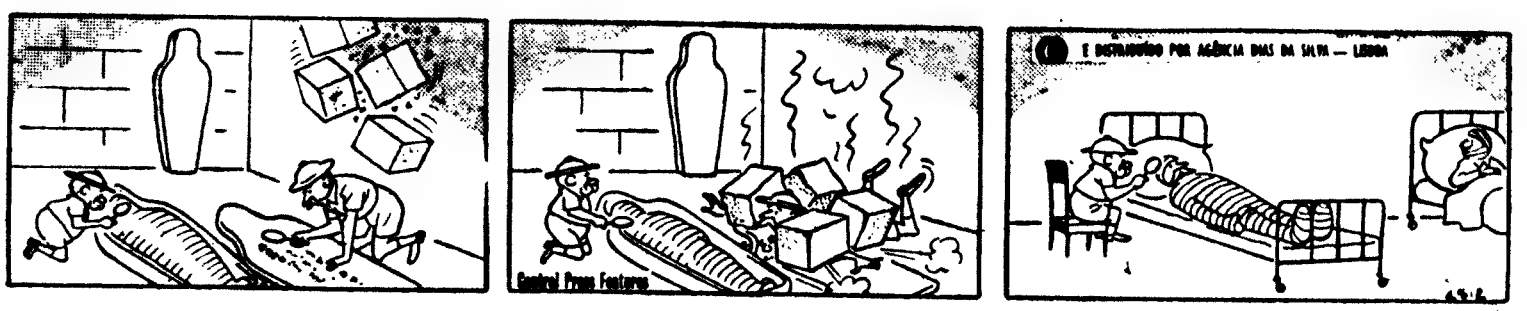
Confiança no futuro: 42 estabelecimentos em Angola e Moçambique

11. Da observação do balanço relativo ao exercício de 1968 ressalta o impressivo crescimento do Banco de Crédito: o valor total do activo eleva-se a cerca de 5,5 milhões de contos, contra 3,5 nos fins do ano anterior; os depósitos progrediram de 1,3 milhões para 2,4 milhões; o somatório das contas, carteira comercial e empréstimos caucionados passou de 900 mil contos para cerca de 1 milhão e oitocentos mil contos. O incremento registado nas verbas representativas das grandes rubricas do balanço decorreu em parte, como é natural, da própria expansão territorial, traduzida no adensamento da já extensa rede de estabelecimentos abertos nos territórios de Moçambique e Angola. Com a inauguração, no decurso de 1968, das novas agências de Cubal, Golungo Alto, Catumbela, Maxixe, Machava, Porto Amélia, António Enes, Tete e Vila Manica e de diversas dependências urbanas, elevou-se a 41 o número de estabelecimentos do Banco de Crédito — o qual, no início de 1966, ainda cingia os seus serviços às instalações iniciais inauguradas em Luanda e Lourenço Marques. Estes números, que são para nós motivo de justificado orgulho, constituem, porém, descolorida expressão do que tem sido — em entusiasmo, em sacrifício, em perseverança, em esforço de organização — a marcha do Banco de Crédito nos quatro anos ainda incompletos da sua existência — marcha que contamos prosseguir com o mesmo espírito de renovação, a mesma ortodoxia de processos, a mesma confiança no futuro de Angola e de Moçambique.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

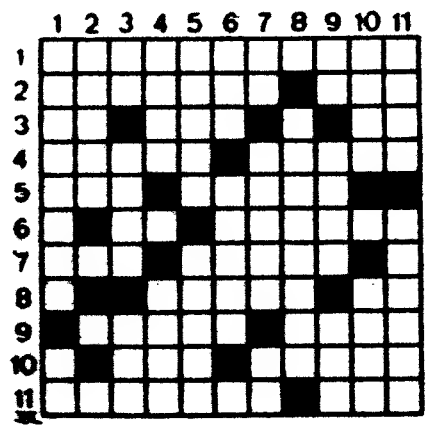
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5122

HORIZONTAIS: 1 — Retaz 2 — Grupo de ilhas na costa Noroeste da América do Norte. Assim que 3 — Nota de musica Concedeu. Ali. 4 — Contaminou Burros 5 — Argola. Musica de dança do Brasil 6 — Nota de musica. Em que tempo 7 — Claridade Teima 8 — Limpar metais Antigo nome do rio Dão. 9 — Sarrafusca. Metal precioso 10 — Chefe etope Trepes. 11 — Surge Estime

VERTICAIS: 1 — Lacerando Parto. 2 — Profeta judeu que operava prodigios (Bíblia) 3 — Catedral Pronuncia Agora 4 — Todas as coisas. Prender. 5 — Que não crêem em Deus Repita duas vezes. 6 — Espécie de malo para roupa. Do lado de cá 7 — Pertences Parte da borda do navio entre o proa e o meia-nau Pronome reflexo. 8 — Fo de encontro a. 9 — Preposição. Sono de criança. Canoa que os indígenas do Brasil fazem da casca inteiro de uma árvore 10 — Guarda silêncio. Rezam. 11 — Pronome pessoal. Difusão de fluidos através de paredes porosas ou pouco permeáveis.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5121

HORIZONTAIS: 1 — Matapan. 2 — Avelodas Pá. 3 — Iguala. Ré. 4 — Grau. A. BOM. 5 — Ao. Nérveas. 6 — Brest. Ris. 7 — Agastar. 8 — Soe. Age. 9 — Pergunta. Ou. 10 — ENTENDEDOR. 11 — Soariam. Sal.

VERTICAIS: 1 — Má. Gabo Pás. 2 — Rar. Sens. 3 — MEIA. Esorta. 4 — Alguns. Eger. 5 — Tau. Ela. Urd. 6 — Ado. Garda. 7 — PALAVRA. Tem. 8 — Aso. Eis. Ad. 9 — BASTA. Os. 10 — Prós. Agora. 11 — Caem. Breu.

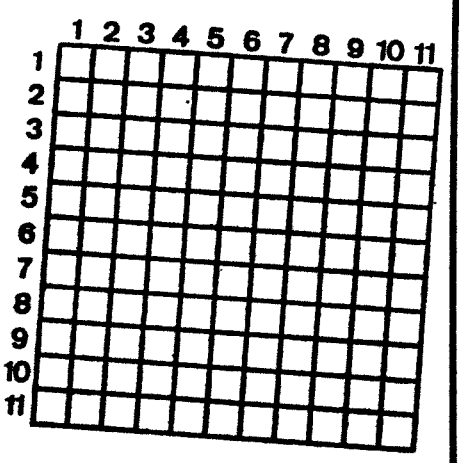
(Provérbio: A BOM ENTENDEDOR MEIA PALAVRA BASTA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8965

HORIZONTAIS: 1 — Remediar Calhaus 2 — Venera Parte de uma casa onde se guarda o vinho 3 — Aves palmípedes Voltar. 4 — Nome de uma letra Cidade da Alemanha Base aérea portuguesa 5 — Caruma Membros de aves 6 — Nome duma flor. 7 — Dest no Rio de França 8 — Prende Preposição Oceano 9 — Corroer Abaixe 10 — Animal da classe dos aracnideos Guardar segredo 11 — Rede de arrastar Arrosca

VERTICAIS: 1 — Mulheres de estatura baixa Exprimir por palavras 2 — Arma branca um pouco maior do que o punhal Aviva o lume 3 — Observam. Nome de um jogo 4 — Cinche Ferro temperado. Heroína francesa que foi queimada viva 5 — Descrédito Planta têxtil do Ceará. 6 — Nome dum planeta 7 — Limpe com água Nome dum fruto 8 — Acrescentei. Preposição e artigo definido (pl.) Botequim 9 — Nome de frutos Meto em molo 10 — Pedra preciosa Cidade do Rio Branco do Norte (Brasil) 11 — Curos Ave trepadora



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8964

HORIZONTAIS: 1 — Despontavam 2 — Oral. Sial. 3 — Manos. Apara 4 — Adoraram. 5 — Ai. Antas. Sa 6 — Só. Oro. Lá 7 — Acém. Pita. 8 — Sam Cós Mal. 9 — Ado Aso. 10 — Asnos. Paris. 11 — Seara Olavo

VERTICAIS: 1 — Domar Assas 2 — Era Ieca Se. 3 — Sana Semana. 4 — Piado. Dor 5 — Sine Coso. 6 — Nu. Atroa 7 — Arão Sapo 8 — Aspas. Sal 9 — Viam Limara. 10 — Aar. Satã IV. 11 — Miara. Aiso

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Março de 1939 publicava:

«LONDRES, 20 — O «Times», referindo-se á actividade registada durante todo o dia de ontem em Londres, faz alusão á possibilidade de uma conferência entre a Inglaterra, França, Estados Unidos, Russia, Roménia, Grécia, Jugo-Eslávia e Turquia, para adoptar uma política comum em caso de nova agressão nazi.»

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Loulé e de Faro, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela COMPANHIA ELECTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE, para o estabelecimento, nas freguesias de S. Clemente, Santa Bárbara de Nexe, Almancil, S. Pedro e da Sé, nos concelhos de Loulé e de Faro, de uma modificação e remodelação da linha aérea a 30 kV Loulé-Faro, com o aumento de comprimento de 38 m incluindo a substituição e deslocação de alguns apoios.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 12 de Março de 1969

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

PORTUGAL NA FEIRA INTERNACIONAL DO PACÍFICO

EM LIMA, PERU, de 14 a 30 de Novembro de 1969

A fim de que os Serviços competentes do FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO possam estudar a possibilidade de se organizar uma representação colectiva do comércio exportador nacional na Feira Internacional do Pacífico, solicita-se ás firmas exportadoras que, até ao dia 7 de Abril, informem do seu interesse em fazer-se representar, indicando o tipo de produto que eventualmente desejariam expor.

Trata-se de uma feira geral de amostras, onde é admissível a exposição de toda a gama de produtos.

As respostas dos interessados deverão ser dirigidas por escrito ao FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO, Rua Camilo Castelo Branco, 2, 3.º, cujos Serviços poderão prestar informações através dos telefones 4 09 73, 4 27 48 5 91 56, 4 79 28.

†

LUIZ DE JESUS SOUSA E SILVA

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

A Viúva D. Maria Germana Neves Lizardo de Sousa e Silva, Pais, Sogros, Tios, Cunhados, Primos, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, filho, genro, sobrinho, cunhado, primo e parente, e que amanhã, dia 21, pelas 11,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, será celebrada Missa sufragando a sua alma, agradecendo a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem assim a todos os que o acompanharam á sua última morada, ou que por qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

P. N. A. M.

AGENCIA FUNERARIA DO ALTO PINA — Telefs. 838687 - 721467

J. PIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F. E REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS ESPARGAL LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA

REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

Dois ministros visitaram as cadeias da P.I.D.E. em Caxias

Os ministros do Interior e da Justiça, acompanhados pelo director-geral dos Serviços Prisionais, pelo director da P. I. D. E. e inspectores da mesma corporação, deslocaram-se hoje a Caxias para visitar a prisão-hospital de S. João de Deus e as prisões privativas daquela Polícia.

Tanto num como noutro estabelecimento, os ministros inteiraram-se das condições de funcionamento dos serviços e foi apreciado o modo como se tem desenvolvido a colaboração dos dois departamentos no que respeita ao tratamento dos presos doentes e à definição dos termos em que deverão ser utilizados os serviços clínicos da prisão de Caxias, relativamente aos presos confiados à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais e a cumprir penas na cadeia de Peniche.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	520$	—	[illegible]
Consolidado 3%	540$	—	[illegible]
Consolidado 3 1/2%	—	—	640$
Centenários 4%	1 495$	1 49[illegible]	[illegible]00$
Obrigs. Tesouro 5%	—	1 01[illegible]	[illegible]
Externo 1.ª Série	—	6[illegible]	—
Externo 1.ª Série a.	700$	770$	780$
Externo 3.ª Série	—	762$	800$
Externo 3.ª Série a.	—	890$	900$
Cautelas 3.ª Série	200$	[illegible]	[illegible]
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	440$	[illegible]
A P I 5% 56	955$	950$	960$
A P I 5% 58	—	955$	—
C P 4 1/2 65	970$	9[illegible]5$	9[illegible]
C P 5 1/2% 67	—	[illegible]030$	[illegible]040$
C U F 6%	1 0[illegible]	[illegible]	[illegible]
C U F 6% 68	—	1 007$	—
Gás Elect 4% 48	—	860$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	905$	910$
Gás Elect 5% 54	—		
Gás Elect 5% 58	—	[illegible]	
Gás Elect 5% 59	—	9[illegible]	[illegible]
Gás Elect 5% 62	—	940$	
Gás Elect 5% 63	—	910$	960$
Gás Elect 5% 65	—	—	
Gás Elect 5% 67	1 020$	[illegible]018$	[illegible]
H E A Alentejo 5%	—	840$	[illegible]
H E Cávado 5%	860$	85[illegible]	—
H E Cávado 6%	—	1 001$	
H E Douro 5%	845$	—	845$
H E Douro 6%	1 001$	1 000$	1 002$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	1 005$	—
H E Zêzere 5% 55	—	865$	—
H E Zêzere 5% 57	860$	—	—
Lisnave 6%	—	1 010$	—
Metropolitano 4%	—	90[illegible]	920$
Metropolitano 5 3/4%	—	1 0[illegible]5$	1 040$
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	—	860$	870$
Nitratos 5%	—	810$	—
Nitratos 5% 60	—	820$	—
Petroquímica 5%	—	900$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	93[illegible]	95[illegible]
Sacor 5% 60	—	900$	920$
Siderurgia 5% 2.ª	—	810$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	840$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	8[illegible]	—
Sonefe 5%	—	810$	—
T A P 4%	—	940$	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	8[illegible]$5	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	8[illegible]$5	84$
U E P 5% 60	—	—	81[illegible]
U E P 5% 63	—	860$	—

ACÇÕES

Bancos	Efec	Compra	Venda
Agricultura	995$	990$	998$
Alentejo	785$	780$	790$
Angola	—	1 795$	1 800$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	1 910$	1 920$	1 950$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	—
L & Açores p	3 900$	3 880$	3 900$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	5 400$	—
Portugal n	2 400$	—	2 410$
Portugal p	—	2 800$	2 850$
Totta Aliança	4 800$	4 750$	4 800$
Ultramarino n	1 680$	1 670$	1 680$
Ultramarino p	1 885$	[illegible]880$	[illegible]890$
Seguros			
Alentejo	—	68$	—
Douro	—	—	900$
Mundial	—	455$	465$
Sagres	—	1 100$	—
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarino	—	8 500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	750$
Ag Cassequel	—	590$	595$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
B[illegible]	—	200$	—
Bu[illegible]	68$	68$	69$
Cabinda	179$	179$	80$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1 420$	1 410$	1 420$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	83$	83$	84$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	367$	365$	367$
Zambézia	53$	53$	53$5
C.ª Diversas			
Cidla	7 000$	6 970$	7 030$
Cim Leiria	—	2 500$	2 700$
Cim Tejo	—	4 [illegible]00$	4 [illegible]00$
[illegible] Navegação	—	665$	680$
[illegible] U F	—	1 050$	—
[illegible] Aliança	—	—	700$
[illegible] Navegação	1 9[illegible]	1 950$	970$
Petroquímica	—	2 290$	—
Port e Colónias	—	1 23[illegible]	1 260$
Port Celulose	3 [illegible]	3 100$	3 300$
Port Pesca	770$	780$	795$
Port Tabacos	518$	518$	519$
Sacor	—	4 780$	—
Siderurgia Nac	—	1 200$	1 205$
Socel	2 270$	2 270$	2 300$
Tabacos de Portugal	—	910$	930$
Tabaqueira	11 7[illegible]	—	11 790$
U F Azoto	7[illegible]	750$	75[illegible]
Aguas Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	403$
Aguas Lisboa 34	—	405$	415$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	1 530$	1 600$
Gás Electr	393$5	393$	394$
H E Alto Alentejo	16[illegible]	163$	164$
H E Cávado	1 285$	1 275$	1 285$
H E Douro	1 273$	1 27[illegible]	1 274$
H E Norte Portugal	310$	310$	315$
H E S Estrela	—	1 700$	1 800$
H E Zêzere	—	—	1 360$
Nac Electricidade	1 350$	1 345$	—
Termoeléctr Port	1 385$	1 380$	1 390$
U E P	195$	194$	195$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	157$7	162$4
F I D E S	—	105$9	109$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	13/3/69	19/3/69	20/3/69
GERAL	111,5	112,3	**112,3**
METROP	109,1	109,8	**109,7**
ULTRAM.	129,1	131,0	**131,3**

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$00	38$00
América		
— Dollars de 1 e 2...	28$20	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,7	$41,2
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$25	5$65
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$70	41$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321273

NOVOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Catedrático de Agronomia

Na Sala de Actos do Instituto Superior de Agronomia o sr. eng.º-agr.º Miguel Carlos de Morais Pereira Coutinho proferiu esta manhã a sua lição magistral do concurso para professor catedrático do 1.º grupo daquele estabelecimento de ensino superior.

A lição versou o tema «Biologia Floral» e ao júri presidiu o reitor da Universidade Técnica de Lisboa, prof. eng.º Herculano de Carvalho, do mesmo fazendo parte o prof. dr. Neves Tavares, da Faculdade de Ciências de Lisboa, prof. dr. Barros Neves, da Faculdade de Ciências de Coimbra, prof. eng.º João de Carvalho e Vasconcelos, jubilado do I. S. T. e todos os catedráticos em exercício do Instituto Superior de Agronomia. Finda a lição, o júri reuniu tendo deliberado aprovar o novo catedrático.

Extraordinários de Ciências de Lisboa

Na Faculdade de Ciências de Lisboa principiaram esta manhã três concursos para provimento de outros tantos lugares de professores extraordinários de Química (2.º grupo, 2.ª secção) da referida escola superior. Caso raro, se não único: entre os três candidatos contam-se duas senhoras, dr.as Marieta Amélia da Silveira e Maria Alzira Bessa Almoster Moura Ferreira, além do sr. dr. Renato da Silva Leal.

As provas de hoje foram práticas e tiveram a duração máxima de cinco horas, sendo prestadas perante uma delegação do júri constituída por professores da especialidade. As provas teóricas, na reitoria da Universidade, começam na sexta-feira e terminam no dia 26 do corrente.

Extraordinário de Medicina de Coimbra

COIMBRA, 20 — Na Sala dos Capelos, terminou hoje as provas de concurso para professor extraordinário do 6.º Grupo, Subgrupo B, da Faculdade de Medicina de Coimbra, o dr. António Vasco Beltrão Poiares Baptista. Presidiu o vice-reitor, sendo o júri constituído pelos srs. profs. drs. Machado Vaz e Juvenal Esteves, das Faculdades de Medicina do Porto e Lisboa, respectivamente, e por todos os professores catedráticos da Faculdade de Medicina de Coimbra.

O concurso terminou com a discussão da prova clínica efectuada nos Hospitais da Universidade, em que foi arguente o sr. prof. dr. Augusto Vaz Serra. Reünido o júri, deliberou por unanimidade aprovar o sr. prof. dr. Poiares Baptista.

O prof. Pereira Coutinho ao dar a sua lição magistral

A NOVA EDIÇÃO DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIROZ

A nova edição das Obras de Eça de Queiroz, a publicar pelos Livros do Brasil, está a ser organizada e revista segundo as últimas edições em vida do autor ou segundo os próprios manuscritos do autor.

A fixação do texto e as notas das obras são da dr.ª D. Helena Cidade Moura que já organizara anteriormente a edição crítica do «Crime do Padre Amaro», a qual inclui a versão publicada na Revista Ocidental, a primeira versão vinda a público sob a forma de livro e a versão de 1880, entre as quais se registam acentuadíssimas diferenças.

O texto de «O Crime do Padre Amaro», que será o primeiro volume a publicar pela «Livros do Brasil», seguirá a versão de 1880, última revista pelo autor.

Entre os novos elementos que a edição deste romance vai trazer a público, além do texto criteriosamente revisto, figura uma carta inédita de Antero de Quental, em que o poeta transmite a Eça de Queiroz as suas impressões de leitura e que constitui um interessante prefácio.

Podemos acrescentar que vai ser feita também uma tiragem das obras, toda numerada e em papel especial, para bibliófilos.

Muito ferido num desastre na auto-estrada

O jovem Luís Alberto Franco Ganhão, de 20 anos, ficou muito ferido quando o automóvel que conduzia, ao princípio da tarde, na auto-estrada, próximo do viaduto Duarte Pacheco, foi embater noutro veículo.

O ferido, que se encontra na sala de observações do Hospital de São José, reside na Rua Gomes Freire, n.º 5, 4.º, dt.º.

O ocupante do outro veículo não sofreu ferimentos. As causas do acidente estão por apurar oficialmente.

Vai ser remodelado o cargueiro «Leixões»

Chegou ao Tejo, esta manhã, o cargueiro «Leixões», com 9 mil toneladas de carga, procedente do porto do mesmo nome, recentemente adquirido ao Japão pela C. N. N.

O cargueiro, que já tocou Angola e Moçambique, vai ser remodelado.

Antes, porém, fará ainda uma viagem ao Ultramar.

dia a dia

HOJE PODE VER...

CHARLA COM O PADRE RAMÓN CUÉ

CERCA das 20 e 20, a RTP apresenta uma entrevista gravada nos seus estúdios, com o famoso jesuíta espanhol Ramón Cué autor de «Mi Cristo Roto» — um dos discos mais vendidos em todo o mundo e «Mi Primera Misa», além doutros.

O padre Ramón Cué, filho de pais espanhóis, nasceu no México e fixou-se em Espanha a partir dos 11 anos.

A sua verdadeira vocação: a palavra, falada e escrita, à qual se entrega totalmente.

DAVID COPPERFIELD

PEGGOTTY, após a morte do seu Barkis, abandona Yarmouth e vem viver com Davy, com grande desespero de «miss» Crupp. Entretanto, também passa a viver com ele a sua tia Betsey que se encontra arruinada e se vê obrigada a alugar a casa...

É assim o episódio de hoje, a exibir pelas 21 e 55, com Giancarlo Giannini no protagonista.

Outros intérpretes: Agnes Wickfield - Anna Maria Guarnieri; e Dr. Wickfield-Mário Feliciani.

Beethoven hoje em «Auditório Musical». A direita: maestro Karl Böhm

AUDITÓRIO MUSICAL: BEETHOVEN

A PARTE FINAL do serão na emissão de hoje, na TV, é inteiramente preenchida pela rubrica «Auditório Musical», cuja apresentação está a cargo do maestro Filipe de Sousa.

Em «Auditório Musical» reunem-se compositores famosos, famosas orquestras, directores célebres e ainda realizadores cinematográficos de renome mundial.

Ouviremos, a partir das 22 e 25, a Sinfonia n.º 7, de Beethoven, nos seguintes andamentos: I — Poco sostenuto — vivace; II — Allegretto; III — Presto; IV — Allegro con brio.

Executa a Orquestra Sinfónica de Viena, sob a direcção do maestro Karl Böhm.

Henri Colpi é o realizador do programa.

O maestro Karl Böhm nasceu na Áustria em 1894. Formado em Direito, completou ao mesmo tempo os seus estudos musicais. Em 1921 foi para a ópera do Estado de Munich. Em 1927 seguiu para Darmstadt, e para Hamburgo em 1931. Sucedeu a Fritz Busch na direcção da Ópera de Dresde e em 1943 passou a dirigir a Ópera de Viena. Solicitado por todos, Karl Böhm tem dirigido as mais famosas orquestras, contando ainda com numerosos discos gravados.

2.º PROGRAMA

EXPEDIÇÃO. «OS CAÇADORES DE RENAS» — Já apresentado no 1.º programa em 19 de Janeiro último, a R. T. P. reservou para a emissão de hoje o documentário da série «Expedição» sobre caçadores de renas e transmitido, pelas 21 e 50, logo a seguir à edição da noite do telejornal.

O «MAIORAL» — OS TRINTA DIAS DE GAVIN HEATH» — Com Lee Cobb, James Drury, Gary Clark, Dony McClare, Robert Shore e Brenda Dillon — os principais intérpretes do filme «Os Trinta Dias de Gavin Heath» episódio da série do Oeste americano «O Maioral» que é exibido pelas 22 e 15. Gavin Heath é um velho amigo do juiz Garth, que um dia partiu arruinado de Medicim Brow e que regressa rico.

Quando se dirige para Shiloh, é mordido por um cão que se supõe estar raivoso. Os dias de Gavin estão contados...

Posta-restante

Nova abertura da nossa caixa do correio, mais respostas a perguntas e questões postas por leitoras e leitores do «Diário de Lisboa».

LAURA PIMENTA (Lisboa) — Confessa a leitora não ter compreendido bem as primeiras imagens do filme «Enigma» da passada semana. Afirma que viu o actor Robert Cummings interpretando o papel de advogado, a sair da sala de audiências e ser felicitado. Entra, depois, numa sala onde estava a mãe do condenado a 10 anos de cadeia. Logo a seguir o advogado aparece cego. Porquê? E pergunta pois achou muito brusca a transição que se deu. Bom... segundo leu, atiraram um ácido à cara do advogado que o cegou. Compreende, não é verdade?! Enfim, coisas...

VICTOR ALVES (Leiria) — Ainda bem que gosta da série da R. A. I., «Biblioteca Estúdio Um». Só demonstra ter bom gosto e uma certa concepção do espectáculo. O próximo será transmitido, ao que sabemos, no dia 31 do corrente e intitula-se «Pimpinela Escarlate», com o grande actor Renato Rascel.

JÚLIO AIRES (Lisboa) — Estes filmes da série «Os Vingadores» que a RTP está a apresentar são ainda com Diana Rigo, no papel da senhora Pell. Quanto a ele, sempre lhe dizemos que Patrick MacNee é primo de David Niven. Sabia?

JOSÉ ANTÓNIO SARAIVA (Porto) — Creia que até gostamos de responder. (Nós até sabemos quase tudo...) o realizador do TV Clube com Bana foi Henrique Pavão. Compreendemos muito bem a sua pergunta...

LUÍSA MENDES (Elvas) — Nós também confiamos numa boa classificação da «Desfolhada» no dia 29 em Madrid, com Simone de Oliveira. Mas não esperamos vitórias... com «Desfolhada». É verdade que «Desfolhada» foi já gravada por outros artistas. Acertou no nome dessa cançonetista, ela gravou também «Desfolhada» em disco. No momento está no México com António Calvário.

DUARTE PINHEIRO (Lisboa) — Acredite em nós. Ninguém na Televisão Portuguesa obriga os artistas a gravar em Play-back total. Quando muito são convidados e estão no seu plenissimo direito em recusar, se não concordam. Agora se não concordam e gravam... talvez não tenham por esse motivo, razões para, mais tarde, fazer certas afirmações...

M. A. P. (Porto) — Que quer que lhe digamos sobre esse artista e esse programa?! Leu o que, a propósito, escreveu o nosso Mário Castrim mas considera que ele ainda foi muito benevolente. Talvez tenha razão, sim. Aquilo, realmente, é demasiado inferior. Há quem gaste elogios à toa a propósito de Alfredo Alária em Portugal.

Inultrapassável atraso, o nosso, santo Deus!

canal da crítica

... E CLASSIFIQUEMOS ESTA «NOITE DE TEATRO» ENTRE OS VERTEBRADOS

Talvez. Talvez a peça «O homem da caneta de ouro» se tenha perdido no último minuto, aí onde uma concessão à facilidade do «happy end» passou rasteira a Álvaro Martins Lopes, autor da peça. Chegados aí, pairou na atmosfera a sensação de «e depois casaram, foram muito felizes e tiveram muitos meninos». O clima de burocracite, de pensamento retrógrado, de direcção ao nível do salonismo, era um clima que respirava chumbo e do grosso, do pesado, do verdadeiro, daquele que arrasta mesmo as pessoas e as instituições para o fundo cada vez mais fundo do pântano.

Burocracia gera burocracia, mas burocracia não existe de geração espontanea. A burocracia é a maneira de ser de determinadas estruturas. Por muito que pese ao mordaz Shaw, não foram os incêndios que aumentaram depois da invenção da escada «Magyrus»...

Mas pronto. Tudo acabou em bem. O director foi despedido, o chefe de secção foi aposentado, os empregados despedidos readmitidram-se, o Pinto, madraço e gozão, mas de olho-vivo para o progresso, é o novo chefe de secção. Tudo volta ao princípio sob o signo da juventude e das vistas largas, pelo menos ao nível das máquinas de calcular. Fora o ábaco! O progresso vem aí, por obra e graça de accionistas esclarecidos.

Se encurtarmos perspectivas e nos cingirmos apenas á obra de Martins Lopes não se deixará de reconhecer a sua excelente estrutura. Dentro dela não existe a incongruência senão a que resulta do excesso que dá a caricatura ou a moral da fábula. O longo discurso do sr. Fonseca, na primeira parte, contra as máquinas de calcular justificará, na segunda parte, a utilização da máquina de calcular como pretexto do despedimento do sr. Pinto intentado pelo chefe. O facto de o chefe de secção não haver lido o relatório dos accionistas, justifica-se na primeira parte quando, sem prévio conhecimento do discurso do director, lhe responde «era a letra num brilhante improviso»...

A peça de Álvaro Martins Lopes não pertence, pois, ao clube de invertebrados em que, ao longo dos anos, se transformaram as «noites de teatro» de origem portuguesa.

Tem, por outro lado, o mérito de aterrar com armas e bagagens no quotidiano, na experiência que é a de uma grande parte do público telespectador. O ambiente recriado em «O homem da caneta de ouro» ao nível da caricatura, participa de uma realidade que durante anos e anos esperou em vão pelos accionistas corajosos e modernos. Muitos chefes de secção, muitas repartições, muitas fábricas, muitos responsáveis que reservam para si próprios o exclusivo de pensar (que não utilizam) de-

(Continua na página seguinte)

TELE RADIO e TV relampago serv. permanente TV UHF fone 820726

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 15.º episódio do Folhetim «A História do Cruz»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo conjunto «The Mexicans»; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de teatro: «Nathan, O Sábio», de Lessing adaptado por Leopoldo de Araujo — intérprete Varela Silva, Caterina Avelar, Augusto Figueiredo, Ivone de Moura, Ana Paula, Assis Pacheco, Luís Santos, Joaquim Rosa, Raul de Carvalho, Andrade e Silva; 0 e 26: Orquestras ligeiras; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «Os Mestres Cantores de Nuremberga» (Wagner); 18: Música do século XX — Obras de Rudolf Bruck; 19: Horizonte, por Amândio Cesar e Mário António; 19 e 10: Folclore Português — Música Regional da Beira Alta recolhida por Artur Santos (Gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Concerto pelo «Coral Luísa Todi» de Setubal, dirigido por Jorge Manzoni; 20 e 50: Abertura «Preciosa» (Weber) — Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera dirigida por Rafael Kubelik; 21: Quinteto n.º 2 em dó (Boccherini) — Narciso Yemes (Guitarra clássica) e o Quarteto Clássico da Rádio Nacional de Espanha; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de Canto e piano pelo contralto Rosário Coelho, e pela pianista Margarida Pereira de Almeida e Sousa, preenchido com «canções espirituais negras»; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 1: Fecho.

2.º Programa — (Cultura em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Música a dois pianos; 23 e 29: Festival de Gargilesse de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura e 1.º disco; 19 e 5: Nova música; 19 e 32: U R I; 19 e 50: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 07: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM 67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Os nossos artistas; 19 e 45: Vedetas do teclado; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novos de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Conjuntos de ritmo; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 39: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Canções portuguesas; 21 e 45: Exitos da Itália; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Dos 7 ás 8 e dos 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Dos 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 8 ás 10 e dos 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Dos 14 e 30 ás 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Charla com o padre Ramon Cué; 20 e 45: Vamos Jogar no Totobola; 21: Parada da Indústria; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim — «David Copperfield»; 22 e 25: Auditório Musical; 0 e 10: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Expedição; 22 e 15: O Maioral; 23 e 35: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1.º Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 15: Vamos Dormir; 20 e 25: Nós as Mulheres; 20 e 40: Sangue na Estrada; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema — «O Doutor Laennec»; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: «Folhetim — «O Cavaleiro Tempestade»; 22 e 15: Culinária; 22 e 45: Concerto; 23 e 35: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Teatro na Estufa Fria

A Companhia de Teatro Popular, sob a direcção de Augusto de Figueiredo, volta a colaborar na temporada cultural de iniciativa do Município, durante oito meses, ou seja, desde Março a Outubro, com espectáculos na Estufa Fria. Em cada mês, é apresentada pelo período de dez noites uma peça de autor português. Para abertura da época, com início no sábado, sobe á cena «O Gebo e a Sombra», de Raul Brandão, peça vigorosa e de grande intensidade dramática.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

vem ontem ter ficado com as orelhas a arder...

Se bem atentarmos no «Homem da caneta de ouro», notaremos que a sua expressão caricatural resultou, em grande parte, do tratamento que lhe deu o realizador e do trabalho de alguns actores, em especial Rui Furtado e Semedo. Na verdade, a peça não raramente se apresentava como simples cópia do real: aqueles discursos, aqueles relatórios, aquelas excomunhões disciplinares não foram inventados, não se alimentam de fantasias. Álvaro Martins Lopes como que nada mais fez se não trasladar. Todos nós, em maior ou menor grau, os conhecemos.

Se as qualidades da peça resultaram para além do trabalho dos actores, quase seria dispensável a referência. Cecília Guimarães melhor na segunda do que na primeira parte em que não conseguiu libertar-se de um certo convencionalismo; Alexandre Vieira muito equilibrado nas suas intervenções; António Sarmento a executar com «calo» um papel que era perigoso, de tão linear; Adriano Reis pois é, o sotaque brasileiro (A propósito: que fez este actor fora destes papeluchos na TV?); Artur Semedo mês incerto no conhecimento do texto e menos certo na «importância» que deveria assumir; Luís Cerqueira a provar mais uma vez o seu direito a esperar papel de maior responsabilidade no teatro da televisão.

Como já disse, Rui Furtado foi muito responsável pela expressão de caricatura que se imprimiu á peça. Demasiado exuberante, nevrótico, por vezes descontrolado, não como personagem, mas como actor — e isso mesmo ainda devido ao ritmo a que se obrigou. É verdade, há no entanto, que render homenagem ao seu profissionalismo, ao trabalho a que não se poupou para impor uma figura práticamente sempre em cena — e a falar.

Oliveira Costa, o realizador, terá sentido a maior dificuldade na direcção artística. Daí, com aqueles materiais tchekovianos, poderia fazer-se um libelo ainda mais forte contra certo tipo de mentalidade. Bastava cortar pela raiz todo o excesso, todos os grandes gestos. A burocracia é, em geral silenciosa e pesada como as minhocas.

Teve, no entanto, apontamentos curiosos na movimentação da câmara, e a fantasia visitou o seu trabalho de onde em onde. De qualquer modo, com a sua realização Oliveira Costa esgotou praticamente os processos usuais do teatro na televisão. Agora, há que dar o grande passo. Agora há que principiar a fazer — Teleteatro.

RECITAL (SE CALHAR VOCES NÃO VIRAM...)

Perto da meia-noite. A hora fatídica. Do crime e do sono. O teatro acabou. Nos cafés, pagam-se as contas, lava-se o tampo das mesas, vestem-se os abafos, boa noite sr. Artur, até amanhã. Em casa, carrega-se no botão: bom, vamos á deita, isto já não dá nada...

As salas estão vazias, o televisor está apagado. E no entanto, passa-se lá dentro qualquer coisa de muito importante que ninguém devia ignorar e que a televisão fez tudo para que passasse despercebido. Lá dentro dos televisores apagados passa-se poesia, música, intérpretes portugueses, autores portugueses. D. Raquel Botelho canta (e como cantá bem!) acompanhada de D. Maria António Saldanha de Azevedo canções de Francisco Lacerda.

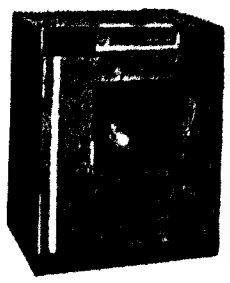
A Televisão esqueceu-se de dizer ao povo: «Não durmas! Tem coragem, aguenta aí, é de ti que vamos falar». A Televisão esqueceu-se — e o povo foi-se embora, e o povo não se sentiu orgulhoso de faldrem dele tão excelentes artistas. Nem lhe disseram o que ia cantar-se, o que era, como era. Não lhe disseram quem são os intérpretes. A respeito de Francisco Lacerda nem ao menos lembraram que nasceu em mil oitocentos e não sei quantos e morreu em 1934. Não lhe disseram. A Televisão tinha oiro entre as mãos e atirou-o ao desbarato pela janela fora. À meia-noite.

E no entanto teria valido a pena que o maior número possível de telespectadores se aproveitasse da experiência: melodias de extrema simplicidade a verter tão belas quadras do nosso povo. Cada quadra, cada composição musical. Quadras populares por música: não teria valido a pena admirar-se o processo, redescobri-lo, dar-lhe — quem sabe! — actualidade?

Mas esperemos. Esperemos que o bom-senso e o amor das coisas boas triunfem. E que o recital de ontem regresse a uma hora de ponta, á uma hora popular. A hora que lhe convém.

MÁRIO CASTRIM

HOOVER



lavar roupa lavar loiça

máquinas automáticas

SEM entrada fiador

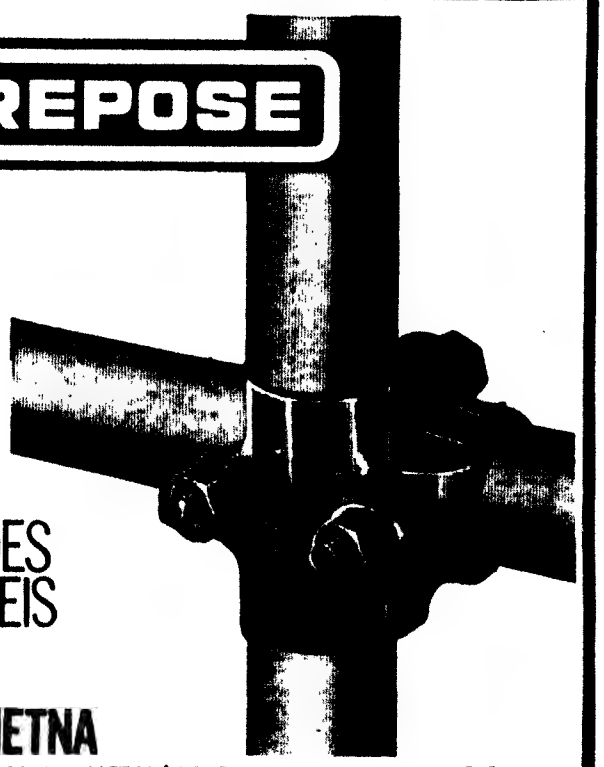
A. OLIVEIRA

av. Alm. Reis·91·A·Lisboa

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ENTREPOSE



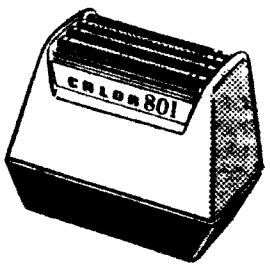
ANDAIMES
COFRAGENS
TORRES
CONSTRUÇÕES
DESMONTÁVEIS

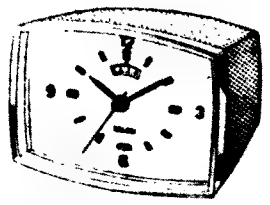
COMETNA

COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL, S. A. R. L.
SUCESSORA DE «ALFREDO ALVES & Cª (FILHOS)»
SEDE — Rua da Academia das Ciências, nº 5 — Telef. 320011 — Lisboa
FILIAL — Praça D. João I, nº 25, 1.º — Telef. 2 47 71 — Porto

NOVIDADES CALOR

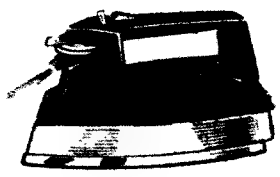
Ferro de frisar eléctrico, automático, com termostato



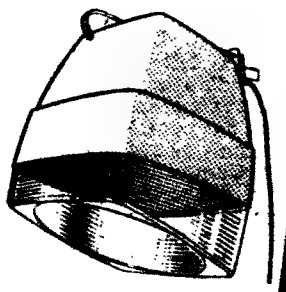


Excepcional despertador eléctrico, silencioso e robusto, com quadrante luminoso

Mais uma excelente Máquina de barbear eléctrica, suave e robusta



Sensacional Ferro de passar a seco e a vapor. Funcionamento garantido contra o calcáreo.



Moderno e elegante Secador de cabelo com 6 graduações de temperatura.

EXCLUSIVO IBEREX

VIAJANTE

Comissionista para trabalhar Alentejo e Algarve, colecção de confecções, fios de «tricot» e forros. Oferecemos clientela dedicada e bom ambiente de trabalho. Exigimos absoluta honestidade, conhecimento do ramo, viatura própria, e pelo menos cinco anos de viagem nesta zona. P. F. não responder se não estiver dentro destas condições. Resposta Apartado 28 — AVEIRO.

OFERTA DO MÊS DE MARÇO

Livros quase de graça seleccionados para divulgação

Pode receber em sua casa, sem mais despesas, remetendo-nos em selos do correio 3$00 para um, 6$00 para dois ou 9$00 para três romances diferentes

Pedidos à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27, PORTO ou á Filial: Av. Almirante Reis, 102-r/c., Dt.º — LISBOA — 1

(Nome e direcção completos e bem legíveis)

MERCEDÉS-BENZ 190 - DIESEL

Em excelente estado de conservação vende-se mediante proposta elaborada em papel selado e entregue em envelope fechado e lacrado.

Poderá ser visto pelos interessados durante os três próximos dias na Rua 1.º de Maio n.º 11 (a Alcântara) das 8,30 às 10 horas.

Informações pelo telefone 538871.

LUSTRES

de sonho para a sua casa Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., E. — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

DESPORTO

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio de Encerramento: Belenenses-Ateneu, ás 20 e 30; Benfica-C. N. O. C. A., ás 21 e 45, e Sporting-Madre de Deus, no Pavilhão da Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino, da 2.ª Divisão, 9.ª jornada: C. D. U. L.-Sporting e Queluz-Ferroviário, na Ajuda, a partir das 21 horas; Barreirense-Atlético, ás 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Torneio popular de seniores: Económicas (A)-Oriental, Palmeiras-Lusitano e Vitória-Ac. Beatense B, na série A; Cova da Moura-Paço de Arcos e C.ª E. Operária-G. D. Ramiro José, na série B; A. Madre Deus-Ac. Beatense A, Est. Alvalade-Económicos B e Bairro Taxa-Leais Amigos, na série C — todos ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

VOLEIBOL — Taça «Mário Mateus» (juvenis): Nacional-Benfica A, em Oeiras, ás 21 e 30.

— Campeonato de Lisboa de Seniores: C. D. U. L.-Moscavide, no Estádio Universitário, ás 22 horas.

No Porto

Ténis de mesa — Juniores: Mocidade Invicta-F.C. do Porto (21 e 30), na sala do Cultural das Antas.

Tiro ao voo — No Parque da Minhoteira (Gondomar)— Prova S. José ás 21 horas.

Voleibol — Campeonato Regional da II Divisão: B. P. M.-Esmoriz (21 e 30) e Oliveira do Douro-Acad. de Espinho (22 e 30), no Ginásio da Escola Gomes Teixeira.

Diversos — Primeiro curso nacional de monitores de andebol: ás 21 horas, na sede da Associação do Porto, palestras pelo prof. Eugénio Carvalheira («Matéria do curso») e Edgar Fernandes («Leis do jogo»).

Assembleia geral do Académico Futebol Clube — Às 21 horas, na sede do clube, para preenchimento das vagas existentes nos actuais corpos gerentes.

CASTIGOS DA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL

ALFREDO e PEDRO: três jogos TORRES — suspensão preventiva

A Federação Portuguesa de Futebol elaborou ontem uma extensa lista de castigos, referentes ás últimas jornadas dos campeonatos nacionais.

1.ª Divisão — Três jogos a Alfredo Teixeira Moreira, do Vitória F. C., por «agressão a um adversário», e a Pedro da Conceição Tavares, do G. D. Cuf, por «insultos graves ao árbitro»; repreensão por escrito a António da Silva Mendes, do Vitória S. C., por «desacordo com as decisões do árbitro», e a Adolfo António da Luz Calisto, do Benfica, pelo mesmo motivo.

José Augusto Costa Seneca Torres, também do Benfico, «foi suspenso preventivamente, aguardando-se esclarecimento do árbitro».

Multas de 500$00 ao Grupo Desportivo da Cuf, por «comportamento incorrecto de uma parte do publico» e ao Sport Lisboa e Benfica, por «demora na entrada em campo».

2.ª Divisão — Três jogos a António Durão do Amaral, do S. C. Beira-Mar, e a Manuel José Vicente da Costa, do G. D. Peniche, ambos por «agressão a um adversário», e ainda a Manuel Quaresma Parente, do Sintrense, por «prática de jogo violento»; 1 jogo a António Gomes Borges, do Torres Novas, por «ameaça de agressão a um adversário», a Luís Barata da Silva, do Académico de Viseu, por «resposta á ameaça de uma agressão» e a Francisco Morais Ferreira, do Torriense, por «resposta á agressão de um adversário».

Ao treinador Janos Szabo, do Torres Novas: 45 dias de suspensão e multa de 750$00, por «desacordo com as decisões do árbitro, no que é reincidente».

3.ª Divisão — Quatro jogos a Armando Dias de Oliveira, do Feirense, por «agressão a um adversário»; três jogos a Luís Ramos Mendes, do Pinhelenses, por «agressão a um adversário»; dois jogos a José Vicente Rodrigues Martins do Lusitano, de Vila Real de Santo António, por «tentativa de agressão a um adversário»; um jogo a João Manuel da Silva Peixoto, do Olhanense por «tentativa de resposta á agressão de um adversário»; repreensão por escrito a Carlos Dias de Oliveira, do Feirense, por «desacordo com decisões do árbitro» e advertência a Carlos Alberto Gonçalves e a Florival Pereira Tavares, ambos do União D. Leiria, por «faltas leves».

A treinadores: 30 dias de suspensão e multa de 500$00 a Barnabé Puertas Marcos do Lusitânia de Lourosa, por «dar instruções aos jogadores durante o jogo, no que é reincidente», e 15 dias de suspensão e multa de 250$00, por «dar instruções aos jogadores durante o jogo».

A clubes: multa de 1000$00 ao Lusitânia F. C., por «comportamento incorrecto de uma parte do publico»; multa de 250$00 ao Mortágua F. C., por «demora na entrada em campo no que é reincidente»; advertência ao C. F. «Os Pinhelenses», por «demora na entrada em campo».

«Nacional» de Juniores — Seis jogos a Angélico José Carapinha Pereira, do Sesimbra, por «agressão a um adversário», no que é reincidente»; quatro jogos a João Silva dos Santos, do Luso F. C., por «prática de jogo violento, agravado por sucessão de faltas»; três jogos a José António Soares dos Reis, do Boavista, por «agressão a um adversário»; dois jogos a Jaime de Figueiredo Rosa, do Belenenses por «jogo perigoso sistemático» e a José Eliseu Rodrigues Pinheiro, do C. F. E. Amadora, e a Joaquim Rodrigues das Neves, do A. C. Malveira, estes por «agressão reciproca com um adversário»; um jogo a Simão Neves de Almeida, do Sporting de Lamego, por «ameaças de agressão a um adversário», e a José Manuel Rosa Louceiro, do Benfica, por «jogo perigoso» e repreensão por escrito a Leonel de Carvalho Queirós, também do Benfica, por «afastamento voluntário da bola do local onde o árbitro a mandou colocar».

Advertência ao Grupo Desportivo de Abravezes, por «demora na entrada em campo», e ao Sport Clube de Alba, por «demora na entrega das licenças ao árbitro, o que originou atraso no começo do jogo».

Taça Nacional de Juvenis — Dois jogos a Alberto da Silva Tavares do S. C. Alba, por «jogo perigoso sistemático».

Ernesto, que tanto se distinguira ao serviço da Académica de Coimbra, não tem sido feliz na sua primeira época com as cores do Sporting. Agora, uma inquietante lesão num joelho, atira-o para o leito hospitalar. E, novamente, o afasta dos campos de futebol, por um período aproximado a dois meses

OPERAÇÃO AO MENISCO DO SPORTINGUISTA ERNESTO

Na Clínica de São Jorge, pelas 18 horas do próximo sábado, o futebolista Ernesto (do Sporting) vai ser operado ao menisco.

●

Dois dirigentes do União de Tomar (Fernando Carrão e João Lopes da Costa) demitiram-se. Motivo: a atitude dos seus colegas em relação ao castigo a Bibeiro.

●

O Sporting tem diversos convites para se deslocar ao estrangeiro. Assim, os juniores de Alvalade vão a Roubaix (partida a 3 de Abril), enquanto os seniores se deslocam a Paris (no próximo dia 7 de Abril).

Por seu lado, há proposta para o campeão de Israel (o Appoel de Tel-Aviv) se exibir em Alvalade.

●

Panhufa, o prometedor extremo-esquerdo em que M. Lino deposita esperanças de bom futuro futebolístico, lesionou-se perante a «reserva» do Belenenses.

●

João Machado, o ultramarino que rápidamente se tornou vedeta da turma nacional de juniores, deve estrear-se pelo Sporting no jogo do próximo domingo, contra o Luso do Barreiro.

●

Hoje, a Comissão Central de Árbitros vai apreciar a exposição do Benfica referente a Marcos Lobato.

Por seu lado, também o Belenenses se propõe apresentar um veemente protesto contra a actuação de José Alexandre, no jogo com o Sporting.

●

Canário e Semedo vão reaparecer na turma do Atlético.

●

Prosseguem as negociações para a cedência do Estádio do Restelo ao Belenenses.

●

Segundo o relatório da gerência, o passivo do Benfica foi reduzido, durante 1968, em 4500 contos.

●

Coluna já ontem pisou o relvado da Luz, fazendo diversos exercícios físicos.

●

José Henrique (infecção nos dentes), Toni traumatismo num pé e «toque» num joelho), Eusébio (lesão no pé direito), Jacinto (lesão num pé), Humberto I (aguardando observação por um oftalmologista), Abel (ruptura de músculos adutores), Humberto Coelho (lesão numa coxa) e Jaime Graça (tíbia e caso do pé á vista, antes de uma suturação com dez pontos naturais) — lista dos jogadores do Benfica em tratamento clínico.

●

A partida Vitória-Atlético foi antecipada para sábado, ás 16 horas.

●

O Benfica foi convidado a deslocar-se a Lourenço Marques, no final da temporada, para defrontar um clube estrangeiro: Real Madrid ou Celtic. Entretanto, decorrem conversações para o «team» de Otto Glória se exibir na Tunísia e, novamente, nos Estados Unidos da América do Norte.

Acontecimentos DE ONTEM

Selecção de juniores de futebol

Realizou-se no Estádio Nacional um jogo-treino entre as selecções Nacional de Futebol de Juniores e a Universitária, tendo a vitória pertencido aos juniores por 6-1.

Tratou-se mesmo de um jogo-treino. Dois dos golos foram marcados (fora de jogo», sem no entanto haver a preocupação de marcar essas faltas. Interessou, sim, acima de tudo a movimentação das equipas no aspecto técnico e táctico.

A Selecção Nacional de Juniores, como era de esperar, foi superior neste capítulo, tendo os «universitários» deixado antever um início de uma estruturação que, com um trabalho em profundidade, poderão chegar até onde pretendem.

As equipas alinharam:

Selecção Nacional de Juniores — Vítor Manuel I (Matos); Laranjeira, Barbosa, Peixoto e Carolino; Jacinto e Serafim; Vítor Manuel II, João, Armando e Simões.

Selecção Universitária — Afonso; Lourenço, Lisboa, Rasteiro e Elísio; Custódio e Carvalho; Assunção, Celso (Jordão), Neto (Castro) e Lince (Sequeira).

Ténis de mesa

Taça de Portugal: Na mesa do F. C. do Porto defrontaram-se as equipas do C. D. U. P. e do Galitos da Foz. Os ribeirinhos venceram por 3-2.

Futebol

Nacional de juniores: No jogo em atraso, a contar para a segunda série (Zona Norte) o F. C. do Porto venceu Lourosa por 8-1.

Jaime Graça, no leito do hospital. Ao lado, a mulher do popular «internacional»

LUTA GRECO-ROMANA

Um «record» do Sporting — apenas 14 minutos para ganhar oito combates

A quarta jornada do Campeonato Nacional de Luta Greco-Romana (equipas) iniciou-se com o triunfo do Sporting por 8-0, sobre o Linda-a Velha, sendo os combates disputados no tapete do segundo.

Os oito lutadores leoninos gastaram pouco mais de 14 minutos para vencerem os seus adversários, estabelecendo, por isso, um «record» na competição.

Os resultados parciais foram os seguintes: 48 kg — Alvaro Duarte (Sporting) derrotou por «assentamento» José Reis (Linda-a-Velha). 52 kg—Leonel Duarte (Sporting) ganhou por falta de comparência. 57 kg. — João Grilo (Sporting) venceu por «assentamento» Artur Coelho (Linda-a-Velha); 62 kg —Rafael Faria (Sp.) ganhou a F. Araujo (Linda a-Velha) por assentamento» 68 kg — Luís Grilo (Sporting) derrotou Manuel Artur (Linda-a-Velha) por «assentamento». 74 kg. — Henrique Reis (Sporting) ganhou a José Luís (Linda-a-Velha) por «assentamento». 82 kg. Luís Aragão (Sporting) venceu por falta de comparência e na categoria dos 90 quilos, Manuel Barbosa (Sporting) bateu por «assentamento» Ramiro Coelho (Sporting).

Os combates foram dirigidos pelo árbitro internacional Mariano Pedro, auxiliado pelos juízes Manuel Ribeiro e Fernando Maria. A prova prosseguirá no próximo sábado.

RAUL: SUSPENSO PELO BENFICA

Para além dos múltiplos problemas de ordem física que inibem diversos jogadores da equipa benfiquista de actuarem em defesa das cores do clube, o Sport Lisboa e Benfica acaba de suspender até ao final do mês corrente (e em conclusão de um inquérito) o «internacional» Raul, que manifestara ao técnico Fernando Cabrita a sua discordancia por determinada atitude.

Na ausência de Raul, o seu lugar na turma «encarnada» deve ser ocupado por Zeca. Pelo menos, é essa a hipótese encarada por Otto Glória.

Tavares Pereira (Sporting) entra na «guarda» de Francisco Realinho (do Rio de Janeiro)

PUGILISMO

Entusiasmo no «Torneio Iniciação»

Sem qualquer subsídio oficial, para o ano corrente, a Federação Portuguesa de Boxe consciente de que parar é morrer, organizou o «Torneio Iniciação», primeira prova da temporada.

Após teimosa luta com os clubes que, por preguiça e desleixo incompreensíveis, não se inscreveram durante o mês de Janeiro, este torneio só agora se realiza.

Inscreveram-se pugilistas do Estrela da Amadora, Estrelas de Alvalade, Ginásio do Sul, Estefânia, Rio de Janeiro e Sporting. Os pugilistas inscritos foram divididos em três séries: A, B e C. À primeira pertencem os pugilistas com um máximo de 5 combates. À B, os que têm de 6 a 12 combates; e á C, os que têm mais de 12 combates.

A primeira sessão comportou dez combates, que tiveram bastante público a presenciá-los e os seguintes resultados:

Série A — «Moscas»: Alberto Paulo (Amadora) derrotou Manuel Palma (Rio de Janeiro), por abandono ao 2.º assalto, revelando decisão, poder de golpe e velocidade. «Galos»: Manuel das Dores (Amadora) voltou a confirmar as suas qualidades, vencendo, por pontos, Fernando Baleira (Estefânia). «Plumas»: António Gouveia (Sporting) desforrou-se da derrota sofrida no torneio anterior, ao bater, por «pontos», José Duarte (Estefânia). «Ligeiros»: José Saraiva (Sporting) venceu, aos «pontos», Armando Seco, do mesmo clube. Fernando Gaveia e Lima Gonçalves, ambos do Sporting, foram desclassificados, por falta de brio, e a cada um foi averbada uma derrota. «Meios-médios» — Lança Pires (Amadora) ganhou, aos «pontos», a José da Costa, do mesmo clube, revelando superioridade técnica. «Médios-ligeiros»: Rosa da Silva (Sporting) derrotou, por abandono, ao 3º assalto, Filipe Massano (Ginásio do Sul). Os combates desta série foram todos disputados em três «assaltos» de 5 minutos.

Série B — «Plumas»: Tavares Pereira (Sporting) bateu, aos «pontos», Francisco Realinho (Rio de Janeiro), graças á sua maior correcção a combater. Enquanto o rapaz do Rio de Janeiro foi advertido duas ou três vezes por faltas cometidas, o do Sporting só uma vez recebeu a advertência. «Meios-médios ligeiros» — Agostinho Pinheiro e Vítor Marques, ambos do Rio de Janeiro, foram desclassificados, sendo averbada uma derrota a cada um, por falta de combatividade. «Médios-ligeiros» — Vítor Marques (Amadora) dominou Lino Mário (Sporting) e veio a ganhar por suspensão do combate (acidente) no terceiro assalto.

Actuaram como árbitro e juízes os elementos aprovados no Curso de Árbitros da F. P. B., os quais se houveram a contento, demonstrando algumas reais qualidades.

Entre os pugilistas mereceram realce Manuel das Dores e Vítor Marques (Amadora). Tavares Pereira e Lino Mário (Sporting) e Francisco Realinho (Rio de Janeiro).

Na sexta-feira, dia 28, efectuar-se-á a segunda sessão deste torneio.

Foi inaugurada uma gambarra de iluminação excelente, de modelo igual ás do Madison Square Garden.

P. A.

ANDEBOL DE SETE

A equipa de Portugal na 7.ª Taça Latina (2.ª de «Esperanças»)

Vai disputar-se em Pontevedra no seu excelente e novo pavilhão desportivo, de 27 a 30 deste mês, a 7.ª Taça Latina (2.ª entre equipas de «esperanças»), em andebol de sete.

Nas anteriores competições, a França foi a vencedora por cinco vezes e a Espanha, uma, tendo a nossa equipa obtido dois segundos lugares, três terceiros e um quarto com as Taças disputadas em Barcelona (1957); Orão (1960); Lisboa (1962); Madrid (1963); Rabat (1965) e Sul da França (1968).

Nesta ultima competição — já entre equipas de «esperanças», jogadores até 22 anos, a nossa equipa obteve os resultados seguintes: França (12-13). Espanha (13-17) e Marrocos (12-16).

A nossa equipa que partirá para o Porto na próxima 2.ª feira, após apresentar cumprimentos na Direcção-Geral dos Desportos, treinará, no dia seguinte, naquela cidade, para a 26 seguir para a capital da Galiza, onde o programa dos jogos é o seguinte:

Dia 27 (de tarde) — França-Marrocos e Espanha-Portugal.

Dia 28 (de tarde) — França-Portugal e Espanha-Marrocos.

Dia 30 (de manhã) — Portugal-Marrocos e Espanha-França.

Acompanham a nossa equipa, os dirigentes Alvaro Garrido, treinador da F. P. A. e Antero Martins, o seleccionador dr. Augusto Costa e o treinador Angelo Pintado.

Os jogadores seleccionados são os seguintes:

José Manuel, 19 anos, estudante, 107 kg, 1,98 m, C. F. Belenenses.
CarlosCorreia, 20 anos, estudante, 66 kg, 1,76 m, S. C. Portugal.
Vítor Simões, 20 anos, estudante, 84 kg, 1,80 m, A. A. Técnico.
António Mendes, 18 anos, estudante, 70 kg, 1,76 m, C. F. Belenenses.
Carlos Lisboa, 21 anos, estudante, 74 kg, 1,76 m, A. A. Passos Manuel.
Tavares da Rocha, 18 anos, estudante, 68 kg, 1,75 m, F. C. Porto.
António Amaral, 21 anos, estudante, 74 kg, 1,85 m, A. A. Técnico.
Manuel Brito, 21 anos, estudante, 66 kg, 1,78 m, S. C. Portugal.
José Leandro, 19 anos, estudante, 67 kg, 1,74 m, F. C. Porto.
José Anaia, 21 anos, empregado de escritório, 68 kg, 1.74 m, S. C. Portugal.
Rui Melo, 21 anos, estudante, 70 kg, 1,74 m, F. C. Porto.
Carlos Vasconcelos, 21 anos, estudante, 80 kg, 1,79 m, S. L. Benfica.
Rui Cruz, 20 anos, serralheiro, 63 kg, 1,79 m, Vitória F. C.
Carlos Custódio, 20 anos, analista, 70 kg, 1,79 m, Vitória F. C.

Médias: 20 anos, 73,3 kg, 1,78 m.

1.º Grande Torneio de Ténis de Mesa da Cidade de Lisboa

A Associação de Ténis de Mesa de Lisboa vai promover a realização do 1.º Grande Torneio aberto de ténis de mesa da cidade de Lisboa, importante competição a disputar nas categorias de meninas, senhoras, infantis juniores e seniores.

O certame inclue-se numa vasta campanha de divulgação da modalidade em que está empenhada a Associação lisboeta.

Troca de golpes entre o sportinguista Rosa Silva e o «vitoriano» Filipe Massano

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

U. Tomar-Leixões	X
Sanjoanense-Varzim	1
Braga-Sporting	2
Belenenses-Guimarães	1
Benfica-CUF	1
Porto-Académica	1
Boavista-Salgueiros	1
Covilhã-Gouveia	2
Espinho-Valecambr.	X
Leça-Tirsense	2
Almada-Montijo	1
Alhandra-Torriense	X
Sintrense-Seixal	1

O 17.º ANIVERSÁRIO DO COVA DA MOURA

O Clube Desportivo da Cova da Moura está a comemorar o seu 17. aniversário, com uma série de actos clubistas da mais variada índole.

Esta noite, pelas vinte e uma horas, efectua-se um encontro de ténis de mesa entre o Paço de Arcos e o clube em festa, para o Campeonato Regional. E na noite de amanhã, conclui-se o torneio de xadrez, com atribuição de medalhas á «caixa» vencedora.

No dia 22 realiza-se uma «soirée» dançante e, no domingo, pelas 11 horas, está prevista uma missa de sufrágio aos sócios falecidos, na igreja de S. Francisco de Paula (ás Janelas Verdes). Na 2.ª-feira, o Cova da Moura promove um torneio-relâmpago de ténis de mesa e, no dia 25, as comemorações encerram-se com um beberete associativo.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

GRIPE
PARA O PROBLEMA DAS EPIDEMIAS GRIPAIS
ARGOTONE
ANTI-SÉPTICO E DESCONGESTIONANTE DAS VIAS NASAIS
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

O NORTE DESPORTIVO
NA EDIÇÃO DE HOJE
● O guia dos jogadores do F. C. do Porto
● As datas das assembleias no Benfica
● As últimas informações sobre o automobilismo

O fim de semana de um carro Hertz começa na sexta-feira...
... às 18 horas e termina às 9 da segunda!
Gaste mais de 2 dias e meio com um carro HERTZ apenas por 400$00.
(quilometragem e seguros grátis)
LISBOA — 52 82 47
PORTO — 2 35 37 - 2 47 26
Hertz

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPERIO
(M. 17 anos) Tel. 559134
A maior produção cinematográfica do mundo
AUSTERLITZ
1.º EPISÓDIO DE «GUERRA E PAZ»
Real. Sergei Bondarchuck segundo a obra de Leo Tolstoy
Atenção: horário das sessões:
Sessão, 15.00; filme, 15.13
Sessão, 21.30; filme, 21.43

ESTUDIO
(Adultos) Tel. 48560
Às 15.30 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Um filme de Carl H. Dreyer
«A PALAVRA»
(Ordet)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
À 15.15 18.15 e 21.30
Richard Burton e Elizabeth Taylor em
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

ALVALADE
(Adultos) Tel. 769069
Às 15.45 e 21.45
Richard Burton e Elizabeth Taylor em
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779866
Às 21.45
O filme que deu significado á palavra «suspense»
AS DIABÓLICAS
A obra-prima de H. G. Clouzot
com Simone Signoret, Paul Meurisse, Vera Clouzot e Charles Vanel

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Divertida comédia de Luigi Comencini
SERVIÇO SECRETO ITALIANO
EASTMANCOLOR
Nino Manfredi, Georgia Moll e Gastone Moschin

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 horas
A MORTE ESPERA EM ATENAS
com Kean Clark, Helga Liné e Mitsouko

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50806
Às 3 e 6 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
Uma sátira mordente à vida inglesa!
ESCORREGAR E CAIR
com Robin Phillips e Genevieve Page

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538343
Às 18.30 e 21.45
Charlton Heston e Maximilian Schell no mais arrebatador espectáculo do ano!
SINFONIA PARA UM INIMIGO
(TECHNICOLOR)
Rigoroso exclusivo de época
METRO: Estação Picoas

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
2.ª Semana
A MAIOR BOLADA DO MUNDO
Panavision — Metrocolor
com Raquel Welch e Vittorio de Sica
HOJE, às 18.30: Sessão a favor das «Oficinas de S. José», com o filme «Os pequenos Homens da Floresta» (M. 6 anos).

CONDES
Telefs. 32 25 23 32 67 10
(M. 18 anos)
7. SEMANA
Às 15, 18 15 e 21.30
RICHARD BURTON CLINT EASTWOOD MARY URE
Um espectáculo que é um desafio á sua coragem!
O DESAFIO DAS AGUIAS
— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260720
Às 17 e 21.30
A PROVOCADORA
com Ann-Margret, Tony Franciosa, Robert Coote e Yvonne Romain

LIZ
(Adultos) Tel. 48500
Às 2. horas
ADEUS AMIGO
O GENDARME EM NOVA YORK

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54353
3.ª SEMANA
Às 15 15 18.15 e 21.30
STEVE McQUEEN e FAYE DUNAWAY
O GRANDE MESTRE DO CRIME
Um filme de classe invulgar

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 18.15 e 21.30
Gregory Peck, Eva Marie Saint num filme de invulgar emoção
EMBOSCADA NA SOMBRA
Technicolor - Panavision
QUINZENA ESPIONAGEM
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
O CASO IPCRESS, de Sidney Furie, com Michael Caine, Nigel Green, Sue Lloyd, etc.
Dia 24: «Estocolmo-Berlim, 1942» (Adultos)

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, á noite, ás 21.30
VIBRANTE EXITO
Um filme de mistério, suspense e acção heróica
MISSÃO NA UNIÃO SOVIÉTICA
com Thomas Hunter e Marie Versini
(Eastmancolor)
HOJE, AS 18.15 — Cinema e Variedades em comemoração do 9.º aniversário de «Os Grandes Romances de Amor» Adultos

ODEON
(Adultos) Tel. 366322
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA TRIUNFAL
da famosa super obra-prima
DÚNIA, A NOIVA ETERNA
com Eva Bartok e Ivan Desny
A odisseia de uma jovem vitima de falsas promessas de amor
AGFACOLOR

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937593
Hoje, ás 21.30 h.
Monica Vitti e Tony Curtis numa sátira maravilhosa!
O CINTO DA CASTIDADE
Se gosta de se divertir não perca este filme

LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 78157
Às 21.30
Ar Condicionado
Parque Privativo
POR MAIS ALGUNS DÓLARES
com Clint Eastwood
TECHNICOLOR

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Ingrid Thulin, Maurice Ronet e Gabrielle Ferzetti em
O DIABO ATRÁS DA PORTA

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
O maior roubo da história!
OURO DE LONDRES
EASTMANCOLOR
com John Karlsen, Jean Val Mont, Mary Di Pietro

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
PETER GUNN DETECTIVE ESPECIAL
A FLOR A BEIRA DO PANTANO

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 326817
Às 21 horas
CABEÇA DE MARTELO
BRUSCAMENTE NO VERAO PASSADO

OUTROS ESPECTACULOS

TEATROS

TRINDADE — Às 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 21 e 45: «O mundo alegre de Bador5» (12 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quando ela se despe» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23: «A Preguiça» (17 anos).

CINEMAS

COLISEU (Cinema) — «A Conquista de Bagdad» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Gata em telhado de zinco quente» (17 anos)
PARIS — Às 21: «Traição» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Selvagem é o vento» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21 e 30: «El Dorado» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «A Furia do Desejo» (17 anos).
OLIMPIA — Às 9: «Frankenstein criou uma mulher» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Cada bala tem um nome» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Colorado Charlie, o terrivel pistoleiro» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Duelo sem tréguas» (17 anos)
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 45: «Os Cavaleiros da Távola Redonda» (12 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «A sombra de um gigante» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «A Rapariga e o General» (17 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Noite de violência» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Chegue á Scotland Yard» e «Missão em Hong-Kong» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A provocadora» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um coração solitário» (17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Duas raparigas em Londres» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Assalto ao forte» e «Pão, amor e Andaluzia»; (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 45: «Em território inimigo» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 45: «Arizona Colt» e «Clementina querida» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O estranho retrato de Jessica» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Viva Django» (17 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 45: «A guerrilheira» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 45: «O segredo dos Catacumbas» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 45: «Aldeia em fuga» e «Ou vai ou racha» (12 anos)

CONCURSO PARA PEÇAS DE TEATRO DECLAMADO

Termina no próximo dia 31 do corrente o prazo para a entrega dos trabalhos referentes ao «Concurso de Peças Inéditas para Teatro Declamado» organizado pela Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Os concorrentes devem apresentar a sua candidatura acompanhada, pelo menos, de dois exemplares manuscritos ou dactilografados dos seus trabalhos, na Repartição de Teatro, Cinema e Etnografia daquela Direcção-Geral.

Serão adquiridos os originais aprovados numa valorização máxima correspondente a 10 contos

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 0-B (722868)
ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (63 635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 20 (84338) • Teles, R. João de Barros 2 (638249)
ALVALADE — Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) • Cortexe, Av. da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 6-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 0 (40471)
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) • João XXI, Av. João XXI 6-A (726462) • Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 2 (727721)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (763 07) • Avenidas, Av. da Republica, 27-A (533688) • Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002) • Palma, Av. Duque de Avila, 25 (47088)
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (5145)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, R. 27, n.º 4 (3126)
BAIRRO — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984)
BELÉM — Ramisie, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) • Sepel, Calçada da Boa Hora, 94-A (63 958)
BENFICA — Lisboa, R. Claudio Nunes, Lote 2 (703393) • Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Combro, Calç. do Combro, 18 (326059) • Azevedo Irmão & Veiga, R. da Misericórdia 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) • Ourique, Rua Freitas Gazul 32-E (67 667)
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 01-01-A (682333) • Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (78018)
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Omar Mopteiro Torres 38-A (774920)
ESTEFANIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (661734)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) • Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 3 (864351) • Bastos Andrade, Calç. de St.ª André, 107-111 (860450) • Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 12-C (862333)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) • S. Tomé, Est. do Desvio Lote 12-C (790704)
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 226 (66344)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (3 237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (764679)
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 00 (3253 8)
PENHA DE FRANÇA — Correnda, Rua Padre Sena Freitas 0-A (8425 8)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 6-A Bairro de St.ª Engrácia, (728395 e 720703)
SÉ — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Salter, Rua de Xabregas 63-65 (38 85)
MOSCAVIDE — Império — Rua Olivença, 44 (Tel. 251 820)

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (212081)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. ...)
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Alnix, Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (2472946)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261186)
ESTORIL — Costa, Av. Saboia, 29-B (260083)
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (280141) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407).

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234 37)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (270227)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 221-B (224141)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, Praça 5 de Outubro, 8 (270264)
MOITA — União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (289025)
MONTIJO — Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (230156).
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (229471)
SETUBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (22488)
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho 68 (22 8560)

Linha de Sintra

AMADORA — Cevaca, R. Elias Garcia 204 (930019) — Flama, R. Elias Garcia, 78-13 Tel. 932485 — Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira 5-A (938 49)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel. 97 0 23).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado 3 (950905) • Zeller, R. da Republica 83 (950045)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (940034)
MEM MARTINS — Quinta, Est. Mem Martins 285, (29 00 2).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456)
SINTRA — Marrazes (Vila), L. Rainha D. Amélia, 20 (980 53).
COLARES — Colares Azenha (Tel. 299088)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 • Companhias Reunidas, 537011 • Gazcidla 538821 • Gazcidla (dom. e feriados) 382089.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 • Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 • Segurança Publica, 366141 • Judiciária, 535380 • Maritima, 326456 • Internacional, 362721 • Viação e Trânsito, 42205 • G.N.R. (área rural) 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 • Enfermagem permanente, 766169 • Enfermagem de urgência, 43738 • Hospital de Santa Maria 775171 • Hospital de S. José 860131 • Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 • Transfusões, soros e oxigénio, 538524 • Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 • Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 • Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 • Estação fluvial (T. Paço), 325345 • Estação Marítima de Alcântara, 663195 • Estação Marítima da Rocha 672445 • Estação fluvial (Belém) 638531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
L. da Torre - Lumiar - 790148
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

FREQUENTE «O CONVÉS»
Av. Santos Dumont ... 45
Tel. 51282 - 51368
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO «PORÃO DA NAU»
AMBIENTE FAMILIAR ... COM EDUARDO NASCIMENTO
Tel. 50529 - 51501

XANGAI
Av. Duque de Loulé 20-B
Telef. 5 73 75
Grande Restaurante Ambiente
ESPECIALIDADE DIÁRIA GALINHA TO LIM e o afamado CHAU CHAU

MINABELA
Restaurante Churrasqueira Pastelaria
AMADORA — Tel. 930191/2
QUELUZ — Tel. 951633

VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
Telefone: 53 87 86

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 146
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
Aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
Parque privativo para automóveis
AR CONDICIONADO
(M. de 15 anos)

PASTELARIA SNACK-BAR RESTAURANTE
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Av. de Roma, 29-B
Tel. 77 77 23

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Repartição Pública, S. A. R. L.
Editor João C. de S.
Sede Rua Luz Soriano, 44
Telefones 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
Composto e impresso na Tipografia DIÁRIO DE LISBOA Telef. 1363
Composto e impresso em Portugal

A produção industrial da U.R.S.S. quadruplicou nos últimos 15 anos

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 20 — (A. N. L.) — A produção industrial soviética quadruplicou nos últimos 15 anos, declara-se na edição de Março do boletim mensal de estatística das Nações Unidas, segundo o qual as indústrias químicas e de artigos de consumo mostraram os mais altos níveis de crescimento.

Entre 1963 e 1965 a economia soviética duplicou a sua produção de fertilizantes minerais, insecticidas, plásticos, máquinas de lavar e televisores. A produção de frigoríficos aumentou três vezes e meia mais, observa-se ainda no boletim.

De acordo com a mesma fonte de informação, o Japão comandou o mundo quanto a novos navios mercantes lançados em 1968 (8 664 000 toneladas brutas), seguindo-se a Alemanha Federal (1 344 000) e a Suécia (1 096 000).

No fim de 1968 ao Japão cabia mais de um terço da tonelagem mundial em construção.

O boletim indica também que as exportações mundiais atingiram o valor «record» de 21 214,13 biliões de dólares em 1967 — mais 5,3 por cento do que no ano anterior mas menos 9,1 por cento e 8,3 por cento em relação a 1965 e 1964, respectivamente. Os mercados industrializados forneceram 70 por cento das exportações mundiais, os países em desenvolvimento 19 por cento.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente pouco nublado, o vento era fraco do quadrante de Leste, havia nevoeiro ou nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 20°; mínima: Pennas da Saude, 0,3°.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 7°; Faro, 7°; Funchal, 8°; Lisboa, 7°; Penhas Douradas, 6°; Portalegre, 4°; Porto, 7°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 16°,5; no Guincho: 14°,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco predominando de Sueste; possibilidade de agravamento nas regiões do Noroeste, com céu muito nublado e possibilidade de chuviscos ou chuva fraca.

Amanhã
Nascer do Sol: 7 e 59
Ocaso: 19 e 49

Dia 26	Dia 2	Dia 9	Dia 16

MARÉS

PREIA-MAR: Dia 20 — 5 e 39 (4,3 m); 18 (4,1 m). Dia 21 — 6 e 16 (4,1 m); 18 e 35 (3,9 m). Dia 22 — 6 e 50 (3,8 m); 19 e 10 (3,7 m).
BAIXA-MAR: Dia 20 — 11 e 21 (0,8 m); 23 e 34 (0,8 m). Dia 21 — 11 e 54 (0,9 m). Dia 22 — 0 e 10 (1,0 m); 12 e 28 (1,1 m).

NA ROTA DE CABRAL

O «NAVAJA» partiu finalmente

Três homens e um pequeno iate partiram hoje de Lisboa com rumo ao Brasil para repetir, quatro séculos e meio depois, a proeza de Pedro Alvares Cabral, avoengo de um dos navegadores de hoje.

Mário Fruttero, D. Vasco António Cabral Camara Pereira e um tripulante, Simão Martins, largaram ao princípio desta tarde, sob um sol morno e um vento fraco de Oeste a bordo do «Navaja».

A partida havia sido adiada anteriormente, primeiro por uma avaria no veio que foi reparada, e depois pela doença da esposa e de dois dos nove filhos do descendente cabralino.

O pequeno mas forte iate, de mastros de tripé, fez-se ao largo quase sem espectadores em terra, embora fosse largamente saudado pelas embarcações com que se cruzou ao demandar a barra e sorrisos de agentes da Guarda Fiscal o tivessem acompanhado de terra.

«Vamos ter, pelo menos ao princípio uma bela viagem» disse Fruttero ao «Diário de Lisboa», antes da largada de Belém. «O tempo agora está maravilhoso», acrescentou.

Três novos membros do Grupo de Inquérito do Ensino Superior

No comunicado, que ontem publicámos, do Grupo de Inquérito ao Ensino Superior lia-se, em certo passo:

«De harmonia com as resoluções tomadas, as reuniões de grupo têm-se efectuado regularmente com uma parte dos seus membros apoiados por um secretariado constituído especialmente para o efeito; os restantes membros colaboram apenas no período final dos trabalhos e na elaboração do Relatório, etc.»

Podemos hoje informar que aquele secretariado é constituído pelos srs. eng.º José Manuel Proença da Fonseca, director de serviços do G. F. P. A. E.; eng.º Adelino Amaro da Costa, editor do jornal universitário «Tempo»; e dr. Pedro Roseta, antigo presidente-geral da J. U. C., director do «Encontro» e presidente do conselho fiscal da Associação Académica de Direito. Entretanto, este secretariado passou a integrar também, o referido grupo, para o qual foram inicialmente nomeados, mantendo-se todos em actividade, os seguintes elementos:

Prof. dr. Fernando Dias Agudo, prof. eng.º Fraústo da Silva, prof. dr. Miller Guerra, prof. rev. Baeslar de Oliveira, dr. Adérito Sedas Nunes, prof. dr. Alberto Ralha, eng.º José Joaquim Fragoso, dr. Mário Murteira, dr. Robin de Andrade e dr. Rui Machete.

PÁSCOA NO FUNCHAL
(Preços especiais)
7 Dias ... Esc. 3.160$00
GRANDES REDUÇÕES PARA CASAL E CASAL E FILHOS.
☆ Excursões facultativas
☆ Estada em Hotel, quartos com banho.
PARA MAIS INFORMAÇÕES DETALHADAS PEÇA-NOS FOLHETOS DESCRIMINATIVOS OU DIRIJA-SE À
STAR — Telef. 539871
UTILIZE O CREDI-STAR
STAR

ALTOS DIRIGENTES DA GENERAL ELECTRIC CO. EM PORTUGAL

Encontram-se em Lisboa os srs. J. Stanford Smith, vice-presidente da General Electric C.º e director do Information Systems Group, e o sr. Arthur E. Peltosalo, também vice-presidente da Companhia e director-geral da Divisão Internacional Information Systems.

Estes altos dirigentes da G. E. vêm a Lisboa de visita à Filial portuguesa da Bull General Electric, empresa integrada no Information Systems Group, o qual constitui, hoje, na indústria do tratamento da informação, um gigantesco potencial técnico, financeiro e humano.

A General Electric, de que o referido grupo faz parte, é a quarta empresa do mundo, sendo ela própria a segunda utilizadora mundial de computadores, depois do Governo americano.

Acompanham aquelas entidades o sr. Michel Jalabert, director «Service-Informatique» da Bull General Electric, e sr. Caillet, da Direcção da mesma Companhia.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
PAQUETE «ANGOLA»
Informam-se os senhores passageiros de que a saída do paquete «Angola» marcada para 23 do corrente, às 12.00 horas, foi alterada para o próximo dia 24, segunda-feira, pelas 12.00 horas, efectuando-se o embarque na Estação Marítima de Alcântara, a partir das 10.00 horas.

JOHN LENNON CASOU-SE COM YOKO ONO

LONDRES, 20 — (R.) — O «beatle» John Lennon e a japonesa Yoko Ono casaram em Gibraltar esta manhã, segundo revelou hoje um informador dos «Beatles».

O informador disse não ter pormenores sobre o casamento, sabendo apenas que o casal tomara um avião para Paris.

O romance entre John Lennon e a japonesa tornou-se público em Julho do ano passado quando o «beatle» admitiu aos jornalistas estar apaixonado por Yoko Ono, uma actriz de cinema.

Em Novembro Cynthia, a primeira mulher de John Lennon obteve o divórcio sob a acusação de adultério do marido com a japonesa.

O tribunal permitiu que o divórcio de Lennon corresse os seus trâmites mais depressa porque Yoko estava a espera de um filho.

No entanto em Julho quando os jornalistas perguntaram a Lennon se tencionava casar com a japonesa ele respondeu: «Não creio que o casamento seja a consequência final do amor».

John Lennon e Yoko Ono

Uma delegação [illegible] entregou ao Presidente da Câmara de Lisboa, o telegrama que dá o nome do [illegible] Artur Portela a uma das ruas da cidade. A gravura mostra o momento em que o escritor Artur Portela Filho faz a respectiva entrega, rodeado de jornalistas

UM FILÃO DE OURO DESCOBERTO EM MALANJE

MALANJE, 20 — (L.) — Foi descoberto a 100 quilómetros de Malanje um filão de ouro com um quilómetro e meio de extensão, aproximadamente — anuncia o jornal «Angola Norte».

O exame laboratorial teria indicado uma percentagem de 5 por cento, sendo a base da rocha encaixante constituída por estanho com 5 por cento de cloretos de ouro, prata e bronze — acrescenta o jornal, que cita um «experimentado técnico» como tendo manifestado a opinião de que poderemos estar em face da maior reserva aurífera do mundo, superior até á da África do Sul.

O FUNERAL DO SOLDADO-CADETE VÍTIMA DO REBENTAMENTO DE UM PETARDO

Da capela do Hospital Militar Principal, em Lisboa, para o cemitério de Maiorca (Figueira da Foz) realizou-se ontem o funeral do soldado-cadete António Francisco Domingos de Sá Pinto, natural desta localidade.

O inditoso militar sucumbiu aos ferimentos sofridos num acidente (rebentamento de um petardo) ocorrido na madrugada de terça-feira última, em Mafra, no decorrer de exercícios de rotina.

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 555/20 DE MARÇO DE 1969

HÁ VINTE ANOS, O SURREALISMO

O folhetim artístico de José-Augusto França

(página central)

Graciliano Ramos: da problemática regionalista (e sociológica) à estrutura romanesca

ESTRUTURAS

por Nelly Novaes Coelho

«...mesmo que, pela natureza de suas funções, o crítico fale da linguagem de outros, ao ponto de querer aparentemente (e por vezes abusivamente) concluí-la, tal como acontece com o escritor ele não diz jamais a *ultima palavra*. Ainda mais: esse mutismo final, que os identifica em suas condições, é o elemento que revela a verdadeira identidade do crítico: o crítico é um escritor. Está aí uma pretensão de *ser*, não de *valor;* o crítico não pede que se lhe conceda uma «visão» ou um «estilo», mas sòmente que se lhe reconheça o direito a uma certa palavra, que é a palavra indirecta.»

Roland Barthes (1)

E sem ser, evidentemente, a «última palavra» a ser dita acerca do romance de Graciliano Ramos, o crítico mineiro, Rui Mourão, acaba de nos oferecer a visão analítica mais completa que já se publicou acerca das leis narrativas e do processo criador do romancista alagoano. Recente lançamento de Edições Tendência, de Belo Horizonte, *Estruturas* — Ensaio sobre o romance graciliano — registra uma aguda percepção crítica que faz crescer em valor a obra graciliana, desvendando-a ao leitor como um «conjunto de extraordinária riqueza, em que as *exigências da invenção* caminham paralelas com a *complexidade de problemas* que levanta.»

Ensaio resultante de um curso de Literatura Brasileira, ministrado pelo autor na Universidade de Brasília, em 62 (e elaborado em texto em 64, quando foi apresentado como tese de mestrado), *Estruturas* descortina um método analítico que vemos reivindicado pelo mais recente limiar do pensamento crítico: o que preconiza não mais o rígido enfoque do texto literário, como um objeto autônomo, absoluto e desligado de suas «circunstâncias» (diretriz do «new criticism», da estilística, do formalismo...), mas sim o mergulho analítico na linguagem dêsse texto, considerando-a como a manifestação concreta de realidades abstratas que, direta ou indiretamente, a condicionaram. (2).

Rui Mourão: perspectiva estruturalista do processo criador em Graciliano Ramos

Referimo-nos aqui ao estruturalismo, postura crítico-analítica que todos discutem, reivindicam ou atacam, mas que no setor da *crítica literária* ainda não foi elucidada totalmente, pois o que se tem visto é que, com raras excepções, a teorização está precedendo a aplicação real da análise às obras. Obviamente o caminho inverso do que seria lógico acontecer...

Inserindo-se, portanto, numa das correntes mais discutidas do pensamento atual, êste ensaio crítico acêrca do romance graciliano representa, sem dúvida, um passo decisivo para uma possível formulação metodológica da análise estruturalista, aplicada à literatura.

Obra estimulante pelos problemas colocados ao longo da análise, e pela revisão crítica a que força o leitor, esta recente publicação apresenta múltiplos interêsses. Ofereçe-nos:

1. uma breve revisão crítica dos métodos vigoran-

(Continua na 6.ª página)

DANTE e a cultura anticultura

Um texto de Witold Gombrowicz

HÁ DEZ ANOS era um autor completamente desconhecido. Hoje, galardoado com o Prémio Internacional de Literatura, chama a atenção de todo o mundo culto, vê-se traduzido por toda a parte (inclusivamente em Portugal: a Ulisseia publicou recentemente, na versão de Luiza Neto Jorge, o romance Cosmos), **suscita as mais desencontradas opiniões. Em França, particularmente, a época 68-69 inscreve-se sob o signo de Witold Gombrowicz: Christian Bourgois edita o «Diário Paris-Berlim», Pierre Belfond uma série de entrevistas conduzidas por Dominique de Roux e as Editions de L'Herne, além de um caderno a ele inteiramente dedicado, um curto (e saborosíssimo) ensaio, «Nota sobre Dante», em que Gombrowicz se entrega, com humor ambíguo e corrosivo, à demolição de Dante e da** Divina Comédia. **Desse original-ensaio extraímos uma das passagens mais significativas.**

Gombrowicz: manifesto anti-Dante

Através de mim, vai-se para a dor eterna,
Através de mim, vai-se para a cidade [dolente,
Através de mim, vai se para a raça [perdida...

«Cidade dolente», escreve ele... A propósito do inferno? Não poderia ele encontrar algo de melhor?

Palavra de honra, é coisa mal arrancada, banalíssima e... demasiado «tirada da vida»... Eu di-lo-ia muito melhor! «Meta»! Acima de tudo, o inferno é metafísico.

Quando se fala do inferno e preciso escolher as palavras que estão em contradição interna, a fim de podermos conservar o elemento do Indisível. Em vez de *Através de mim, vai-se para a cidade dolente* experimentemos qualquer coisa como:

Através de mim, vai-se para a cidade sem [fundo,
Eternidade que persegue o seu abismo...

É melhor! Muito mais profundo se verifica um tal inferno que se afunda no seu próprio abismo...

Passemos ao segundo verso da inscrição dantesca gravada na porta do Inferno (é, lembremo-lo, o princípio do terceiro canto da *Divina Comédia: Dante e Virgílio* dirigem-se para a porta infernal onde brilha a famosa inscrição):

Através de mim, vai-se para a dor eterna.

Aqui, a única palavra que poderia incomodar-me seria *eterna*. Não podia ele ter inventado um adjectivo mais forte? Peguemos na caneta. Raciocinemos. Mas para quê o quebra-cabeças? Tenho apenas o embaraço da escolha, sim, uma dúzia, pelo menos, de ideias melhores, prontinhas e familiarmente instaladas na cabeça, como por exemplo:

Através de mim, vai-se para onde o mal [eterno
Se infecta, se atormenta e se avilta,

Eis a exegese deste meu dístico: enquanto na primeira definição (metafísica) do inferno eu fiz sobressair o absoluto da sua inumanidade, nesta exprimo o único elemento que poderia —ainda que debilmente — humanizar o inferno, torná-lo acessível ao homem. Pois bem, trata-se de uma grande trapalhada, de uma série de asneiras. O inferno é uma empresa falida.

Eis aqui um pensamento moderno (e, quanto a mim, cheio de atractivos).

Com efeito, o Mal absoluto deve ser «mau» igualmente no seu ser. O Mal desejando o mal e unicamente o mal não saberia realizar-se «bem», isto é, plenamente. O homem «mau» pratica um acto mau — por exemplo, matar o vizinho—mas, para ele, este mal é um bem; não o pratica porque é mal mas porque, para ele, é bem, dá-lhe jeito... e quer fazê-lo «bem» e não mal. É um homem como todos os outros, procura o bem; a única diferença é que esse «bem» vê-o ele no crime... Mas o Demo? O Demo quer o mal, ùnicamente o mal, não saberia querer o bem: assim também quanto a ser o Demo, ele quer sê-lo «mal». O inferno é coisa mal concebida. Na sua própria essência está viciado. Coisa de pacotilha.

Pensamento interessante, este. Moderno. Talvez um bocadinho dialético de mais; mas alarga a imaginação ...

Nem mesmo há outro, tirando aquela ideia cheia de trapalhadas e asneiras, que possa dar à humanidade uma imagem do abismo infernal. Uma visão do mal que se atormenta e se tortura a si próprio... nada mal... interessante, não?

(Continua na página seguinte)

Retorno à essencialidade

OUARTO ALUGA-SE
•
A PROGRESSÃO GEOMÉTRICA
por Fernando Abranches-Ferrão
ed. «Movimento»

QUARTO ALUGA-SE, a novela com que se estreia na ficção, e, logo a seguir, *A Progressão Geométrica* (exercício teatral em 5 quadros) revelam em Fernando de Abranches-Ferrão uma decidida procura dos valores morais reduzidos às suas propostas mais inequívocas (e, por isso mesmo, mais complexas) na sua geometria essencial.

A «paixão e morte» desse ex-aluno de direito que de funcionário bancário acaba ao serviço do oportunismo de uma proxeneta, processa-se numa contradição bem desenvolvida de valores essenciais que se abatem na sua simbologia mais convencional (o retrato dos pais, o fantasma tutelar do avô-ministro, etc.). Por outro lado, a batalha de D. Genciana até obter a submissão final do jovem é desenvolvida sem alardes de dramatismo, dentro de uma lógica elementar e com uma naturalidade de motivações de que resulta, afinal, a verdadeira densidade dramática da narrativa. Jorge, o herói de *Quarto Aluga-se* é fundamentalmente hipotecado e depois vencido pela necessidade de fugir à solidão, pelo desejo de triunfar da timidez e pela ambição modesta de cumprir os mandamentos elementares da honra e do reconhecimento.

Esta mesma linha de motivações poderá deduzir-se, e com mais evidência, no esquema de *A Progressão Geométrica*. Aí, numa lógica da inocência (de que Beckett tira as suas mais violentas alegações), Fernando de Abranches-Ferrão demonstra com inequívoco à-vontade a essencialidade dos valores mais complexos. Morte e Dever, Verdade e Acção — eis, entre outros, os problemas que os dois soldados põem em cena nestas cinquenta páginas de «Exercício Dramático».

Exercício conseguido. Verdadeiramente bem estruturado na sua linguagem sem efeitos e na complexa pureza das vozes. Mas tanto este texto teatral como a novela identificam-se numa personalidade literária que se exprime com *desconcertante* simplicidade para atingir em profundeza o complexo paradoxo da ordem do nosso tempo e das suas aviltações.

Dante e a anticultura

(Continuação da pág anterior)

Ele, o peregrino de Florença, ignorava uma tal ideia, nem sequer estava à altura de a conceber.. Se a pudesse ter entrevisto, tê-la-ia saudado de joelhos, ele e o Virgílio com ele. Ah, o pulo que teria dado então o seu inferno, picado por tal espora!

Quanto ao terceiro verso

Através de mim, vai-se para a raça perdida...

ele pode ir, perfeitamente de acordo, nenhuma reserva da minha parte: a «perdição», sabemos-lhe hoje o gosto... Gostaria contudo de completá-lo com um qualificativo um tanto ou quanto inesperado:

Através de mim, vai-se para a raça [perdida...
Raça infatigável..

«Infatigável» — um adjectivo extremamente simples, extremamente rude, empregando em expressões como «dançarino — ou trabalhador — infatigável» mas que

reúne este outro sentido, o de «impossível de rebentar»... Sim, porque a essência humana do danado é irredutível, feita para a eternidade. Diabo e Homem sendo as duas colunas indestrutíveis do inferno.

Retomemos agora o todo desde início:

Através de mim, vai-se para a cidade sem [fundo,
Eternidade que persegue o seu abismo,
Através de mim, vai-se para onde o mal [é eterno
Se infecta, se atormenta e se avilta,
Através de mim, vai-se para a raça perdida,
Raça infatigável...

Façam o favor de comparar a minha versão com os tercetos dele, superficiais e desbocados. Determinado assim pelas minhas três ideias, que inferno verdadeiramente dantesco! Mas, repito, eu poderia ainda alinhar dez outras ideias igualmente vertiginosas e aliás desconhecidas de Dante: concebendo o inferno, por exemplo, como «continuidade» ou como qualquer coisa de «granulado», ou então recorrendo a conceitos como «transferência», «fundo», «transcendência», «alienação», «função», «psiquismo», «ser-em-si-para-si», etc. etc., eh, oh, ah!

Eis-me, através do enxame tumultuoso de seiscentos anos empanzinados de existência, reatando com este Dante bizarro, eis-me mergulhado no tempo acabado a fim de atingi-lo, a ele, ao morto, um certo «ex» Alighieri... Na nossa comunhão com os mortos a única coisa anormal é que isso nos pareça tão normal. Nós dizemos: ele viveu, ele morreu ele compôs *A Divina Comédia*, estou a ver se a leio...

E contudo o passado é, de certa certeza, o que já não é. Quanto a um passado que contaria seis séculos, eis uma coisa de tal forma longínqua que eu próprio — mesmo que se tratasse do meu próprio passado — jamais o encontrei: desde que estou vivo, esse passado é qualquer coisa de «ex». Então que significa «ele vivia no passado»? No meu presente pessoal encontro alguns vestígios — este poema — e por eles deduzo dessa outra existência, a de antanho, que sou obrigado a recriar. Todavia, para que possa dizer de alguém que ele «foi» (termo incrível, mas que de qualquer modo se poderia considerar como um «é», apenas mais enfraquecido), é preciso que esse «foi» surja no horizonte do meu presente, que eu o distinga como estranho ponto de intercepção de dois raios: o primeiro, que vem de mim, do meu esforço recriador, e o segundo que nasce do exterior — no cruzamento exacto do futuro e do passado, no próprio cerne do escoar do tempo, raio que me permite sentir quanto o que «foi» continua a «ser», «ser» no sentido de coisa que «foi».

Comunicar com o passado é elaborá-lo a muito custo e incessantemente, é chamá-lo constantemente à existência... Mas, como nós «lemos» esse passado graças aos vestígios que ele nos deixou, e atendendo a que estes dependem do acaso, do próprio material — mais ou menos quebradiço e enormemente tributário de acidentes diversos ocorridos no decorrer do tempo — que os traz até nós, então esse passado só pode ser caótico, acidental, fragmentário... Sobre a pessoa de uma das minhas tetravós nada sei — o seu aspecto, o seu carácter, a sua vida, nada, mas verdadeiramente nada, nadíssimo... excepto este pormenor: em 16 de Junho de 1869, dia exacto da eleição do rei Miguel Korybut, comprou gengibre e duas *varas* de fustão. Dela só resta uma folha de papel amarelecido cheia de contas de somar onde se podia ler a um dos cantos (já não recordo muito bem) qualquer coisa como: «M. Suolt, ao regressar de Remigola, queira trazer-me duas varas de fustão e gengibre». Gengibre e fustão, nada mais.

O passado é pois uma história fabricada de retalhos... eis o que ele é. E, mesmo assim, dá-nos que pensar, esse desejo que temos de dispor, apesar de tudo, de um passado inteiro, completo, vivo, recheado de personagens, bem concreto, e que essa necessidade esteja em nós tão fortemente enraizada.

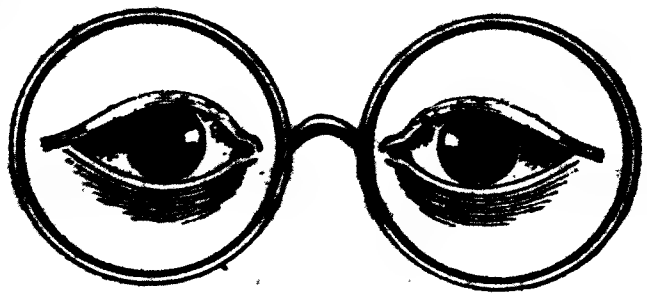
WITOLD GOMBROWICZ

Rectificação de Melo e Castro

Do poeta E. M. de Melo e Castro recebemos, com pedido de publicação, o texto que passamos a reproduzir:

«Relativamente ao parêntesis (*e a gente está aqui é para se divertir*, sic) que se encontra no artigo de crítica sobre o meu livro VERSUS - IN - VERSUS de Eduardo Prado Coelho, publicado pelo «Diário de Lisboa» em 13 de Março último, desejo fazer a seguinte rectificação:

— Eu não estou aqui para me divertir, mas sim para realizar boa *Poesia*, indiferentemente de quaisquer alvos visados (sic) seja por que crónicas for. Poesia objecto e meio de comunicação entre os homens num mundo em transformação. Desejo ainda notar, para evitar confusões, que «divertimento» nada tem que ver nem com «humor» nem com «sentido lúdico da criação», pelo menos no entender que a minha aventura de pesquisa e criação de linguagem me faculta. É que o divertimento satisfaz e adormece; o humor e o jogo irritam e estimulam.» — a) *E. M. de Melo e Castro.*



A cultura em revistas

LANGAGES

Atingiu o número 13 a publicação *Langages*, que é editada pela Didier-Larousse. Pertencem ao seu conselho de direcção linguísticas das mais variadas orientações: Roland Barthes, Jean Dubois, A.-J. Greimas, B. Pottier, B. Quemada, Nicolas Ruwet. A fórmula é a seguinte: cada número ocupa-se de um determinado tema e é confiado à direcção de um ou dois especialistas. Barthes dirigiu um volume dedicado às relações entre linguística e literatura (onde aparecia um artigo de Jacobson e Luciana Stegagno Picchio sobre Fernando Pessoa), Greimas dirigiu um outro dedicado a prática e linguagens gestuais, Ducrot ocupou-se da lógica e da linguística, Sumpf organizou um número sobre sociolinguística, etc. Quanto a este número, com a data de Março-1969 e com o número 13, trata-se de um volume que apresenta como título global: *Análise do discurso*. É o grupo de Jean Dubois que aqui nos comunica o resultado de algumas das suas actuais investigações. Encontramos no sumário: J. Sumpf e J. Dubois, *Problèmes de l'analyse du discours*, Zellig S. Harris, *Analyse du discours* (texto de trabalho que funciona como elemento de partida), J. Sumpf, *Le problème des typologies*, G. Provost, *Approche du discours politique: «socialisme» et «socialiste» chez Jaurès*, S. Meleuc, *Structure de la maxime*, Jean Dubois, *Énoncé et énociation* (onde se confrontam teses estruturais e teses transformacionistas), e Lucie Irigaray, *L'énoncé en analyse* (texto admirável de uma psicanalista da escola lacaniana). Trata-se, por conseguinte, de um número importante para a compreensão dos progressos da linguística — ciência nuclear nos nossos dias, como Lévi-Strauss disse e nós aprendemos.

Pelas suas implicações no que toca à teoria da literatura, atente-se neste passo do magistral artigo de Dubois: «Para um transformacionista, a ambiguidade é a própria lei de um texto, porque ele tem por princípio que a estrutura de superfície realizada depende de uma estrutura de base que é múltipla: faz da ambiguidade a situação normal do texto. Assim, duas estruturas de base profundamente diferentes, e dizendo respeito a interpretações semânticas distintas, dão o mesmo enunciado, e nenhum elemento nos põe fornecer a solução se não intervierem outros tipos de modelos diferentes dos deste enunciado. A ambiguidade não resulta da possível multiplicidade dos objectos a que um texto se pode referir, mas da multiplicidade dos indicadores sintagmáticos (das estruturas) de que ele é produto». Dubois expõe uma teoria da enunciação que dá lugar ao papel criador do sujeito e à incompletude da comunicação.

TEL QUEL

Com *Tel Quel* temos uma das mais importantes publicações culturais franceses. Revista de vanguarda filosófica, literária e ideológica, *Tel Quel* não reúne textos dispersos, mas sim o trabalho colectivo de um grupo que deste modo nos dá conta das suas orientações e evoluções. Embora muito atacada pela ala conservadora francesa, sobretudo pelo estilo, que não é evidentemente acessível àqueles que pretendem continuar as linguagens que as ideologias estabelecidas lhes impõem, *Tel Quel* prossegue no seu rumo, que é cada vez mais um dos pontos decisivos da actual cultura francesa. No comité de redacção figuram os nomes de Jean-Louis Baudry, Marcelin Pleinet, Jean Ricardou, Jacqueline Risset, Denis Roche, Pierre Rotenberg, Philippe Sollers (que é sem dúvida o mais activo) e Jean Thibaudeau. Entre os colaboradores destacam-se Foucault, Derrida e Barthes. *Tel Quel* associa no seu projecto a ciência e a literatura, como nos indica o seu subtítulo.

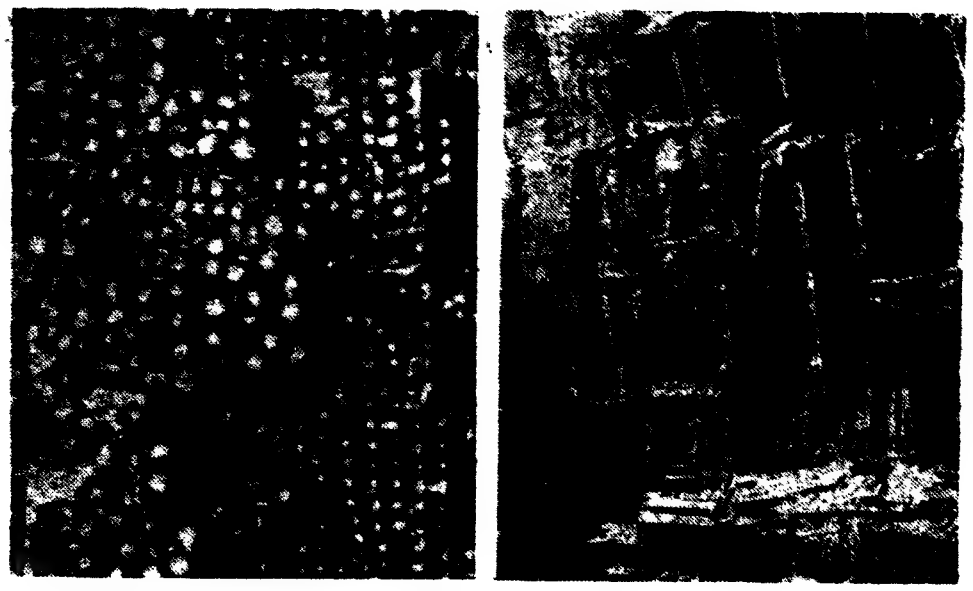
No número de Inverno, 38, encontramos: um ensaio de balanço e análise à conjuntura ideológica assinado por Philippe Sollers: *Survol/ Rapports (Blocs)/ Conflit;* um texto esmagador e impressionante de Pierre Guiastat, *Bordels Boucherie;* o final de um excelente ensaio de Baudry sobre Rimbaud e a parte final do estudo filosófico de Jean-Joseph Goux *Numismatiques* (onde Goux tenta aproximar Derrida, Lacan e Marx). Temos, por fim, além de um poema de Jacqueline Risset (Jen), um fragmento admirável de um futuro livro de Arthur Adamov: FIN AOUT. Num estilo drogado, construído em torno de visões parcelares e impressões convergentes, Adamov parece voltar aos temas autobiográficos de *L'Homme et l'enfant*.

E. P. G.

Os meios e os fins

por Rocha de Sousa

QUANDO COMENTÁMOS a última exposição de Noronha da Costa, chamámos a atenção para a importância dos problemas tecnológicos (incluindo a seguir os problemas técnicos que já dizem respeito à coordenação plástica da linguagem) e quisemos portanto reintroduzir essas questões no programa de análise da obra, por nos parecer que o artista moderno continua a depender dos fenómenos físicos que estabelecem as condições e os condicionalismos do seu trabalho.



Materiais, matérias e forma

1. Quando se confere à imaginação, num plano de irrequieto inconformismo, o papel decisivo na atitude criadora, esquece-se muitas vezes que a simples descoberta de um expediente de resolução não é, por si só, a meta perseguida pelo artista. Nesse expediente podem estar já definidas as operações de oficina fundamentais que vão delimitar a obra, tanto do ponto de vista estritamnte tecnológico como do ponto de vista técnico. Mas é neste último aspecto que o artista vai experimentar dificuldades suplementares, pois tem de estabelecer com clareza qual o modo eficaz de assumir os materiais, retirando deles o maior partido e tendo o cuidado de não os trair no seu comportamento peculiar. A utilização arbitrária de certos meios de condução dos materiais, ainda que nos dê conta de um hábil manejo artesanal, leva quase sempre a um estabelecimento confuso dos resultados e promove a diluição dos caracteres de autenticidade que toda a obra de arte deve comportar. Os exemplos deste equívoco são muito mais frequentes do que nos pode parecer, e ainda há bem pouco tempo, pela Exposição de Tapeçarias Francesas Contemporâneas, tivemos oportunidade de os observar: artistas que dominaram, ao longo de um trabalho exigente, certas modalidades técnicas dentro de uma expressão original, não souberam, na mesma medida, empregar na tapeçaria os cuidados novos e correctos de uma oficina diferente, racterizada por outros dados tecnológicos e por outras coordenadas técnicas. Em boa verdade, o respeito por esses dados e por essas coordenadas, longe de mutilar a liberdade criadora, estabelece para o artista novas linhas de disciplina e novas disponibilidades de expressão.

A descoberta e a conquista de materiais inesperados pressupõem uma investigação metódica através da qual o artista pode, muitas vezes, pôr á prova a anterior problemática do seu trabalho, exigindo do espírito, com outro esquema de dados físicos, a tradução de uma nova disciplina de resultados. Se o esquema introduzido estiver falseado na coordenação dos dados, a disciplina descoberta conterá erros de estrutura, tanto mais visíveis quanto mais arbitrária for a operação técnica referida.

2. No caso de Noronha da Costa o exemplo estabelecia-se com grande clareza e pensamos que ele é, afinal, suficientemente demonstrativo do processo aqui levantado: visando uma certa problematização do real, já desenvolvida em anteriores exposições através de outras condições tecnológicas e de outras associações técnicas, Noronha da Costa procurou ampliar a verificação das suas ideias, introduzindo no seu trabalho outros dados físicos de base, outros materiais, outros procedimentos de oficina, mantendo enfáticamente a *atitude* de espírito. Com grande exigência e demonstrando uma excepcional capacidade de investigação, recusou-se a subverter as novas condições descobertas e procurou assumi-las na sua mais eficaz articulação: assim conseguiu uma nova disciplina de resultados que teve imediatamente o mérito de iluminar até á evidência o seu anterior esquema de pensamento.

Este processo só foi possível no respeito pelas coordenadas físicas do objecto tentado, enquanto foram decididas formas aequadas de manejo dos materiais ao nivel de uma oficina que teve de se reorganizar plenamente. Não se fala, em geral, desta reorganização necessária, por se pensar que ela se situa num plano secundário em relação ao estabelecimento das ideias que constituem o programa final do artista, a sua atitude interventora e definitiva. Mas, em boa verdade, a coordenação mental não se corresponde com a explicitação física que os materiais possibilitam — e é esse abismo que o operador plástico tem de vencer através de meios peculiares, de elementos técnicos cuja maleabilidade não é total. Essa resistência, de resto, fomenta a própria criação: porque, ao *fazer-se*, a obra *explica-se*, desintegra-se ou confirma-se, desintegrando ou confirmando um programa de ideias. Falar da obra sem atender a esta sua realidade é tambem falsear os dados de uma outra obra que dessa decorre, é alienar a crítica do seu objecto, sobrepondo-a a regras de comunicação que tem, para além de códigos estabelecidos, um aparelho físico em que se corporizam.

Quando enfáticamente se põe de lado tudo o que define a existência física da obra, riscando do exercício analítico a computação das suas realidades técnicas, nega-se a única possibilidade científica do trabalho crítico, aí onde ele se pode fazer em plena sistematização de dados conhecidos, desmontando todo um mecanismo de base a partir do qual os fenómenos mais complexos se decidem. As formas plásticas encerram, em si mesmas, o conteúdo e não há, por isso, maneira de trocar as significações intrínsecas de uma linha horizontal e de uma linha vertical. Mas a operação técnica que estabelece essas linhas no plano é também diferente tanto num caso como no outro, o que sempre acontece conforme as situações e conforme os materiais de trabalho. É por isso razoável pensar-se que o conhecimento dessas realidades, assim como das regras que definem a sua percepção, têm capital importância para a ampliação da análise da obra e para a fundamentação do seu conhecimento. Se ao próprio artista esses dados se impõem, porque da consciência deles, como já dissemos, melhor se determina a objectivação da linguagem e o que ela exprime, do mesmo passo devemos estimar incluir o espectador no domínio das razões de certos fenómenos, se ele deseja de facto integrar-se num círculo de comunicação e ser também agente criador.

Tapeçarias portuguesas

SERVINDO-SE da oportunidade aberta com a Exposição de Tapeçarias Francesas Contemporâneas, decidiu a Manufactura de Portalegre, com a colaboração da S.E.I.T., apresentar em Lisboa um conjunto de peças saídas dos seus teares, assim procurando fazer público registo da sua história e da sua provada capacidade técnica. É evidente que esta exposição, assim proposta apressadamente e só justificada como acima se refere, assumiu a breve trecho o carácter de réplica, numa confrontação inesperada e desnecessária, o que por certo não pretendeu. Apesar da exposição francesa não ter correspondido ao que seria de esperar, o conjunto apresentado pela Manufactura de Portalegre em nada se aproxima do critério desejável, um critério que excluísse todas as peças que não referissem uma visão técnicamente correcta dos problemas da tapeçaria, com igual atenção para a validade artística.

Num plano estritamente tecnológico, a fábrica portuguesa parece desejar pôr ao juízo público as suas reais capacidades, mas ilustra-as, em grande medida, através de objectos que só se correspondem com a tapeçaria no facto de terem sido realizados em lã e com a intervenção de um tear. Os virtuosismos demonstrados, que tão longamente corromperam a tapeçaria francesa das manufacturas representadas na S.N.B.A., sobretudo durante o século XVIII, atestam apenas uma capacidade técnica que já não surpreende nem interessa. Se descontarmos exemplos mais escandalosos, o tapete executado a partir de um quadro a óleo de Vieira da Silva é suficiente demonstração de um espírito errado, que apenas pode servir, no plano comercial, para fontes de consumo menos informadas. Internamente, pensamos que a fábrica se pode alhear desses problemas, os de uma exigência crítica e portanto de uma ética da produção, mas já não concordamos que sejam os objectos híbridos saídos dessa atitude que se apresentem ao nível de uma vaga exposição de tapeçarias de artistas portugueses, na sua grande maioria. Para os que conhecem a longa produção da Manufactura de Portalegre, e as peças de real interesse que aí se inscrevem, foi com certeza decepcionante a exposição agora apresentada, já que seria possível trocá-la, com outro critério e o apoio de elementos qualificados, por uma outra verdadeiramente representativa, actual estéticamente, e correcta do ponto de vista técnico. A oportunidade, portanto, não foi devidamente aproveitada e não vemos sequer que a Manufactura tenha beneficiado junto do público que mais a respeita e que melhor conhece a sua contribuição no âmbito da produção portuguesa correspondente. Isso quer dizer que a exposição da tapeçaria portuguesa contemporanea ficou por fazer, tendo de ser assumida por alguém em devido tempo; nessa altura, para além de uma defesa dos méritos da Manufactura de Portalegre, de renome internacional, será também tentada uma representação adequada da capacidade dos nossos artistas nesse domínio. E alguma coisa se há-de ver para corrigir o erro agora praticado.

«Voo nocturno», tapeçaria de António Charrua

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**SOUSA CARDOSO**, HOMENAGEM AO GRANDE PINTOR MODERNO PORTUGUÊS
GALERIA PERMANENTE *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA, COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES**
GALERIA INTERFORMA *Av. Cazal-Ribeiro*	**ISABEL LAGINHAS**, O ESPÍRITO DE SÍNTESE NA COR E NA FORMA
DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**LIMA DE FREITAS**, O FANTÁSTICO NUM REALISMO JÁ VIVIDO
S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**TAPEÇARIAS CONTEMPORÂNEAS FRANCESAS**, REFERÊNCIA HISTÓRICA E TÉCNICA COM EXEMPLARES DESIGUAIS
S. E. I. T. *Praça dos Restauradores*	**22 ANOS DA MANUFACTURA DE TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE**, DEMONSTRAÇÃO TÉCNICA DO TRABALHO NACIONAL NESTE DOMÍNIO, COM EXEMPLARES DESIGUAIS
QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**NORONHA DA COSTA**, MAGRITTE APÓS POLANSKI OU A PAISAGEM IMPOSSÍVEL

Há vinte anos, o surrealismo

Folhetim artístico de José-Augusto França

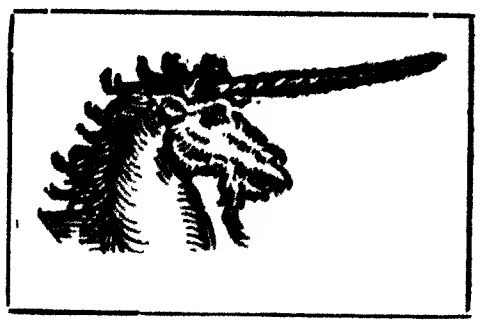
EM JANEIRO DE 1949 inaugurava-se em Lisboa uma exposição de pintura surrealista. Num quarto andar da Rua da Trindade, que fora «atelier» do António Pedro e do António Dacosta antes e durante a guerra. Uma escada de caracol, difícil de trepar, e uma ampla sala com toda uma parede envidraçada.

O Grupo Surrealista de Lisboa, formado em Outubro de 1947, ali tinha a sua primeira manifestação pública de importância — e de algum escândalo.

Lisboa, pacata e tão onanista quanto, trinta e dois anos atrás, a vira Amadeo de Souza Cardoso acorreu à exposiçãozinha, levada por uma curiosidade não certamente estética, e bem compensada ficava ao poder reagir em espanto e troça perante os quadros e as colagens que lhe eram mostrados. Quem quisesse podia ainda comprar os «cadernos» na ocasião publicados — um balanço do que no domínio mais ou menos surrealista em Portugal se passara até então, um «proto-poema» do António Pedro, e um romance em imagens adoptadas (que as pessoas mais bem informadas tomavam por «c o l a g e n s») do Alexandre O'Neill. E o catálogo com uma descompostura inicial, a l g u m a s declarações ocorrentes dos expositores.

.. Mas como ser surrealista em Portugal?

Não cabem neste folhetim «in memoriam» explicações complicadas que noutro sítio já dei, ou hei-de dar — mas a verdade é que a nossa posição era difícil. A nossa — do António Pedro, do Vespeira, do Fernando Azevedo, do Moniz Pereira, do Alexandre O'Neill. E, também, a do Mário Cesariny, que do «Grupo» se arredara por razões intelectuais e pessoais também, vindo a formar outro agrupamento de amigos, que pouco depois exporia, embora com menor relevo plástico — por razões de um amadorismo técnico que mais a eles convinha do que à arte.



A guerra acabara não há muito, e outras ilusões estavam, então, acabando, nesse acabar provocando situações polémicas que era necessário viver intensamente. Em Portugal tão intensamente (ingènuamente, nervosamente, burramente, empiricamente assustadamente...) quanto possível.

Traidores que nós fomos, então — por termos deixado de fazer para «o povo» uma arte que nada, em parte alguma, jamais provou que o povo quisesse! Pelo outro lado da pátria, condicionante deste, éramos, também, acusados de perigo público. Um tremebundo filho espiritual e profissional do Padre José Agostinho de Macedo irrompeu em conferências e artigos, com separatas e tudo. «Farsantes» é que nós éramos! Pobre sujeito: lá o tenho em descanso no meu «dossier» destas coisas da incompreensão lusitana, onde sociològicamente a hei-de explorar...

Do Surrealismo que houve entre 1947 e 1949, ficou, então, um nome, uma etiqueta, que veio substituir na linguagem corrente o termo «futurista» que trinta anos atrás surgira na boca torcida das pessoas, então «lepidópteras», como dizia o Sá-Carneiro.

Ficou um nome e uma dezena de quadros imediatamente feitos, a ligar aos do António Pedro e do Dacosta, realizados durante os dez anos anteriores. Ficou um «cadavre exquis» pintado, obra rara, senão única, na produção surrealista internacional — a esse título reproduzida na recente «Histoire du Surréalisme», de José Pierre; e alguns poemas.

Em 1952, seria a grande exposição do Vespeira, do Azevedo e do Lemos, que projectou exigências surrealistas na pintura que a seguir seria realizada em Portugal.

António Pedro, Alexandre O'Neill, Moniz Pereira, Mário Cesariny, J.-A. França e Vespeira em Maio de 1948

Ficou assim e, sobretudo, dinâmicamente, uma mudança de rumo na pintura e na poesia portuguesas, pelas quais entrou um imaginário inquietante — contra a pacatez folclórica da «segunda geração» («...quem, pelo Ferro forjado, de ferrugem foi morrendo...») e contra as íntimas cócegas sentimentais da «Presença».

E ficaram pessoas que o tempo tomou: carreiras de pintores e de poetas continuadas ou interrompidas ou desistidas. Não cabe citar nomes — mas apenas lembrar, em conclusão de folhetim, que o poder da imaginação (ou «a imaginação no poder») por muitos caminhos é surrealistamente válida. Que sem ela, acrescento eu por conta própria, também se não pode fazer crítica, nem história, nem sociologia. Não só da Arte.

Editorial Inova Porto
Hachette Paris
Aldus/Bonniers Estocolmo
Guadarrama Madrid
Kindler Munique
McGraw-Hill Nova Iorque
Meulenhoff De Haan Amsterdao
Il Saggiatore Milão
Weidenfeld & Nicolson Londres

Biblioteca Universitária Inova

Recortar e enviar à
EDITORIAL INOVA LIMITADA
PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38 ■ PORTO
Nome
Endereço

As palavras e os outros

AS PALAVRAS DOS OUTROS
por
Baptista-Bastos
ed. Publicações Europa-América
Lisboa, 1969

«Este é um livro de reportagens», escreve Baptista-Bastos ao abrir *As Palavras dos Outros* que ele soube captar com aguda sensibilidade e transmitir com generosa intenção. Mas lendo este volume, rememorando textos como *Boaventura*, como *Chico do Burro*, como *Os Velhos num Retábulo*, o leitor mais atreito ás definições hesita na catalogação que o Autor impôs a estas peças literárias. Reportagens? Antes crónicas? Contos, até?

E aí está a riqueza de fundo deste livro, o seu ponto de partida. A sua modernidade, se se quiser. É que as barreiras convencionais e caluniosas que separam o «repórter» do «escritor» são um lugar-comum sem fundamento e provêm duma *superstição* convenientemente alimentada por falsas hierarquias intelectuais. Baptista-Bastos aí está a prová-lo, quando comenta: «Ao remanejar estas páginas, o autor reparou que havia muito dele naquilo que escrevera ao longo de alguns anos: muito daquilo que ao longo de alguns anos ele procurara como verdade.»

Declaração sucinta de uma tomada de posição, estas palavras de Baptista-Bastos são o módulo da grande abertura que os textos de *As Palavras dos Outros* propõem a uma concepção de jornalismo. Grande abertura, porque inequivocamente se responsabiliza logo de entrada por uma posição interpretativa que o repórter «imparcial» assume perante o acontecimento «objectivo». Grande abertura porque consequentemente, repórter e realidade se comprometem e, a um outro nível já, porque simultâneamente é também o escritor que está sempre presente quando *reporta*.

Baptista-Bastos: o escritor sempre presente, mesmo quando reporta

Na já célebre entrevista a Matateu, o remate condoído que o autor lhe impôs denuncia a mesma sensibilidade literária que entretece as páginas dessa crónica (ou reportagem, ou conto) intitulada *Os Velhos num Retábulo*. E isto só evidencia a certeza de que hoje — e contra todos os comodismos dos arquivistas — do mesmo modo que as fronteiras do romance adquiram uma nova abertura, também a reportagem e certas expressões jornalísticas ganharam largueza e densidade de expressão.

Ernest Hemingway, um nome que vem mais do que nunca a propósito de *As Palavras dos Outros*, ao escrever uma das suas melhores o b r a s (*Verão Sangrento*) teria feito uma reportagem sobre Ordoñez ou um texto em que a ficção e a apologética serviram para dar maior suporte e verdade á realidade (como em tantas outras páginas que nos deixou)? A questão apresenta-se hoje com menos interesse do que no tempo

(Continua na 6.ª página)

Anomia e evasão

por Júlio Moreira

O TERMO

NÃO ME LEMBRO de ter visto a palavra *anomia* empregue em português; é provável que já o tenha sido, mas não entrou na órbita do sucesso. Porém existe. Lá vem no Morais juntamente com os adjectivos *anomial* e *anómico*.

O termo virá do grego *anomo-*, prefixo que significa irregularidade, e será assim parente próximo de todas as anomalias e anormalidades.

Sob a forma latina de *Anomia* aparece para designar um molusco bivalve da família das Anomiidae que terá chocado o naturalista por qualquer irregularidade em relação ao esquema geral dos moluscos bivalves que constava dos compêndios.

Mas o termo *anomia* que nos interessa vem do séc. XVI (segundo Robert K. Merton) e foi recuperado por Durkheim para o vocabulário da sociologia moderna.

O avisado Morais já o define: *anomia, s. f. Falta* de lei ou de regra, desvio *das leis naturais:* mas Littré não indica para *anomie* outro sentido que o da zoologia: as conchas bivalves.

Foi no fim do século passado, na Tese de doutoramento *Da divisão do Trabalho Social* que Durkheim fez uso do esquecido termo de anomia.

Desde então a anomia não tem deixado de crescer e dominar o espaço dos fenómenos sociológicos. Poderíamos dizer ao gosto dos sensacionalismos publicitários que a humanidade entrou sem se aperceber na *era da anomia*.

O CONCEITO

A lista dos trabalhos que se referem à anomia é bem limitada (ver bibliografia no fim do artigo), ainda que o conceito complexo que exprime seja duma importância capital em sociologia.

Nestas condições de subemprego o conceito ganha em acuidade. Todos nós conhecemos palavras que entraram em *sobrecarga semântica* pelo uso excessivo que delas foi feito, ao ponto de se tornar impossível empregá-las sem incorrer no risco maior de ambiguidade.

Em plena *era da anomia* continuar a ignorar o signo verbal que a representa é de certo modo uma forma de colaboracionismo (com a anomia); e mesmo com o risco das *sobrecargas semânticas* que possam advir para o termo, é tempo de assumir a consciência do perigo *anómico*.

T. Parsons pretende definir anomia como o resultado de quatro séries de factores sociológicos: a ausência de finalidade e objectivos, a indeterminação dos critérios de comportamento, a permanência duma expectativa conflitual e a ausência de símbolos concretos bem definidos.

Diga-se em honra de Durkheim que nunca tentou uma definição de anomia, procurando, sim caracterisá-la nas suas manifestações.

Thomas e Znaniecki retomam o conceito de anomia ao estudar as comunidades polacas emigradas para os E. U. A., sem tentar também uma definição do conceito. Pelo contrário procuram evitar particularizações e ultrapassar a rigidez dicotómica indivíduo-sociedade que espartilhava a análise de Durkheim.

A preocupação de *definir*, manifestada nas obras de Merton e Parsons implica automàticamente uma tomada de posição radicada em opções ideológicas do autor.

Assim Merton situa a anomia ao nível do indivíduo, considerando as suas manifestações como o resultado da inadaptação individual.

OS FACTOS

Por anomia pretende-se designar uma situação patológica das sociedades donde resulta uma inadaptação dos indivíduos. Esta inadaptação tanto pode ser descarregada sobre o indivíduo (assim o pretende Merton), como sobre a sociedade; mas o que importa é o facto da inadquação em si, é a análise dos mecanismos que levam à desagregação da sociedade em indivíduos isolados.

Os fenómenos típicos da anomia acompanham sempre determinadas situações sociais. É pela sua exemplificação que poderemos mais fàcilmente assimilar o conceito de anomia.

1 — emigração

A situação do emigrado é a do indivíduo que se desloca para uma sociedade com um padrão de valores diferente, em que os automatismos de adaptação deixam portanto de funcionar. O ajustamento às novas condições processa-se com maior ou menor dificuldade, mas o indivíduo incorre sempre no risco de anomia que se manifesta pela desmoralização.

Uma aparente excepção ocorreu em Israel onde os indivíduos mais tradicionalistas se mostraram os mais aptos a funcionar nas novas condições por mais diferente que fosse o seu meio de origem. Mas neste caso a radicação em valores tradicionais idênticos sobrepôs-se às diferenças mais espectaculares do meio.

2 — modificações sociais

Se em vez de considerarmos a deslocação dos indivíduos duma sociedade para outra, considerarmos a deslocação da sociedade, por uma alteração profunda de estruturas, em face dos indivíduos que permanecem no seu meio, obtemos um efeito de anomia idêntico.

A complexidade dos factores em jogo não pode limitar-se à identificação com opções políticas ou pressões económicas que em geral aceitamos para explicar o número cada vez maior de *refugiados* que circulam pelo Mundo sem conseguirem reintegrar-se.

Mesmo para os indivíduos que permanecem, enfrentando as modificações sociais, haverá tendência para a formação de sub-grupos, cujas tensões recíprocas contribuem para o desenvolvimento dos fenómenos de anomia.

Raymond Aron refere-se a um mecanismo deste tipo num prefácio ao livro de A. Passeron *A reforma das Universidades*.

3 — divisão do trabalho

Segundo a tese de Durkheim a divisão do trabalho é um factor de anomia. Neste caso não existe um *efeito de deslocação* relativa do indivíduo e da sociedade. O processo dá-se em condições de permanência das estruturas base, como o resultado duma evolução que pode ter sido lenta, e não explica em si o aparecimento dos fenómenos de anomia. É pois na condição estàticamente considerada do trabalho dividido, que Durkheim vê os factores de anomia, e em particular no *isolamento* que resulta da especialização.

A análise desta situação particular pode contribuir para uma visão diferente da anomia que os factos anteriores (emigração e modificações sociais) pareciam identificar com a ruptura dum equilíbrio entre o indivíduo e a sociedade. De facto, o «isolamento» do indivíduo na sociedade, qualsquer que sejam as causas particulares imediatas, parece constituir a principal motivação da anomia.

ISOLAMENTO

Durkheim retoma o conceito de anomia no livro «O Suicídio».

A desmoralização do indivíduo menos sujeito a disciplinas rigorosas nas sociedades mais evoluídas, é a explicação que atribui aos maiores índices de suicídio que se verificam nessas condições.

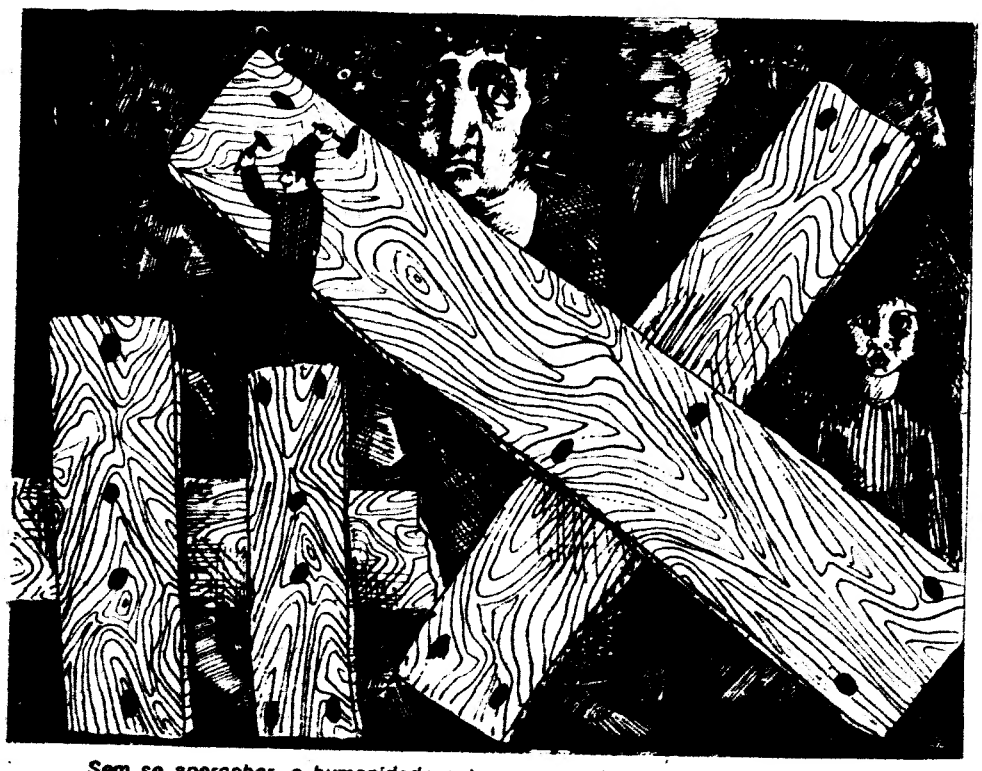
Sabemos que a divisão do trabalho é uma característica desses meios. Durkheim não o esqueceu. Mas quer ir mais longe e encontrar uma pluralidade de razões. A fragilidade das estruturas matrimoniais, a segurança social que reduz o desejo de lucro e de promoção e, duma maneira geral o afrouxamento de todas as regras de comportamento que possam exercer sobre o indivíduo uma função reguladora das paixões.

O vício de moralismo é evidente. Mas a via de observação aberta pelo conceito de anomia pode levar-nos mais longe. Um minuto de silêncio em homenagem a Durkheim e não falemos mais nele.

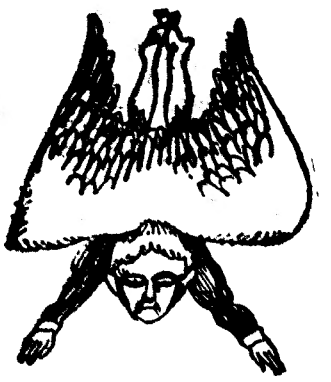
Os índices elevados de suicídio em países de elevado nível de vida e de grande liberdade (diz-se) de costumes, serve de facto com frequência para tirar ilações para todos os fins úteis.

Não é o dinheiro que dá a felicidade ou a natureza

(Continua na 7.ª página)



Sem se aperceber, a humanidade entrou na era da anomia *(desenho de Topor)*



PESSISSISMO

por Alexandre O'Neill

À entrada de Nápoles, o Federico parou o carro, virou-se para mim e para o Zé Cardoso:

— Amigos! Vamos entrar em Nápoles. Cautela com as carteiras, com as mulheres, com os desconhecidos. Sou napolitano, sei o que digo...

Eu e o Zé, que viajávamos desde Roma a cabecear de sono e sentados no duro (dois dias antes haviam roubado, na Eterna, os estofos do assento de trás do carro do Federico...), rimos molemente com o aviso do nosso excelente amigo. Federico sublinhou a recomendação com um gesto que tanto poderia querer dizer «acreditem-me!» como «vão à vossa vida!». Enfiámo-nos, depois, no delirante carrocel que é o trânsito automóvel na cidade de Nápoles.

Eu, que, nesse tempo, já traduzira «**La Pelle**», do Malaparte, «esse trompe-l'oeil», como diz o meu querido xará (homónimo) Alexandre Eulálio, acomodei-me na ideia de que entre o que um tipo escreve (principalmente quando o tipo se chama Curzio Malaparte) e o que depois se encontra, cabe muita decepção ou... consolação. Nápoles talvez não fosse assim tão ladina e voraz.

Pelo menos estava-se a ver que não era o cartaz turístico WLC.

*

Em casa da sua velha, o Federico ficou rápidamente reduzido a Federi, depois a Fèdé, depois a Fé. A simpática senhora deu-nos vinho, bolos e informações. Estas reportavam-se todas ao tempo em que o seu Fé era pequenito, isto é, quando, durante a resistência ao ocupante alemão, ele vinha esconder armas no jardim da casa...

Assomei a uma janela e contemplei longamente a baía. Imaginei ouvir bandolins e tinorrossis. Enjoei. Com as primeiras luzes que se acendiam na baía de brilhantina, propus a Federico que nos levasse ao hotel, tanto mais que o Zé Cardoso esgotara a sua provisão de cigarros americanos...

*

Arreados no hotel, mortos por um longo banho quente com muita espuma e ligação directa da banheira a Lisboa («Olá querida como estás?... Eu estou aqui no banho em Nápoles...»), Zé Cardoso e eu produzíamos os nossos passaportes na recepção, quando o grande lustre do vestíbulo, foguete de lágrimas congeladas, começou a tilintar. Primeiro, pouco; depois, muito. Muito, meu Deus!, e a casa está toda a tremer. Zé da minha alma por aqui me sirvo! Alex duma figa eu também!

Corremos os dois para a porta. Ninguém, além de nós, se moveu. Só se moviam as queixadas dos empregados, que riam a mais não poder.

Eu chamei a mim o meu galo-de-barcelos; Zé Cardoso também.

Fomos, então, informados (quando já nos encostáramos, descon-traídos palavra!, ao balcão da recepção) que se tratava muito simplesmente da passagem do metro.

À noite, afogámos o nosso pessimismo com pizza e vinho anti-sísmico das encostas do Vesúvio.

E Zé Cardoso comprou cigarros americanos...

Estruturas

O autor e os outros

(Continuação da 4.ª página)

em que Stephen Spender fez escola com as suas distinções entre novela e «short-story» e em que, *intra muros*, os críticos de há vinte anos batalhavam pelas nossas páginas literárias em prol das definições literárias. Baptista-Bastos superou esse tabú. Se é indiscutivelmente um dos maiores jornalistas da nossa actualidade, isso deve-se precisamente á abertura com que foca o fenómeno vivido e ao gosto de uma prosa dinâmica, literalmente acabada.

Daí que *As Palavras dos Outros* resulte com uma verdade que geralmente não é conseguida em colectâneas deste tipo. Lisboa, a aldeia, a vedeta, o escritor, as figuras anónimas do «bas-fond» ou esse romântico e inesquecível velho da estação de Queluz, saltam com uma densidade interior que conseguiu através de uma narração precisa e de movimentado recorte «visual». É uma peregrinação pela *Feira Cabisbaixa* (O'Neill) que Baptista-Bastos, ao cabo e ao resto, nos descreve — um encontro com o país, através da paisagem e dos elementos humanos, Amália, Marceneiro, uma vidente, o milionário que viveu a recompensa dos folhetins impossíveis — tudo isso faz o quotidiano de uma sociedade, a moral de um tempo e o seu recorte mais íntimo.

Lendo *As Palavras dos Outros*, quem afirma que o jornalismo tem sobre ele a condenação do provisório, do efémero?

S. M.

(Continuação da 1.ª página)

tes na crítica brasileira em geral;

2. a visão analítica do romance de Graciliano, inicialmente enfocado como um *valor-em-si* (objeto estético que é), e depois como um *valor relativo*, inserido no processo cultural a que pertence;

3. a demonstração da análise estruturalista, aplicada ao exame do processo criador do romancista em foco, com o inteligente aproveitamento de todo um atualizado instrumental teórico, que serviu de alicerce à intuição criadora do crítico.

No capítulo inicial, «Pressupostos Metodológicos», Rui Mourão começa por afirmar que «a obra de Graciliano Ramos permanece em grande medida intocada diante de uma crítica que a si mesmo se limita, ao eleger ângulos de interêsse comprometidamente parciais, quando não se mostra de todo insuficiente, por uma desatualizada impostação teórica». Para o leitor que conheça alguns dos muitos estudos interpretativos do romance graciliano, essa afirmação tentativa, logo no início, causará surprêsa. Entretanto, com o prosseguimento da leitura, quando a posição do crítico mineiro se vai definindo, a severa revisão crítica ali registrada começa a ser compreendida em sua real dimensão.

«Numa bibliografia que se avoluma dia a dia», diz Rui Mourão, «o autêntico *close reading* dos textos nunca foi tentado, o que explica o convencionalismo de uma interpretação que até agora tem-se mantido ao nível de simples exterioridades, apresentando a «abordagem estilística tímida dos eternos fazedores de tese», ou o «estudo temático ingênuo — tão mais ingênuo quanto mais desconhecimento da verdadeira fenomenologia da criação artística parece demonstrar —, ou a exegese que experimenta repor em circulação o mais que extinto método biográfico — tendência grandemente estimulada depois que o ficcionista passou a escrever as suas memórias».

Se por um lado não concordamos totalmente com algumas das apreciações revisionistas do crítico, expostas no decorrer do capítulo inicial, por outro, não lhe podemos negar a verdade global do panorama traçado (o que vem confirmar a impossibilidade de se dizer a «última palavra» de que fala Barthes...).

Assim, se examinarmos o fenômeno da deficiência da crítica atual, em sua objetividade concreta, inteiramente desligado das causas que o explicariam (embora não o anulem...), tal como o fêz Rui Mourão, temos de convir que o quadro geral, sintetizado no trecho acima transcrito e na revisão bibliográfica que o segue no livro, é absolutamente correto. E mais, que as deficiências apontadas com relação aos estudos sôbre Graciliano são, via de regra, as deficiências comuns à generalidade da crítica brasileira do momento.

Sem nos estendermos em problema tão complexo, pois aqui não é êsse o nosso objectivo, não podemos nos impedir, porém, de abrir um parênteses em nosso comentário do livro em foco e aproveitar a oportunidade para adicionar um dado importante ao lúcido e melancólico levantamento apresentado pelo nosso crítico; um dado que êle não degistra, òbviamente por tratar-se de problema que o distanciaria do objetivo em mira. Trata-se do fato inegável de que êsse «descompasso» da crítica nacional com as mais modernas perspectivas metodológicas não se deve (como pode parecer ao leitor desavisado) à displicência, comodidade ou à falta de qualidades da maioria dos que militam na crítica literária, mas sim a um fenômeno mais sério: por um lado, à crise que em todo o mundo atingiu e atinge a postura crítica tradicional, abalando-a pela base; e por outro, à superação dos métodos de ensino vigorantes em nossas Faculdades de Letras, as instituições que, evidentemente, deveriam formar os elementos destinados à militância na crítica, desde que, com a crise referida, aquela deixou de ser uma atividade meramente intuitiva e impressionista e passou a exigir objetividade, métodos definidos de análise e a fundamentação teórica indispensável.

Nesta época de efervescência reformista nos círculos universitários, parece-nos importante ressaltar essa irredutível interdependência que existe entre as directrizes tomadas pela crítica literária e os métodos de ensino que alicerçam nossos cursos de Letras. Forçoso é confessar que êstes, em sua grande maioria, ignorando (ou não conseguindo aplicar) as directrizes de pesquisa apontadas pelas novas correntes surgidas em outros países mais avançados, continuam utilizando exclusivamente os métodos tradicionais (historicista, biográfico, temático...), os quais se ainda continuam válidos para a compreensão de determinados aspectos do fenômeno literário, não podem subsistir sòzinhos, sem a verdadeira abordagem estética que é propiciada pelo *close reading*, isto é, pela análise minuciosa do texto, amparada por toda uma fundamentação teórica atualizada.

Nessa mesma ordem de idéias, lembramos ainda que Teoria da Literatura, a disciplina formadora da consciência e da metodologia crítica, só entrou nos currículos de letras de nossas Universidades, a partir de 1961. Portanto, há apenas oito anos atrás, numa altura em que nos países desenvolvidos, ela já era madura realidade. Parece-nos difícil negar essa interdependência *(métodos de ensino—crítica literária)* e também o fato de que da deficiência dos primeiros decorrem as fraquezas da segunda.

Como suprir aquelas deficiências já é outro e muito sério problema, que, no plano geral, ainda está por ser resolvido e que, por enquanto, só tem sido solucionado no plano restrito do esfôrço individual... E uma das provas dêsses fenômenos é-nos dada por publicações como a que ora nos ocupa. Sem dúvida, são livros como êste de Rui Mourão (como, a seu tempo, o foram os criticados na introdução revisionista...) que, em meio à perplexidade reformista dos caminhos trilhados pela docência e pela crítica atual, surgem como animadores indícios de que, embora lentamente, a cultura universitária brasileira avança e, necessàriamente, acabará por reformular *na prática* (e não apenas no planejamento oficial teórico...) os nossos métodos de ensino, e êstes, por sua vez,... etc....

Fechemos o parêntises e voltemos ao tema inicial. Colocando-se, pois, dentro de uma atualíssima perspectiva crítica, Rui Mourão encara a obra literária como uma «estrutura objectiva, um ser com vida autônoma» e cuja abordagem analítica só tem sentido se partirmos de «um ponto de vista linguístico, estilístico e literário.» Contudo, equilibradamente, o crítico mineiro não perde de vista a inegável relatividade da obra literária e não chega ao extremo de certos formalistas que a consideram como um valor fechado em si, totalmente independen-

«Domingo à Tarde»

Uma editora de Bratislava vai lançar uma tradução eslovaca do romance «Domingo à Tarde», de Fernando Namora, cuja 7.ª edição portuguesa se anuncia para breve, perfazendo assim 45 mil exemplares na nossa língua.

A edição na Checoslováquia de outro dos romances do mesmo autor, «O Trigo e o Joio», havia sido lançada por uma editora de Praga, em checo, tendo-se esgotado em menos de um mês.

Que falta nesta garrafa ?

Porto suficiente para oferecer um cálice aos amigos que o visitam...
Ou a si próprio sempre que se sentir cansado da vida.

CÁLEM VELHO - VIDA NOVA!

te de suas relações com os «elementos da experiência humana e social que estão à base de sua realização».

Tomando sempre, como ponto de partida para a análise, as múltiplas gradações do «foco narrativo», Rui Mourão vai desvendando as mais sutis conotações da intriga articulada pelo romancista, através dos vários elementos estruturais que a compõem: as personagens, o jôgo temporal, a sucessão dos «planos narrativos», a utilização do «espaço», os recursos de linguagem, etc. Note-se, especialmente, a argúcia com que é surpreendida pelo crítico a dialética dos planos narrativos (objectivos e subjectivos), que correm paralelamente ou se mesclam ou se fundem na estrutura global da obra.

Num verdadeiro corpo a corpo com o texto, Rui Mourão descobre a ossatura estilística de cada romance; desvenda os vários níveis de significação de cada estrutura narrativa, não apenas no sentido de detectá-las dentro do romance e descrever-lhes o funcionamento, mas, sobretudo, no de compreender em que medida elas se relacionam com o contexto, isto é, em que medida são elas condicionadas pela essência daquilo de que são portadoras.

Depois da análise isolada de *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Sêcas*, numa abordagem crítica desenvolvida em têrmos rigorosamente estéticos (isto é, tomando a obra literária como um valor absoluto), um último capítulo, «Estruturas e Contextos», reduz os romances à sua inegável dimensão relativa no espaço e no tempo; quando postos em face do panorama socioeconómico-político da época em que foram criados. E é nesse momento que a visão crítica se completa e a obra graciliana aparece claramente como a manifestação estética concreta das realidades abstratas que a condicionaram.

Partindo, pois, da visão fenomenológica do romance graciliano, Rui Mourão num primeiro momento encara-o como o objeto concreto autônomo e absoluto que êle é realmente, como produto acabado e liberto do autor ou da época. Deixa falar o texto, «até que se revelem os seus suportes expressivos fundamentais», até que seus vários de significação sejam desvendados. «A partir dêsse momento o esforço de interpretação se orienta no sentido da descoberta da *unidade da estrutura de significados*, através do levantamento tanto mais completo quanto possível dos diversos extratos, para que se chegue ao amplo descortínio da fisionomia íntima do fenômeno vivo.»

Nesse momento, em que a crítica formalista ortodoxa consideraria terminada a sua tarefa, Rui Mourão prossegue em sua análise, no sentido de «atingir os planos mais amplos e gerais, em que o produto estético deixa de ser, para o intérprete uma *realidade absoluta*, ganhando a *dimensão relativa*, que corresponde à própria maneira de se inserir no processo geral da cultura.»

Como o próprio crítico lembra no capítulo introdutório, «diante de um trabalho de exegese todos são convocados para uma *perspectiva única da obra*», aquela evidentemente que o crítico escolheu para ponto de apoio de sua análise. O que não impede, porém, dada à multiplicidade de facêtas e valores de tôda obra artística, que «outra exegese convoque todos para outra perspectiva de visada da mesma obra.» É evidente, portanto, que com uma única análise, por mais ampla, profunda e arguta que seja, nenhum crítico pode esgotar tôdas virtualidades latentes em uma obra.

Assim, embora esta nova abordagem do romance de Graciliano amplie sobremaneira a significação estética, humana e sociológica do seu universo de ficção, fica claro, principalmente devido aos problemas propostos pelo método utilizado, que muitas outras perspectivas poderão ser descobertas.

Por sua maneira de focalizar os elementos constitutivos da estrutura romanesca, Rui Mourão altera totalmente a perspectiva crítica que, via de regra, vinha sendo aplicada pela crítica aos romances regionalistas (perspectiva característica da tradicional crítica sociológica). Com esta nova abordagem que há tempos já vem sendo exigida, o crítico mineiro preocupa-se em mostrar, não mais *qual é* a problemática regionalista (ou sociológica) expressa na obra de Graciliano, mas sim quais as relações daquela problemática com as estruturas estéticas da obra, ou melhor, que tipos de estruturas romanescas foram por ela condicionados.

E através dêsse nôvo enfoque, *Estruturas* revela de maneira inequívoca que «sem atacar a pintura dos grandes painéis e elegendo os seus personagens entre as pessoas comuns das diferentes categorias da sociedade, o autor de *Angústia* soube manter aquela profundidade de visão em que os gestos individuais se confundem com os colectivos e o drama de um homem vem se colocar na confluência das vicissitudes do destino de um povo.»

Colocando-se, pois, na perspectiva estruturalista e sem cair na estéril teorização que, via de regra, a tem marcado, Rui Mourão desenvolve uma análise que, embora recuse ver a obra literária como um simples epifenômeno das ciências sociais, não se nega a aceitar, como essenciais e atuantes, os elementos sociais que, directamente ou indirectamente a motivaram.

NELLY NOVAES COELHO

(1) Roland Barthes, *Essais Critiques*. Paris, Ed. du Seuil, 1964 (p. 9)

(2) Referimo-nos especialmente às posições adversárias representadas por Picard e Barthes. Cf. Raymond Picard, *Nouvelle critique ou nouvelle imposture*. Paris, J. J. Pauvert, 1965.

Roland Barthes, *Critique et Vérité*. Paris, Edition du Seuil, 1966.

Qu'est-ce que le structuralisme? (textos de Ducrot, Todorov, etc.). Paris, Editions du Seuil, 1968.

A edição francesa

Entre as dezenas e dezenas de livros que as casas editoras francesas publicarão nas próximas semanas, salientamos os seguintes:

— ALBIN MICHEL: Alexander Kalda, *Le vertige;* Guy de Bosschère, *Perspectives de la décolonisation.*

— ANTHROPOS: Adam Schaff, *Langage et connaissance.*

— ARMAND COLIN: Marcel Pacaut, *Les structures politiques de l'Occident médiéval;* Henri Dubief, *Le syndicalisme révolutionnaire;* Marcel Prelot, *Le libéralisme catholique;* René Zazzo, *Les débiles mentales* (todos na colecção U).

— ARTHAUD: Henri Burgelin, *La société allemande contemporaine, 1871-1966;* Pierre Forlin, *La société française, 1851--1914* (numa nova colecção sobre as sociedades contemporâneas).

— AUBIER - MONTAIGNE: M. Corvez, *Les auteurs structuralistes* (Lacan, Lévi-Strauss, Foucault, etc.).

— CALMAN-LEVY: Ernst Nolte, *Le fascisme 1923--1945.*

— DENOEL: Dominique Rolin, *Le corps* (romance); sob a direcção de A. Martinet, *Guide de linguistique;* Boris Nicolaevsky, *Les dirigeants soviétiques et la lutte pour le pouvoir.*

— DESCLEE DE BROUWER: Jean Guitton, *La pensée et la guerre;* Paul Tillich, *La dimension oubliée* (por um dos maiores teólogos do nosso tempo); André Piettre, *La cultura en question* (numa perspectiva conservadora); *Les catholiques hollandais (dossier).*

— L'EPI — Claude Poulain e Claude Wagnon, *L Eglise — assai de critique radicale;* Jean Lestavel, *Les prophètes de l'Eglise contemporaine* (uma antologia do cristianismo actual.

— FLAMMARION: François Mauriac, *Un adolescent d'autrefois* (com 84 anos, Mauriac volta ao romance); Jacqueline Kauffman, *Naissance d'une bourgeoisie russe* (Col. Nouvelle Bibliothèque Scientifique).

— GALLIMARD: José Cabanais, *Des jardins en Espagne;* Félicien Marceau, *Creezy;* Vergílio Ferreira, *Alegria Breve* (um grande romancista português aparece traduzido na Gallimard); George Mounin, *La communication poétique* (por um linguista e um leitor de poesia); Michel Foucault, *L'archéologie du savoir* (trata-se, provàvelmente, do trabalho de sistematização teórica do método usado em *Les mots et les choses;* alguns fragmentos apareceram em *Esprit* e em *Cahipps pour l'analyse);* Karl Lowith, *De Hegel à Nietzsche* (tradução de uma obra famosa); Alexander Mitscherlich, *Vers la société sans pères* (na colecção *Connaissance de l'inconscient*); Oscar Lewis, *La vida* (pelo autor de *Les Enfants de Sanchez);* Cesare Pavese, *Travailler Fatigue* e *La mort viendra et elle aura tes yeux;* Arthur Adamov, *Off limits* (a peça de Adamov sobre a América, actualmente em cena em Paris).

— PAYOT: Francis Pasche, *A partir de Freud* (da perspectiva da psicanálise mais conservadora).

— ROBERT LAFFONT: Renato Ghiotto, *L'esclave* (alguns dizem que se trata da *Histoire d'O italiana).*

— FRANÇOIS MASPERO:: Yves Bénot, *Les idéologies afriquaines;* volume colectivo, *Racisme et société;* Alain Badiou, *Le concept de modèle* (por um grande romancista, que é, também, um excelente filósofo).

— TCHOU: René Crevel, *L'esprit contre la raison* e *Dali ou l'obscurantisme* (textos de um importante autor surrealista, que se suicidou em 1935).

— EDITIONS DE MINUIT: Gilles Deleuse, *Spinoza et les problèmes de l'expression* (por um dos mais importantes filósofos franceses da actualidade, que, entretanto, anuncia para as edições da P. U. F. um livro intitulado *Différence et répétition);* E.-H. Carr, *La révolution bolchévique; Essais sur le langage* (volume colectivo para a colecção «Le sens commun»); Herbert Marcuse, *Essai sur la libération* (o mais recente livro de Marcuse).

Anomia e evasão

(Continuação da 5.ª página)

humana precisa de ser disciplinada, são degraus que se sobem ou descem, conforme os gostos.

O fenómeno do suicídio nas sociedades mais evoluídas pode ser de facto caracterizado no domínio de análise aberto pelo conceito de anomia: o suicídio é o acto culminante de isolamento. E o isolamento é a condição comum a todos os homens sujeitos a um tipo de sociedades altamente lucrativas onde a divisão das funções é levada até à pulverização, onde o grupo de trabalho é uma entidade abstracta e não uma forma de relação, onde a aparente quebra das disciplinas mascara o estabelecimento da disciplina total da massificação.

A ERA DA ANOMIA

Através do suicídio o indivíduo procura evadir-se da felicidade que a civilização põe ao seu dispôr: *Seja feliz!*

A imposição da felicidade é acompanhada pelos padrões necessários para a sua realização: os heróis.

As imagens contam ao longo dos dias a saga dos heróis: assim o homem comum sabe onde está a felicidade. Mas quando as imagens cessam, e no espaço da casa a realidade quotidiana se refaz, é a fuga que ocorre.

Quem tem uma mulher como a Miss Mundo? Quem é capaz de voar como o Super-Homem? Quem vai de «Yatch» para as dos mares do sul?

No dia seguinte é preciso marcar o ponto às 8 horas. E pagar a prestação do frigorífico. E o que será esta dor do lado direito? Como foi possível descer da elevação dos conceitos (anomia, etc.) até ao nível da imagem em pijama que nos persegue no espelho da casa de banho?

A culpada é a anomia. Estamos na ERA DA ANOMIA!

E quem não quiser que se vá embora.

EVASÃO

O suicídio não será a única forma de evasão característica das sociedades de consumo.

A mais importante, à data, parece ser a droga. De certo modo a passagem do suicídio à droga traduz já uma relativa tomada de consciência. O suicídio (social) é um acto de contrição: o indivíduo considera-se inteiramente responsável pelo seu fracasso. A droga é a evasão condenatória para a sociedade: o indivíduo sente-se ludibriado, procura refúgio em si. Numa fase posterior o isolamento que resulta das estruturas sociais é vencido pela cumplicidade: de novo os indivíduos isolados se agrupam em tribos. Mas esses esboços das sociedades espontâneas à margem da sociedade são embriões doentes e sem viabilidade.

Aqui termina a evasão. Para lá da evasão há o esforço que representa a tomada de consciência.

Talvez um estudo cuidadoso deste conceito ainda vago e mal estruturado de *anomia*, que exprime a complexidade do desencontro entre os indivíduos e o meio social em que vivem, sejam um caminho para a compreensão do mal-estar que se manifesta com uma intensidade crescente e tantas vezes sob formas absurdas e inconsequentes.

JÚLIO MOREIRA

F. CHAZEL, «Considérations sur la nature de l'anomie», in Rev. Franç. Sociol., Avr.-juin 67;

E. DURKHEIM, De la division du travail social, 7.ª ed. Paris, Le Suicide, nova ed. 1960;

R. K. MERTON, Social Theory and Social Structure, 2.ª ed. Glencoe, 1957;

T. PARSONS, Essays on Sociological Theory, Glencoe 1954;

W. I. THOMAS & ZNANIECKI, The Polish Peasant in Europe and America, New York 1927.

Cinema «underground» entre nós?

(Continuação da 8.ª página)

-objecto-de-arte, como um quadro ou um poema.

Ora, isto nada tem a ver com o cinema, com a engrenagem da produção, realização e exibição dos filmes que empregam profissionais e custam muito dinheiro. Ora isto tem tudo a ver com o cinema, com a invenção de poesia por imagens. Aquele cinema está só ao alcance de uns poucos, peças (quase sempre) de uma engrenagem que os supera — os melhores tentando criar engrenagens menos manietadoras; este, pelo contrário, está ao alcance de todos os que, mesmo sem certificado de habilitações, decidam jogar o jogo da criação fílmica, em 8, 16 ou, até (por que não, se para tanto houver o cifrão propulsor?), em 35 milímetros. Para tanto bastará a obtenção de alguns meios materiais e, sobretudo, o combate à inércia. O resto é para onde puxar a inventiva de cada qual.

Outros exemplos, que não sòmente os de Carlos Calvet e Granjeio Crespo, poderão vir à baila. Exemplos de um cinema *livre* e nem por isso menos rigoroso (se não mais) na sua estrutura e orientação estética. Por outro lado, no decorrer da aludida sessão do Curso de Formação Artística obtivemos a informação de que alguns alunos se propõem realizar, em comunhão de esforços e finanças, pequenos filmes experimentais. Meros filmes de amadores? Esperemos que não. Filmes para a grande comunicação de massas? Também não, por certo. Filmes como sonhos materializados, investigações plásticas, discursos rítmicos, (re)descobertas da realidade promotora dos símbolos da arte, protopoemas animados. Não estaremos, então, na presença do «cinema novo» (fórmula que respeita à criação de um cinema artisticamente digno, porém obrigado a rendimento comercial) mas de um novo cinema. Sem grandes «écrans», sem grandes salas, sem grande público, sem grande informação publicitária. *Underground*. Marginal. Independente. Onde a proposição artística poderá respirar a plenos pulmões.

Assim seja.

RICARDO SOEIRO

Sem exércitos na noite

por José Vaz Pereira

THE ARMIES OF THE NIGHT
(Os Exércitos da Noite)
por *Norman Mailer*
2.ª parte *The novel as history — The Battle of the Pentagon* (O romance como história — A batalha do Pentágono) publicado pelos *Penguin Books*

NA PRIMEIRA PARTE deste livro, a História como um Romance — os Degraus do Pentágono, era Mailer vivendo uma confrontação, relatando-a dentro dum determinado clima psicológico, servindo-se de toda a sua experiência de escritor e de homem. Por isso, em certo sentido, não havia limites para um americano irascível e com a preocupação do estilo que tanto falava da mulher, como das cobardias dos organizadores da célebre marcha, como das raparigas que desabotoavam as blusas diante dos soldados, como do fantasma de Lyndon B. Johnson, como de toda a filosofia do «drugstore» da esquina, como das flores enfiadas nas espingardas. Mailer tomara um jacto para Washington a fim de participar na manifestação e, logo desde o início, nos declara estar disposto «a viver o acontecimento até ao fim».

Na segunda parte, este panorama altera-se. O escritor mostra-se menos interessado na sociologia pitoresca que rodeia, num universo de comunicações de massa, a batalha irremediàvelmente indecisa entre os «hippies», o poder negro, todos os grupos, todos os «comités», todos os satélites e asteróides duma esquerda americana sempre a renascer e sempre por organizar dum lado e a cidadela do sr. Mac Namara do outro lado e mais interessado numa explicação distanciada do fenómeno, numa tomada de posição mais consciente e fria sobre os acontecimentos de Outubro de 1967.

Confrontação no Pentágono

Certamente que não foram dias que abalaram o Mundo. A sua sequela, a sua continuação de combatividade ideológica iria provar, porém, que estariam na origem da crise que determinou, em fins de 1968, o afastamento da administração Johnson. A marcha mostrou, sem dúvida, o momento mais alto duma explosão de irreverência política e ilustrou a profundidade do dissídio que reinava no país. Foi o momento das «boas consciências» se reunirem nos bastidores e chegarem á conclusão tardia que alguma coisa corria mal.

Mailer é um encenador literário suficientemente hábil para erguer um fresco anti-retórico, preciso como um gráfico de produtividade, da situação ideológica dos E. U. no fim dos anos sessenta. Situação que, com todas as suas falhadas glórias, contradições e monstruosidades, se mostra particularmente rica para um observador arguto. Para lá da TV e das notícias tipo embalagem prefabricada, há sempre uma história quantas vezes fascinante para contar.

Os operários não participaram na demonstração. Nem, evidentemente, a élite do poder. Os extremistas isolaram-se. Os sindicatos—mais conservadores do que nunca — alhearam-se duma acção que lhes pareceu quixotescamente antipatriótica e sem resultados imediatos no campo prático.

Assim a tarefa incómoda de enfrentar a força mecânica do Estabelecimento tecnológico, político e militar caiu sobre a classe média, sobre os liberais cor-de-rosa. Essa classe média que é simultâneamente símbolo da América com as suas esposas sorridentes, com os seus carros, com os seus frigoríficos, com os seus aparelhos de TV e com o seu idealismo bem comportado e maldição da América que recusa a ver nela algo mais do que o retrato-tipo dum consumidor. E essa maldição é precisamente o carácter desajeitado duma boa vontade reformista despedaçada entre o mayor Daley e Rap Brown que se agarra com desespero ao Vietnam como a última das causas disponíveis. Que, lutando, quer negar a sua colaboração, a sua participação em tudo que a compromete, inclusive a intelligência burocrática que habita o interior da fortaleza de aspecto «anómino, monótono, maciço, imutável».

Por isso, a história da marcha vale pelo «hara-kiri» ideológico da classe colaborante por excelência e pela sensação de

Mailer: consciência fria em Outubro de 67

cansaço que invade a burguesia americana pronta a ceder a luta aos outros. A ser devorada, ultrapassada pela energia dos mais duros.

Assim depois das primeiras escaramuças, depois da muralha de aço, capacetes, bastões e baionetas ter reduzido a silêncio, a ter empurrado para fora do bastião a «desordem» os manifestantes da classe média partiram como tinham chegado. Em autocarros fretados.

E, face ao bloco, espalhados pelos bosques como os pioneiros, ficaram os resistentes. Que cantaram, que meditaram, que amaram e que foram acendendo, uma aqui, outra acolá, fogueiras na noite. Fogueiras que eram pontos luminosos, uma notícia de camaradagem, um rito quase histórico duma vigília perante a ameaça incomensurável dum incomensurável poder.

As sentinelas devem ter olhado os fogos e perguntado porque é que eles ardiam. Ali. Naquele momento e naquele local.

Para dizer isto, Mailer escreveu o romance como história. E a história demorou menos de um ano para provar que ele tinha razão e que a aparente fragilidade e a precariedade das fogueiras venceram outras muralhas, penetrando-as e amolecendo-as como uma faca quente a cortar manteiga. No fim da longa vigília, a aurora começava a ser real.

Cinema «underground» entre nós?

EM 1964 o pintor Carlos Calvet realiza dois pequenos filmes em 8 mm, preto e branco, e sem banda de som: um, sem título, conta com a participação (como actores, ou figurantes) de Lisa, António Areal e Manuel Baptista; o outro — *Momentos na Vida do Poeta* —, um pouco mais longo, é interpretado por Mário Cesariny e João Rodrigues.

Que saibamos, a única referência a estes filmes experimentais surgiu na antologia «A Intervenção Surrealista», que foi organizada por Mário Cesariny de Vasconcelos e publicada, em 1966, pela Editora Ulisseia.

Tivemos, há pouco, a oportunidade de os ver numa sessão do Curso de Formação Artística da S. N. B. A., sessão onde foram igualmente projectados um clássico do cinema mudo e outro filme experimental (este em 16 mm, colorido e sonorizado) da autoria do dramaturgo Manuel Granjelo Crespo: *Santuário*.

Carlos Calvet e Granjelo Crespo estavam presentes e falaram: do pouco dinheiro utilizado para a realização das fitas, da técnica necessàriamente rudimentar, das ideias motoras das suas experiências. Pouco diálogo houve. Mas ficaram todos a saber que para a realização de curtos filmes experimentais as dificuldades monetárias não são intransponíveis: Calvet chegou mesmo a informar que a despesa feita com um dos seus filmes não atingira os duzentos escudos!

Estaremos em presença de um cinema *underground*, fora mesmo do âmbito em que se processa a realização dos chamados filmes de amador — estes com festivais, concursos, clubes organizados?

De certo modo, atendendo ao carácter dos três filmes exibidos na S. N. B. A. ...Longe, muito longe das fitinhas que mostram o menino a soprar as velas do bolo de aniversário ou o gato a perseguir o novelo de lã, longe, ainda, dos enquadramentos delambidos, dos poentes em contra-luz ou dos vagos itinerários de vagos personagens que servem apenas de pretexto para um amontoado de imagens estafadamente «artísticas», os filmes de Calvet e de Granjelo Crespo, rudimentares embora (especialmente *Santuário*, prejudicado por uma quase ausência de ritmo narrativo), transportam uma carga poética, uma riqueza de símbolos, uma força onírica, uma *ferocidade* (trágica, como em *Santuário*, ou repassada de humor negro, como em *Momentos na Vida do Poeta*) que fazem deles exemplos muito aproximados — salvo as devidas distâncias, de técnica, de dinheiro, sobretudo de disponibilidade conceptual — de um certo *underground* americano (*Scorpio Rising*, de Kenneth Anger, em tantos pontos paralelo de *Santuário*) ou de um certo *underground* surrealista — e estamos a associar, sem risco de maior leviandade, o carácter dos filmes de Carlos Calvet com a proposta poética de *Un Chien Andalou*.

Fotograma de «Momentos na Vida do Poeta», filme expenimental de Carlos Calvet: o «underground» ao alcance de todos

Underground, portanto, se bem que lusíada, isto é, ainda tímido, pobrezinho, fruto de um entusiasmo de circunstância, provàvelmente sem continuidade, sem estímulo, sem público, sem crítica — logo, um *underground* ainda mais subterrâneo que o outro, que até já garantiu circuitos próprios de exibição e vem ganhando uma crescente receptividade.

Fora das cliques dos cineastas (novos ou velhos, para o caso tanto faz), fora dos esquemas em que se organiza a promoção do filme como objecto comercial ou comerciável (o que também não está em causa), fora, mesmo, do conhecimento dos cinéfilos «profissionais», dos topa-a-tudo, um pintor rodeia-se de poetas-pintores, um dramaturgo «caça» um operador amigo e um intérprete-sem-qualquer-experiência e atiram-se à aventura do sonho filmado, à demanda do imaginário-por-imagens, à alegria da invenção fílmica, sem regras por outros estabelecidas, sem frustradoras preocupações de escrita, sem mira de lucro ou sequer de êxito público. Alguns amigos, uma câmara, algum dinheiro, algumas horas ganhas ao quotidiano — é ela o filme-

(Continua na 7.ª página)

obras de
JOSÉ GOMES FERREIRA
acaba de sair
O MUNDO DOS OUTROS
histórias e vagabundagens
3.ª edição

PORTUGALIA EDITORA